

# EDUCAÇÃO ATUAL: PRÁTICAS DOCENTES E APRENDIZAGEM

*Organizadora  
Sileide Mendes da Silva*

EDITORA  
**UNION**

# EDUCAÇÃO ATUAL: PRÁTICAS DOCENTES E APRENDIZAGEM

*Organizadora  
Sileide Mendes da Silva*

EDITORA  
**UNION**

© 2022 – Editora Union

[www.editoraunion.com.br](http://www.editoraunion.com.br)

editoraunion@gmail.com

**Organizadora**

Sileide Mendes da Silva

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editores e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Union

**Revisão:** Respective autores dos artigos

**Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e Silva, Sileide Mendes da  
Educação Atual: Práticas Docentes e Aprendizagem / Sileide Mendes da Silva (organizadora). – Formiga (MG): Editora Union, 2022. 190 p. : il.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-84885-08-0  
DOI: 10.5281/zenodo.6965192

1. Educação. 2. Práticas Docentes. 3. Aprendizagem. 4. Ensino. I. Silva, Sileide Mendes da. II. Título.

CDD: 370  
CDU: 37

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.editoraunion.com.br](http://www.editoraunion.com.br)  
[editoraunion@gmail.com](mailto:editoraunion@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.editoraunion.com.br/2022/08/educacao-atual-praticas-docentes-e.html>



**AUTORES**

**ANDERSON LIBERATO GOMES**

**AUCILEIA DA COSTA SANTOS**

**CÍCERA MARIA DE MELO SILVA**

**HUDMILLA DE SOUSA ARAGÃO**

**LAÍS DOS SANTOS FERREIRA**

**LAÍS SAAVEDRA SANTOS**

**MAGNÓLIA DE ARAÚJO MUNIZ**

**MILENA BRITO ALVES**

**OTÁVIA PASSOS BEZERRA**

**PAULINA DOS PASSOS JORDÃO SANTANA**

**SILEIDE MENDES DA SILVA**

**TAYNÁ SANTOS ARAÚJO FERREIRA**

**VALÉRIA AMORIM TORRES**

**ZAYNE NUNES DA SILVA LIMA DE ALMEIDA**

## APRESENTAÇÃO

Com o avanço da tecnologia em todos os setores da sociedade, inclusive na Educação, surgem novas formas de ensino e o uso de outras ferramentas mais prioritárias do que as tradicionais apostilas. Além disso, os alunos não são os mesmos. Nascidos em um contexto digital e em um mundo que tem pressa, eles esperam por um ensino diferente e mais interessante.

Por essa razão, os desafios de ser professor nos dias atuais são muito maiores, o que torna necessário conhecer esses desafios para se preparar e superá-los, a fim de continuar a missão de ensinar.

As dificuldades já existiam no passado, mas os desafios de ser professor nos dias atuais são outros e muito mais exigentes. Afinal, o mundo está mudando e cobrando que professores, gestores e alunos se adaptem rapidamente. Dessa forma, é importante que o professor esteja pronto para buscar soluções e vencer essas situações, de modo a assumir o seu papel de educador com mais qualidade.

Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos de diferentes áreas da Educação, contabilizando contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização de muitas metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> <b>A ÉTICA NA CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO DE PROBIDADE, EFICIÊNCIA E DILIGÊNCIA</b> <i>Anderson Liberato Gomes; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>9</b>
<b>Capítulo 2</b> <b>A ALFABETIZAÇÃO NO CAMPO: A REALIDADE DA CIDADE DE REMANSO BAHIA</b> <i>Aucileia da Costa Santos; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>25</b>
<b>Capítulo 3</b> <b>INCLUSÃO ESCOLAR: OS DESAFIOS DA CRIANÇA COM TRANSTORNOS DE DISLEXIA</b> <i>Cícera Maria de Melo Silva; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>39</b>
<b>Capítulo 4</b> <b>CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> <i>Laís dos Santos Ferreira; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>54</b>
<b>Capítulo 5</b> <b>A CRIANÇA E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM</b> <i>Milena Brito Alves; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>66</b>
<b>Capítulo 6</b> <b>ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL</b> <i>Otávia Passos Bezerra; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>78</b>
<b>Capítulo 7</b> <b>PROCESSOS QUE OS ORIENTADORES DE TCC - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PASSAM PARA GARANTIR QUALIDADE NOS TCC</b> <i>Paulina dos Passos Jordão Santana; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>89</b>
<b>Capítulo 8</b> <b>ANSIEDADE E DEPRESSÃO DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR</b> <i>Laís Saavedra Santos; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>96</b>
<b>Capítulo 9</b> <b>TORNAR-SE PROFESSORA ALFABETIZADORA: SABERES NECESSÁRIOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA</b> <i>Magnólia de Araújo Muniz; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>111</b>
<b>Capítulo 10</b> <b>PROCESSO DE AGREGAÇÃO DE VALOR AS PESSOAS NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL</b> <i>Tayná Santos Araújo Ferreira; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>122</b>

<b>Capítulo 11</b> <b>REFLEXÃO ACERCA DO SUICÍDIO: O AMBIENTE ESCOLAR E FAMILIAR FRENTE A FORMAÇÃO DAS EMOÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b> <i>Valéria Amorim Torres; Sileide Mendes da Silva; Hudmilla de Sousa Aragão</i>	<b>141</b>
<b>Capítulo 12</b> <b>EMOÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR: A BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO ALIADA NESSE PROCESSO</b> <i>Valéria Amorim Torres; Sileide Mendes da Silva; Hudmilla de Sousa Aragão</i>	<b>157</b>
<b>Capítulo 13</b> <b>ATUAÇÃO DOS TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS EDUCACIONAL NO COLÉGIO MUNICIPAL RUY BARBOSA, NA CIDADE DE REMANSO BAHIA</b> <i>Zayne Nunes da Silva Lima de Almeida; Sileide Mendes da Silva</i>	<b>173</b>
<b>AUTORES</b>	<b>187</b>

**Capítulo 1**  
**A ÉTICA NA CONTABILIDADE COMO**  
**INSTRUMENTO DE PROBIDADE, EFICIÊNCIA E**  
**DILIGÊNCIA**

*Anderson Liberato Gomes*  
*Sileide Mendes da Silva*

## A ÉTICA NA CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO DE PROBIDADE, EFICIÊNCIA E DILIGÊNCIA

**Anderson Liberato Gomes**

*Estudante do curso em Ciências Contábeis da Faculdade Alfredo Nasser –  
Remanso – Bahia. E-mail: [andersonliberato236@gmail.com](mailto:andersonliberato236@gmail.com)*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e  
coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado  
(Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares)  
(PPGFPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br);  
[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)*

### RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com intuito de mostrar aos leitores algumas das regras que regem o Código de Ética Profissional do Contador - CEPC, e para nortear os contadores sobre como a ética ajuda no desenvolvimento e crescimento profissional. Fundamentado na pesquisa bibliográfica, os autores elencados mostram que o contador no início das suas atividades no Brasil era apenas visto como um guarda livros, alguém que apenas fazia apuração de tributos para o governo. Atualmente, algumas pessoas ainda têm esse pensamento antigo, mas com o passar do tempo notou-se que o contador tem a capacidade de mostrar, através de índices contábeis, a real situação da empresa, como ela se encontra financeiramente, sendo assim grandes aliados das empresas, funcionários e todos os usuários externos, como por exemplo investidores. Tendo em vista esse grande poder que o contador tem, há uma necessidade de sempre desempenhar suas funções com ética e zelo a profissão e a seus colegas de trabalho. Houve uma busca sobre a história da contabilidade, como ela era desenvolvida por nossos ancestrais sem eles terem ciência de que estavam praticando atos contábeis, uma forma empírica de mensuração de patrimônio que chega a ser mais antiga do que a própria escrita, na forma em que conhecemos hoje.

**Palavras-Chave:** Ética. Contador. Ciências Contábeis.

## 1 INTRODUÇÃO

A ética é uma parte da filosofia que tem como objetivo investigar os princípios que disciplinam e motivam as ações humanas que podem ser consideradas certas ou erradas, sendo ético ou antiético em determinada ação. Ser ético é saber seguir um código de conduta de uma determinada sociedade, pois o que para uma sociedade pode ser considerado ético para outra pode ser uma prática antiética, mas, a sempre comportamentos que em qualquer sociedade é considerada antiético.

A ética socrática diz que o ser humano não é mau, ele é ignorante, diz também que ser ético é ter valores e caráter. Para que haja uma boa relação entre indivíduos de um mesmo grupo é necessário que os mesmos tenham um bom entendimento do que é ter valores e princípios morais.

Para a contabilidade, ser ético é ser um profissional que faz tudo em conformidade com a lei, não precisa denegrir a imagem de outros contadores para elevar o seu trabalho, visando sempre a dignidade profissional e está sempre se atualizando para não prejudicar o seu cliente. Ser ético, é acima de tudo, não ser um profissional que quebra o código de ética da contabilidade, visando sonegar deveres e obrigações de seus clientes.

Temos alguns deveres como contadores para com nossos clientes, o dever do sigilo, da transparência, da honestidade e do zelo e diligência, todos esses deveres fazem com que os contadores sejam bem vistos aos olhos dos clientes e é sempre importante que o contador passe uma boa impressão e segurança para as pessoas.

A seguinte temática foi escolhida para que haja uma melhor compreensão do que é ética e como essa ética implica em ações e como nos portamos no decorrer do dia a dia, tanto no ambiente de um escritório contábil, quanto em um ambiente empresarial. Quando trazemos à tona o código de ética profissional do contador, temos como um dos deveres do contador o de não prejudicar a dignidade, e atualmente existem profissionais que não sabem o valor do seu trabalho, cobrando preços muito abaixo do que realmente deveria ser cobrado, esse tipo de atitude abaixa muito a dignidade e moral do profissional contábil.

Temos a ética como um conjunto de instruções de como devemos nos portar como profissionais e o que é aceito como correto ou não para os contadores. É de extrema importância que os contadores tenham ciência do que o código de ética do profissional da contabilidade traz, pois, atendendo a ele temos uma contabilidade mais

honesto e mais eficiente de modo a usarmos ao nosso favor como um norte sem que seja ferido algum regulamento ou lei.

No decorrer do último século tivemos alguns escândalos milionários sobre fraudes contábeis em grandes empresas privadas, o que faz com que os contadores repensem muito sobre suas atitudes e se o papel que estão desempenhando realmente condiz com o código de ética do profissional contábil. Trazer à tona qual o papel da ética e como essa ética pode ajudar a trazer uma imagem mais positiva e confiável é fundamental, visto que, ser ético pode trazer muitos benefícios futuros, como até uma possível expansão de clientes, clientes esses que sabendo que aquele profissional trabalha com competência irão confiar em deixar o mesmo os representarem.

Com base nas colocações acima, surgiu o seguinte problema: como a ética pode se tornar um instrumento em que o profissional contábil possa utilizar para alcançar o máximo de eficiência e probidade no exercício da contabilidade?

Com o devido conhecimento sobre questões éticas e aplicando o conhecimento na sua atuação, é possível que os contadores trabalhem com mais confiança e segurança, sendo assim, desempenharão um trabalho mais eficiente e sempre probo com seus clientes.

O conhecimento é algo infinito e estar sempre se atualizando é uma forma de agir sempre correto e de ser diligente, estar sempre em busca do melhor para seu melhor empenho profissional. Ser eficiente é conseguir o melhor rendimento com o menor uso de recursos e o menor desperdício, trazendo para a contabilidade temos os prazos a serem cumpridos nos lançamentos contábeis e na geração de documentos da empresa para serem pagos, para assim não trazer prejuízos a seus clientes por pagamentos ou entrega de documentação fora de prazo.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a ética como um instrumento eficaz no desenvolvimento da eficiência, probidade e diligência na atuação contábil. Como objetivos específicos temos: História da Contabilidade, como surgiu e como foi seu início no Brasil; Como a ética pode melhorar a relação interpessoal; analisar que sendo probo e diligente há mais chances de crescer como pessoa e como profissional de modo que aumenta a eficiência de seu trabalho passando mais confiança para seus clientes.

Para dar maior fidedignidade ao seguinte trabalho, foi realizada de forma objetiva pesquisas em livros e artigos que foram ao encontro da proposta do trabalho,

houve uma busca sobre etimologia da palavra ética, Lisboa (2012), que aborda o código de ética profissional do contabilista (CEPC), Ludícibus (2010) comenta que a contabilidade chega a ser tão antiga quanto o homem é capaz de pensar, Passos (1993) enfatiza que os códigos de éticas profissionais tem o dever de assumir um pacto de vida e com a vida, Stukart (2003) traz que a ética é um ramo da ciência que visa o estudo da perfeição do homem, dentre outros.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

A evolução da contabilidade pode se resumir da seguinte forma (BÄCHTOLD, 2011), Contabilidade do mundo antigo - Inicia-se a partir da civilização humana e se estende até meados de 1202 depois de cristo, época em que houve a publicação da obra de Leonardo Fibonacci sobre cálculo comercial.

Contabilidade do mundo medieval - Época que vai de 1202 e se estende até 1494, ano em que foi publicada a obra de Frei Luca Pacioli, *Tractatus de Computis et Scripturis* (Contabilidade por partidas dobradas), que traz à tona a teoria de que para cada débito se tem um ou mais créditos de igual valor, e vice-versa. Pacioli é considerado o pai dos autores da contabilidade.

Contabilidade do mundo moderno - Se estende de 1494 até 1840, quando surge a obra do Francesco Villa, "*La Contabilità Applicata alle amministrazioni Private e Pubbliche*" (A Contabilidade Aplicada às Administrações Públicas e Privadas), premiada pela Áustria e marcante para história da contabilidade.

Contabilidade do Mundo Científico - Tem seu início no ano de 1840 com a obra do Francesco Villa, segue até os dias atuais, e é considerada o marco inicial da contabilidade enquanto ciência (BÄCHTOLD, 2011).

Sá (2010), enfatiza que é necessário retratar toda história da contabilidade desde as profundas origens, para que assim haja uma compreensão do quão importante é a contabilidade no ramo do saber humano.

Ludícibus (2010), comenta que a contabilidade chega a ser tão antiga quanto o homem é capaz de pensar. Reforça ainda que sendo pessimista poderia dizer que chega a ser tão antiga quanto a própria escrita na sua forma primordial sendo expressa por simbologias.

Segundo Ludícibus, Marion e Faria (2009, p.3):

Imagine um homem, na antiguidade, sem conhecer números e, muito menos, a escrita, exercendo a atividade de pastoreio. O inverno está chegando. O homem prepara toda a provisão para o sustento do seu rebanho de ovelhas olhando para um período longo de muito frio que está se aproximando. Ainda que ele nunca tenha aprendido sobre os meses do ano, ele sabe que a neve está se aproximando, pois, as folhas das árvores ficaram amarelas, e caíram, e assim ocorreu no passado por inúmeras vezes. Ele não sabia o que eram as estações do ano, mas tinha experiência: árvores secando, frio chegando.

Com o início das civilizações humanas, onde o homem passou a plantar e pastorar rebanhos, época em que o homem se fixou em um só lugar e começou a povoar, houve a necessidade da mensuração dos bens que eles tinham, essa mensuração era feita de forma empírica, ou seja, não se tinha conhecimento de que fazendo um levantamento quantitativo dos seus bens estavam praticando de forma indireta a contabilidade.

O surgimento da contabilidade se deu através das necessidades diárias do ser humano de controlar seu patrimônio e gerar lucros em suas negociações comerciais. Na bíblia no livro de Lucas capítulo 14, versículo de 28:30 diz:

De fato, se alguém de vocês quer construir uma torre, será que não vai primeiro sentar-se e calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar? Caso contrário, lançará o alicerce e não será capaz de acabar. E todos os que virem isso, começarão a caçoar, dizendo: 'Esse homem começou a construir e não foi capaz de acabar!'. (BÍBLIA, 1992)

Na passagem bíblica citada acima retrata um momento histórico onde Jesus fala sobre calcular as despesas para saber se existe capital suficiente para que seja possível concluir a construção da torre, para que não fique sem concluir e venham a zombar do construtor.

Em outra passagem pelo livro de Lucas no seu capítulo 16, versículo de 1 a 7 temos uma história relatada por Jesus sobre um administrador que fraudou seu patrão alterando registros contábeis sobre dívidas a receber dos devedores (BÍBLIA, 1992).

## 2.2 História da Contabilidade no Brasil

No Brasil, devido à grande intensidade de expedições marítimas feitas para exploração de metais preciosos, pedras preciosas, madeiras e derivados da cana de açúcar, na época do Brasil Colônia que ocorreu de 1500 a 1808, houve medo por parte de Portugal de possíveis ameaças de invasões estrangeiras, com isso, Portugal

cria em 1549 os armazéns alfandegários que ficou sob a responsabilidade de Gaspar Lamego, nomeado assim o primeiro contador geral do Brasil. (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE - CFC, 2016)

Em 1679, foi criado o primeiro órgão de ordenação e fiscalização das receitas e despesas do Estado Português, e ficou conhecida como a Casa dos Contos do Reino, que trazendo para atualidade tem a mesma finalidade dos tribunais de contas, seu objetivo era reunir escrituras de receitas e despesas estatais. Em 1761 houve sua extinção, substituído pelo Erário Régio, que tinha sede em Lisboa até o ano de 1807, ano esse em que foi transferida a corte portuguesa para o Brasil, essa transferência se deu pela entrada de Portugal nas guerras napoleônicas. Em 1808, com a Família Real já instalada no Brasil, foi restituído o Erário Régio com sua sede no Rio de Janeiro. Com isso Erário Régio teve mais autonomia e foi-se desenvolvendo socioeconomicamente, e então foi adotado no Brasil o método das partidas dobradas, desenvolvido por Frei Luca Pacioli, método que já era usado por Portugal. (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE, 2016)

Erário Régio era composto por um presidente, um contador e um procurador fiscal. Com o intuito de capacitar esses profissionais, foi criado em 1809 a Aula de Comércio, com formações em práticas contábeis e mercantis, que era exigida pelo rei para poder trabalhar na Contadoria do Reino do Brasil. Com a independência do Brasil em 1822, Erário Régio do Rio de Janeiro passou a se chamar de Ministério da Fazenda. Anos mais tarde em 1856 a Aula de Comércio foi reestruturada e passou a se chamar de Instituto Comercial do Rio de Janeiro.

O Código Comercial criado em 1850 trouxe a obrigatoriedade da escrituração contábil e da elaboração anual do balanço patrimonial (SCHMIDT, 1996). Em 1960 houve correções no código, com a Lei nº 1.083, que trouxe também obrigações como, a publicação e o envio ao governo nos prazos estabelecidos do balanço, das demonstrações e dos documentos determinados. Devido a tantas determinações o Instituto Comercial do Rio de Janeiro se viu com a necessidade de oferecer a disciplina de Escrituração Mercantil em 1863, com o propósito de qualificar seus alunos para desempenhar o exercício da escrituração contábil. (CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE, 2016)

Segundo o Conselho Federal de Contabilidade (2016), em 1869 foi criada a Associação dos Guarda-Livros da Corte, que após um ano foi oficializado como a

primeira profissão liberal do Brasil, reconhecida pelo decreto Imperial nº 4.475 de 1870, reconhecendo assim a profissão contábil no Brasil.

### **2.3 Breve histórico do surgimento do código de ética contábil**

Em conformidade com Abreu (2012), a admissão a esse código intensificara a integração entre os colaboradores da empresa, de modo que trará mais segurança com a aplicação das normas em relação à condução da ética, podendo também ser usada como parâmetro para solução de problemas, e servindo como auxílio para empresa evitar desvios de condutas vindas de seus colaboradores.

Porém, além da adesão e cumprimento do código de ética estabelecidos internamente na empresa, cabe aos colaboradores se adequar também aos padrões éticos impostos na sociedade em que a empresa está inserida, pois proverá comportamento justo e adequado em conformidade com o cargo exercido na entidade, levando em consideração que as decisões a serem tomadas estarão alinhadas a honestidade, integridade, humildade e coragem (SÁ, 2009).

Para Lisboa (2012), o código de ética profissional do contabilista (CEPC) tem como objetivo principal o de capacitar profissionais a adotarem uma conduta particular de acordo com o que é considerado ético e é aceito pela sociedade em que está inserido. O CEPC iniciou em 1950 no V Congresso Brasileiro de Contabilidade, em Belo Horizonte e foi sancionado através da resolução CFC nº 290/1970 somente vinte anos depois, pois foram necessários vários estudos e amadurecimentos.

Logo após, veio sua segunda versão em 1996 através da resolução CFC nº 803/1996 que estava vigorando até o final de maio de 2019, em 1º de junho de 2019 começou a vigorar uma nova atualização no código de ética que ocorreu através da Norma Brasileira de Contabilidade - NBC Nº 1 de 07/02/2019 que foi publicado no Diário Oficial da União - DOU em 14/02/2019 surgindo assim o Código de Ética Profissional do Contabilista - CEPC como é conhecido atualmente (NBC Nº1, 2019).

Segundo Alves (2005), reforça que o principal motivo de se cumprir o Código de Ética Profissional do Contabilista – CEPC é assimilação que o profissional tem de que essas normas são úteis e servem como um manual que os conduzirá para uma boa conduta e reconhecimento, não só pelo medo de se descumprir serão aplicadas punições ao profissional.

## 2.4 O que é ética e como ela ajuda num bom desenvolvimento do ser humano

Ética é um ramo da filosofia que estuda os comportamentos do ser humano dentro de uma sociedade, esses comportamentos temos como hábitos morais ou imorais. Lustosa (2012), diz que moral é pegar aquilo que a ética diz ser bom e aplicar na vida prática no cotidiano. Moral é a execução prática das orientações que se obtém com o estudo da ética como filosofia.

Segundo Oliveira (2011), para se compreender o comportamento individual é necessário conceituar moral e ética. A etimologia da palavra ética vem do grego ETHOS que traduzindo para o latim tem-se a palavra MORALES. Ser moral é ser ético, pois a ética é uma filosofia da moral, ou seja, a ética é uma reflexão sobre a moral. A moral nada mais é do que pôr em prática as regras que orientam as pessoas sobre o que é bom ou mau, são costumes e valores que adquirimos na convivência em sociedade. Ele comenta que cada sociedade define valores morais que são válidos para todos os que vivem nela. E a ética compreendida como filosofia moral, trará interpretações sobre esses valores morais.

Para Nalini (2014), a Ética é a ciência do comportamento moral humano em sociedade, quando se tem a perda dos valores morais, afeta diretamente a integridade e dignidade humana. Assim sendo, temos como base principal da dignidade humana o respeito e cumprimento dos valores morais.

Para Stukart (2003), a ética é um ramo da ciência que visa o estudo da perfeição do homem, podendo assim trazer benefícios que contribuirão para auxiliar na sua felicidade. Quando falamos em ser éticos a primeira coisa que pensamos é em seguir regras impostas por uma sociedade, mas vai além disso, quando temos o costume de agir em acordo com as regras impostas pela sociedade em que vivemos estamos tornando nossa convivência mais agradável, e esse é um dos pontos para seguir o caminho da busca pela felicidade, uma boa convivência e harmonia em sociedade conforme diz Transferetti (2010).

Aristóteles sendo citado por Arendt (1993), comentou que a ética se origina do hábito, e as virtudes não são geradas na natureza nem são contra a natureza, elas são geradas em nós, que obtemos no nascimento e aperfeiçoamos por meio do hábito. O ser humano é capaz de se modificar e se aperfeiçoar com a ajuda de bons hábitos, trazendo benefícios para a harmonia e convivência humana em sociedade.

Souza (1991), aponta que Aristóteles comentava a existência de dois tipos de virtudes, a virtude intelectual e a virtude moral, a virtude intelectual é alimentada com o ensino o que requer tempo e experiência, já a virtude moral é adquirida em conformidade com bons hábitos, diante disso, mostrar-se que nenhuma das virtudes morais é obtida por natureza, por certo, tudo que existe naturalmente tem-se um hábito em conformidade com a sua natureza que não pode ser contrário. Temos como exemplo uma pedra que naturalmente se move para baixo, mesmo que seja induzida a ir para cima sendo jogada dez mil vezes ela sempre irá para baixo, pois é um hábito da sua natureza.

“Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito” (SOUZA, 1991, p. 27). Observa-se que o autor busca frisar que as virtudes não dependem da natureza para ser criada em nós, como já foi abordado, são os hábitos que criam e desenvolvem as virtudes, o ser humano é apenas adaptado para recebe-las e com o hábito tem a capacidade de aperfeiçoá-las.

### **3 A ÉTICA NA ATUAÇÃO CONTÁBIL**

Segundo Passos (1993), em seu artigo, Tendências da ética profissional na modernidade, enfatiza que os códigos de ética profissionais tem o dever de assumir um pacto de vida e com a vida; confrontando práticas inadequadas e tradicionais, pondo-se em aberto para acolhimento de práticas novas e com constantes revisões, deste modo caminharia para as verdadeiras práticas dos deveres e das obrigações deixando assim de ser pretexto para práticas desonestas e condutas moralmente inadequadas.

Em conformidade com o Código de Ética Profissional do Contador - CEPC onde traz a necessidade da educação continuada para o profissional contábil como foi estabelecido pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC), que teve o intuito de capacitar cada vez mais os contadores e para que os mesmos se atualizem de novas leis e passem a adotar novas condutas que visam sempre deixar o trabalho do profissional mais fidedigno, atual e prático.

Sá (2010), retrata que quando um código de ética é estabelecido para uma determinada classe, cabe aos indivíduos estar subordinados a este código de ética, sob penas que são aplicáveis ao descumprimento do código de ética, penas que serão

aplicadas pelo órgão competente a quem está estabelecido a função de fiscalizar as condutas dos indivíduos dessa classe. Atualmente no Brasil é notório o nível de corrupção e fraude em que se vivem nessa sociedade, chega a não ser mais surpresa notícias sobre desvios de dinheiros públicos para fins de terceiros e para pagamentos de propina, e parafraseando Alves (2005), é crucial que cada contador execute sua parte com ética para que esse cenário mude

Barros (2010), discorre sobre a necessidade de o contador estar eticamente preparado para lidar com questões adversas, dado o momento em que ocorre uma livre circulação sobre corrupção, tanto no âmbito público quanto no empresarial.

Barros (2010), destaca que se intensificaram as preocupações quanto as reais situações empresariais baseadas em informações contábeis, tendo em vista os escândalos em que envolvem empresas de conhecimento nacional e internacional.

Em 2001 nos EUA a empresa de energia Enron declarou falência, houve alegações de enormes fraudes financeiras na contabilidade da empresa, fraudes essas que enxugaram os US\$ 78 Bilhões que a empresa valia no mercado de ações.

Esse foi um dos maiores desastres sobre fraudes em entidades privadas, foi a partir deste que se criou a lei Sarbanes-Oxley, que tem o intuito de garantir a criação de auditorias mais seguras e confiáveis dentro das organizações privadas. O CEO da Enron foi condenado a 24 anos de prisão por crimes de fraudes corporativas.

A NBC PG 01 (2019) veda ao contador algumas práticas, que são comuns em pequenas cidades, dentre elas temos: assumir qualquer serviço que traga prejuízo moral e desprestígio para a classe; assinar documentos que foram elaborados por outras pessoas sem sua supervisão ou orientação; receber propina decorrente do exercício profissional que venha de atos ilícitos.

Dentre as questões adversas temos a NBC PG 01 (2019), que traz como deveres do contador o de recusar um trabalho quando não for capacitado para tal especialização. Enfatiza também, a necessidade de o profissional contábil informar o número de registro CRC, o nome e sua categoria profissional após assinar trabalho de contabilidade, propostas comerciais, contratos de prestação de serviço e placas ou cartões comerciais.

“Ética é valor fundamental na vida humana. A ética existe para valer e não para enganar a verdade. Onde há ser humano, deve sempre prevalecer o respeito pessoal. [...]” (ARDUINI, 2007, p. 50).

Esse pensamento vai em acordo ao Código de Ética Profissional do Contabilista (CEPC) em seu objetivo 16 onde retrata: “A conduta do contador com relação aos colegas deve ser pautada nos princípios de consideração, respeito, apreço, solidariedade e harmonia da classe” (NBC PG 01, 2019).

Sempre deve prevalecer o respeito pessoal visando a boa visão da classe contábil, evitando desonra e desrespeito a classe dos contadores e ao profissional da contabilidade, ferindo esses princípios relacionados no CEPC pode haver grandes consequências como vem relatando no Decreto Lei Nº 9.295/1946 em seu artigo 27 que a partir de 11 de junho de 2010 passou a vigorar pela redação da Lei Nº 12.249/2010.

A Lei segundo Lisboa (2012), nada mais é do que um conjunto de regras necessárias para o desenvolvimento e harmonia da convivência em sociedade. A Lei é a representação legal dos princípios éticos que a sociedade desenvolve no decorrer de sua convivência, trazendo assim segurança e fidelidade as normas criadas pela sociedade.

Barros (2010), traz à tona que a ética é um sistema de normas e valores que norteiam as condutas dos colaboradores visando sempre o bom relacionamento dentro da instituição em que trabalha. Ressalta ainda que, quando dentro dessa sociedade no ambiente de trabalho tem-se a ética como atitude principal, há uma tendência em o clima do ambiente se tornar mais agradável de conviver, além de aprimorar o desempenho de toda equipe.

É dever do contador o de guardar sigilo sobre seus conhecimentos decorridos da sua atuação profissional exceto quando solicitados por autoridades competentes como é o caso do CRC e é proibido fazer referência que leve a identificação do seu cliente em alguma publicação de sua autoria ou que tenha sua supervisão.

Alencastro (2010), retrata que um cliente quando descobre que foi enganado, que o profissional da contabilidade usou de má fé para com ele, logo o mesmo vira as costas para a empresa e ainda faz uso de propaganda negativas para que o profissional perca toda e qualquer credibilidade que ele tenha com a sociedade.

Além de sanções previstas no Código de Ética Profissional do Contador – CEPC (multas; advertência reservada; censura reservada; censura pública; suspensão do exercício profissional; cancelamento do registro profissional), o comentário negativo sobre o trabalho de qualquer que seja o profissional é horrível para sua reputação, tendo em vista que ninguém quer confiar seu patrimônio nas

mãos de qualquer pessoa despreparada ou antiética, podendo assim até mesmo encerrar a profissão por falta de clientes que confiem no seu trabalho.

Um dos principais objetivos do contador é o manuseio com informações que são essenciais para qualquer entidade no momento das tomadas de decisões, sendo elas na compra de bens, na aplicação em investimentos e no planejamento tributário e operacional dentro da entidade (LISBOA, 2012). Essas informações produzidas pelos contadores beneficiam tanto a empresa, quanto o estado, os bancos e investidores, beneficiando assim a entidade e a sociedade em que ela está inserida (SÁ, 1998).

Oliveira (2011), retrata que obedecer ao Código de Ética colabora para boa imagem do profissional e passa confiança ao cliente e a classe contábil. Porém reforça que agir em conformidade com o código de ética é algo pessoal e suas escolhas podem refletir em seu sucesso ou seu fracasso. É notório a importância que tem o código de ética, tendo em vista que o descumprimento além de ser cobrado pelo CRC ainda vem comentários negativos que mancham cada vez mais a imagem do profissional e desacredita da classe contábil.

Eckert (2011), salienta que a profissão contábil e sua importância para as empresas ainda é pouco reconhecida, tendo em vista que toda análise das informações geradas são feitas pelo profissional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos do trabalho foram alcançados, tendo em vista que dada toda história da contabilidade no Brasil e no mundo, vemos a grande necessidade de tratar a profissão com zelo e ética, quando entendemos o principal papel do contador dentro de uma empresa, que é fornecer relatórios contábeis pertinentes a administração para que assim eles possam tomar as melhores decisões possíveis para assim elevar as grandezas da empresa fazendo com que ela prospere cada vez mais.

Tendo em vista como principal objetivo o de mostrar como a ética pode ser uma excelente ferramenta para o alcance da eficiência no dia a dia da atuação do profissional contábil temos grandes avanços, pois foi mostrado que através da educação continuada, que vem como um dever do contador no código de ética profissional do contabilista – CEPC, o contador tem o dever de estar sempre se atualizando sobre novas leis, novos métodos que visam sempre melhorar o trabalho

contábil e agilizar cada vez mais a prestação de serviço do contador. Como objetivo específico foi relatado a história da contabilidade, como ela se desenvolveu no Brasil e como a ética ajuda a melhorar as relações interpessoais dentro de uma sociedade, tornando assim um ambiente mais agradável para todos os componentes da sociedade.

Sendo assim, conclui-se que a ética pode e vai fazer com que os profissionais alcancem seu mais alto nível dentro de suas áreas específicas, cabe assim a cada profissional a busca por estar sempre se atualizando e buscando sempre o entendimento do código de ética pertencente a sua área.

## REFERÊNCIAS

ABREU, N. **A importância do código de ética nas organizações**. Disponível em: <<https://administradores.com.br/producao-academica/a-importancia-do-codigo-de-etica-nas-organizacoes>>. Acesso em: 10 maio. 2022

ALENCASTRO, Mario Sergio Cunha. **Ética empresarial na prática: liderança, gestão e responsabilidade corporativa**. 1 ed. Curitiba: Ibpex, 2010.

ALVES, Francisco José dos S. **Adesão do contabilista a o código de ética da sua profissão: um estudo empírico sobre percepções**. 265 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Contabilidade e Controladoria da Universidade de São Paulo, 2005.

ARENDT, H. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

ARDUINI, Juvenal. **Ética responsável e criativa**. São Paulo: Paulus, 2007.

BÄCHTOLD, Ciro. **Contabilidade Básica**. E-Tec Brasil, 2011.

BARROS, M. R. F. **A ética no exercício da profissão contábil**. 2010. 52f. Monografia (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais, Curso de Ciências Contábeis, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte MG, 2010. Disponível em: <[https://sinescontabil.com.br/monografias/trab\\_profissionais/rosiane.pdf](https://sinescontabil.com.br/monografias/trab_profissionais/rosiane.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Referência Thompson**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.

ECKERT, Alex. **Teoria da contabilidade: para o exame de suficiência**. 1. ed. São Paulo: EDIPRO, 2011.

IUDÍCIBUS, Sérgio de, MARION, José Carlos, FARIA, Ana Cristina de. **Introdução à teoria da contabilidade para graduação**. São Paulo, Atlas, 2009.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo, Atlas, 2010.

LUSTOSA, P. R. B. et al. A moral do Contador Brasileiro: Uma Avaliação por meio da Escala Ética Multidimensional. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 15-45, jan./mar. 2012. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/1001/pdf11>>. Acesso em: 16. Mar. 2022.

70 anos de contabilidade / Conselho Federal de Contabilidade – Brasília: CFC, 2016.

LISBOA, Lázaro Plácido. **Ética Geral e profissional em Contabilidade**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

OLIVEIRA, M. C. de. **Julgamento Moral na Contabilidade**: estudo sobre o processo educacional de estudantes de graduação e pós-graduação stricto sensu. 2011. 110f. Dissertação (mestrado) - Departamento de Ciências Contábeis do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Contabilidade e Controladoria (CEPCON) da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

NALINI, José Renato. **Ética geral e profissional**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

NORMAS BRASILEIRAS DE CONTABILIDADE. **NBC PG 01 - CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO CONTADOR**. Brasil, 2019.

PASSOS, Elizete Silva. **Tendências da ética profissional na modernidade**. Brasília. 46 (I): 56-62, jan./mar. 1993.

SÁ, Antônio Lopes de. **Ética Profissional**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

SÁ, A. L. **Ética profissional**. 9. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009. Disponível em: <<https://psicologiaunicsul.files.wordpress.com/2013/02/c3a9tica-profissional.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2022.

SÁ, Antônio Lopes de. **Teoria da Contabilidade**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 21.

SÁ, A. L. **Ética profissional**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SCHMIDT, Paulo. **Uma Contribuição ao Estudo da História do Pensamento Contábil**. 1996. Tese (Doutorado em Contabilidade) –Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SOUZA, Eudoro de. **Ética a Nicômaco**. 4 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

STUKART, HebertLowe. **Ética e corrupção**. São Paulo: Nobel, 2003.

TRANSFERETTI, José Antônio. **Ética e responsabilidade social**. 3. Ed. São Paulo: Alinea, 2010.

**Capítulo 2**  
**A ALFABETIZAÇÃO NO CAMPO: A REALIDADE DA**  
**CIDADE DE REMANSO BAHIA**

*Aucileia da Costa Santos*  
*Sileide Mendes da Silva*

## A ALFABETIZAÇÃO NO CAMPO: A REALIDADE DA CIDADE DE REMANSO BAHIA

**Aucileia da Costa Santos**

*Acadêmica do curso de Pedagogia, Faculdade Alfredo Nasser – Remanso Bahia. E-mail: [leiacosta029@gmail.com](mailto:leiacosta029@gmail.com)*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPP) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br); [sileidemendes@unifan.edu.br](mailto:sileidemendes@unifan.edu.br)*

**RESUMO:** A pesquisa procura relatar o cenário da construção da educação no campo, a busca constante pelo direito à educação nasceu das lutas e conquistas ao longo de sua própria história na construção da democracia brasileira. É visto por todos que esse direito está sendo negligenciado principalmente se observamos aquisição da habilidade de leitura e escrita como sendo práticas sociais que direcionam o indivíduo ao pleno exercício da cidadania. Assim, buscou-se realizar uma reflexão sobre a importância da educação no campo, analisando as práticas de leitura e escrita desenvolvidas nas escolas brasileiras, vistas nos dados do desempenho da educação básica no Brasil, veem por décadas seguidas apresentadas como insuficientes. Hoje, é visto um grande interesse pelas universidades brasileiras a educação desenvolvida no campo, esse movimento de luta, em busca de conquista de direitos, oriundas dos trabalhadores rurais, faz-se necessário que a pesquisa relate uma reflexão da construção de sua história, seus movimentos sociais, seus marcos teóricos e suas especificidades no município de Remanso-Bahia. A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi a bibliográfica e de campo, trabalhando com catalogação de documentos científicos de diversas fontes. As reflexões que nele constam, partem da de análises feita de documentos e dados científicos sobre a Educação do campo na cidade de Remanso- Bahia buscando através de uma reflexão teórica contida nos documentos brasileiros e da própria cidade para que sejam vistas a situação atual no município, contribuindo para um avanço de melhoria na Educação do Campo na mesma.

**Palavras-chaves:** Educação do Campo. Movimentos Sociais. Professor alfabetizador. Remanso – Bahia.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo aborda o tema: A realidade da cidade de Remanso- Bahia, buscando realizar uma reflexão como a importância da Educação do campo e suas influências nos aspectos sociais e políticos. A escolha do tema, deu-se pela necessidade de ampliar fontes teóricas e práticas sobre a Educação do Campo na cidade de Remanso- Bahia, de maneira que, sendo um município de ribeirão, as margens do Rio São Francisco necessariamente precisa desenvolver uma Educação do Campo de qualidade. Nesse contexto, o estudo científico aqui apresentado surgiu da necessidade de fazermos uma reflexão aos professores e gestores sobre o que é Educação do Campo de verdade, valorizando o repertório riquíssimo oferecido pelo ambiente campesino.

Busca através de uma reflexão teórica contida nos documentos brasileiros e da própria cidade para que sejam vistas a situação atual no município de Remanso- Bahia, contribuindo para um avanço de melhoria na Educação do Campo na mesma. Respondendo à questão de pesquisa: Qual a visão social e política da educação do campo na cidade de Remanso- Bahia? As informações foram conseguidas através da pesquisa bibliográfica, como também uma pesquisa de campo realizando uma análise científica de dados que mostrem a situação atual da Educação do Campo da cidade de Remanso- Bahia, uma vez que, a educação no campo no município vem passando por diversas situações e transformações que influenciam direta ou indiretamente no sistema educacional do município baiano.

O trabalho tem como objetivo analisar o processo de alfabetização na Educação do Campo oferecida no município, sua visão, seu modelo de Educação do campo, verificando dados oferecidos pelos documentos que norteiam a Educação do Campo nacionalmente e bem como os oferecidos pela cidade.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO: HISTÓRIA E POLÍTICA**

A nascente do termo Educação do Campo são as lutas dos movimentos sociais, buscando uma educação específica que valorize a cultura e o conhecimentos do povo do campo, substituindo o termo: Educação Rural. Na construção histórica brasileira

comandada pela elite que afirmava que a população rural “não necessitava de aprender a ler e escrever”, negando a população do campo um direito constitucional.

O modelo apresentado para Educação do rural vinculadas ao capitalismo tinha como base a divisão entre o campo e a cidade, na expropriação da terra, dos meios de subsistência e da força do trabalho do camponês. Com essa proposta, os camponeses passaram a vê a cidade como a única forma de sobrevivência, fortalecendo o êxodo rural. Já a proposta da Educação do Campo tem como objetivo fixar o homem no campo, valorizando seus saberes, sua história, sua cultura.

Em 2001, foram aprovadas as diretrizes Operacionais para Educação Básica do Campo, observando que:

A educação do campo, tratada como Educação Rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas ultrapassa ao acolher os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não –urbano é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana. (BRASIL, 2001, p.1)

A Educação do campo é resultado de um processo coletivo que passava e ainda passa por situações tensas e muito contraditórias, utilizando uma política pública compreendida a partir de uma concepção dialética. A hora em que uma sociedade, especialmente os movimentos exige do poder público condições específicas para a garantia dos seus direitos através da busca e da luta de classe. As políticas de educação no Brasil são desenvolvidas pelo estado nas esferas Federal, Estadual e Municipal para atender a sociedade civil através dos recursos públicos. Segundo Caldart:

O movimento inicial da Educação do Campo foi o de uma articulação política de organizações e entidades para denúncia e luta por políticas públicas de educação no e do campo [...]. Ao mesmo tempo tem sido um movimento de reflexão pedagógica das experiências de resistência camponesa, constituindo a expressão, e aos poucos o conceito de Educação do Campo. (CALDART, 2004, p. 19-20).

Para autora, o Educação do campo surge do anseio de um povo que luta por políticas públicas que favoreçam o camponês, de maneira que possam construir em seu ambiente de origem sua sobrevivência com base nos direitos de igualdade da

nação brasileira. Essa luta em prol da Educação do Campo vem viabilizando um pensar social, pedagógico de resistência.

## **2.2 Movimentos sociais educação no campo**

Os movimentos sociais são os meios pelos quais a população brasileira, muitas das vezes excluídas, buscam para serem vistas e ouvidas. Certamente já ouvimos falar de movimentos sociais que lutam pela terra, uma vez que, vemos a mídia brasileira relatando os acontecimentos sobre ocupações de terras, na maioria das vezes, criminalizando os movimentos sociais do campo. Porém é bom que seja aqui compreendido que muitas das informações são manipuladas pelos meios midiáticos, com o objetivo de passar ao telespectador uma visão negativa daqueles que lutam pelos seus direitos.

Para tanto, refletimos aqui agora qual é a função da terra: A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 156 diz “a terra está a serviço do homem, e não o homem a serviço da terra. Portanto a terra não deve ser vista como mercadoria, mas sim, um meio de produção para toda sociedade” (SODERO 1968, p. 56).

No período de 2000 a 2008 foram mapeados 95 movimentos socioterritoriais como: MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; CPT- Comissão Pastoral da Terra; CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura; MLST- Movimento de Libertação dos Sem Terra; FETRAF- Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar entre outros.

Dados do governo afirmam que o INCRA emitiu mais de 158 mil títulos de terra para assentados da reforma agrária desde 2019, garantindo as famílias o direito de residir, explorar e produzir em uma área de assentamento da reforma agrária.

Em meio a tantas mobilizações no campo, em 28 a 31 de julho de 1997 foi realizado o primeiro Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), promovido pelo Movimento dos Sem Terra apoiado por diversas entidades.

## **2.3 Marcos legais da educação do CAMPO**

As políticas sociais, originam-se nas mudanças qualitativas que vão se reorganizando no meio de produção e nas relações de poder. No referencial à política

educacional, esta se direciona em leis, regulamentações, pareceres, decretos na área de políticas públicas sociais. São décadas em busca do direito que os ofereça uma educação de qualidade. O estado deve assegurar por meio de leis, decretos ou parecer na tomada de decisões, planejamento, atuação e legislação todo modo de políticas públicas. Para assegurar o direito a educação do campo há decreto, portarias, pareceres, resoluções e programas que asseguram o povo campestino uma educação de qualidade.

- a) Decreto nº 7.352/2010 – Dispõe sobre a qualidade de educação do campo e o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – PRONERA.
- b) Parecer CNE/CEB nº 3/2008 – Reexame do Parecer CNE/ CEB n. 23/2007, que trata da consulta referente às orientações para o atendimento da Educação do Campo.
- c) Parecer CNE/CEB nº 23/2007 – Consulta referente às orientações para atendimento da Educação do campo. AUTORIA: CNE/CEB.
- d) Portaria do Presidente do INCRA aprovando o Manual de Operações do PRONERA – Portaria nº 238/2011.
- e) Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA -MANUAL DE OPERAÇÕES. Edição Revista e Atualizada Aprovado pela Portaria/ INCRA/ P/N. 282, de abril de 2004. Autoria: Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)
- f) Parecer CNE/CEB nº 1/ 2006- Sobre dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFA) AUTORIA: CNE/CEB.
- g) Parecer CNE/CEB nº 21/2002 – Responde Consulta sobre possibilidade de reconhecimento das Casas Familiares Rurais. AUTORIA: CNE/CEB.
- h) Parecer do CNE/CEB nº 14/1999, sobre diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas. AUTORIA: CNE
- i) Parecer do CNE/CP 10/2002 (Conselho Nacional de Educação) sobre formação do professor indígena em nível universitário. AUTORIA: CNE.
- j) Parecer nº 36/2001. Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo. RELATORA: Edla de Araújo Lira Soares.

Existem outros decretos, pareceres e portarias que reafirmam a legalidade da Educação do Campo, ao estudá-las vamos entender que o campo vem passando por um processo de mudança educacional necessária e profundamente positiva no

contexto do campo e seu desenvolvimento social. Segundo o Documento Curricular Referencial de Remanso no estado da Bahia, houve a implementação da Lei n. 11.352/2008, que instituiu o Programa Estadual de Apoio Técnico Financeiro às Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e Casas familiares Rurais (CFRs) do estado da Bahia, regulamentado pelo Decreto Estadual n. 14110/2012.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A alfabetização é um processo amplo, complexo, contínuo e em constante evolução, alfabetização vai muito além de codificar e decodificar sílaba, o indivíduo que consegue a aquisição da do código da leitura e da escrita, desenvolve umas das habilidades da alfabetização. A alfabetização tem várias facetas, ele é um conjunto de habilidades psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas, além das propriamente linguística do processo. Para Magda Soares:

Acrescenta-se que, nesse contexto de falsos pressupostos sociais, culturais e linguísticos, a escola atua, na área de alfabetização, como se está fosse uma aprendizagem “neutra”, despida de qualquer caráter político. Aprender a ler e a escrever na escola, para escola, parece apenas significar a aquisição de um instrumento para futura obtenção de conhecimentos; a escola desconhece a alfabetização como forma de pensamento, processo de construção do saber e meio de conquista de poder político (SOARES, 2011 p.22)

A autora, coloca a alfabetização como algo neutro, privilegiando a classe dominante, que já é detentora absoluta da construção do saber, que é considerado o “verdadeiro”, além de já ter em suas mãos o poder político. É necessário entender que para acontecer verdadeiramente uma alfabetização eficaz, deve-se agregar nesse processo de alfabetização além de fatores linguístico, psicológicos, psicolinguísticos, sociolinguísticos, os fatores culturais, econômicos sociais e políticos a qual o sujeito está inserido. Essas são as diversas facetas da alfabetização.

A educação de Jovens e Adultos (EJA), tem sido um espaço das classes populares (PAIVA, 1987), destinada, especificamente, àqueles, que por alguma razão vivem ou viveram sem o direito a educação, retornando à escola em uma idade considerada amais avançada, buscando um recomeço no processo de escolarização.

A EJA é uma modalidade educativa que exige dos profissionais de educação um olhar diferenciado daquele que é direcionado aos estudantes do ensino regular.

Os sujeitos do EJA retornam ao espaço escolar carregados de marcas profundas de vivências constitutivas de suas dificuldades (SILVA 2010). Todavia, apesar de ser um direito previsto na Constituição Federal de 1988, a Educação de Jovens e Adultos ainda continua sendo arraigada a um modelo educacional alicerçado sob um paradigma compensatório. Tal situação tem inviabilizado a proposta de Educação de Jovens e Adultos, uma vez que, seguindo um modelo compensatório, o EJA acaba perdendo suas especificidades.

Não podemos esquecer que as experiências mais radicais de EJA nascem, alimentando-se e incentivam movimentos sociais ou sujeitos coletivos constituindo-se como sujeitos de direitos. Nesses movimentos se descobrem analfabetos, sem escolarização, sem o domínio dos saberes escolares, sem diploma, porém, não só, nem principalmente. Se descobrem excluídos da totalidade de direitos que são conquistas da condição humana. Excluídos dos direitos humanos mais básicos, onde se jogam as dimensões mais básicas da vida e da sobrevivência (ARROYO, 2004, p.229).

O sujeito social alfabetizado, ele é capaz de veem o mundo da leitura e da escrita com uma visão ampla, ele consegue compreender os diversos gêneros textuais que circulam na sua realidade, sua estrutura, sua composição, sua função e em quais espaços eles circulam. A escola tem seu papel fundamental no desenvolvimento da sociedade atual, colaborando com o desenvolvimento integral dos seus educandos, buscando fortalecer suas identidades sociais, por meio da linguagem onde sua identidade é construída em um contexto vivido pelos estudantes, imersos em interações sociais que lhe é conhecida de fato.

A presença de jovens cada vez mais jovens na EJA trouxe uma nova visão para esse contexto. O silêncio visto antes nas salas de aula do EJA, deu lugar ao barulho de conversas extrovertidas e risadas barulhentas dos jovens, modificando o cotidiano escolar e as relações estabelecidas no espaço escolar.

[...] reconhecem o modo próprio de vida social do campo e o de utilização do seu espaço, enquanto elementos essenciais para constituição da identidade da população rural, de sua inserção cidadã na definição dos rumos da sociedade brasileira (SILVA 2003, p. 35).

### **3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: O PERFIL DO PROFESSOR DO CAMPO**

Em análise do documento DCRM- Documento Curricular Referencial Municipal de Remanso Bahia (2020), na visão da maioria dos professores do campo, as crianças camponesas são vistas como crianças lentas, que não entendem nada, com dificuldades de aprendizagens. Realmente, o que se precisa é quebrar algumas “verdades” que já estereotipam a criança camponesa.

E assim vemos mais um desafio a vencer, que deve ser dialogado com a equipe escolar pedagógica da escola do campo, em especial com o professor: o Calendário escolar e a época de plantio e colheita, o tempo escolar, o desenvolvimento da aula, os métodos e conteúdos considerando que construímos saberes em percepções diferentes de espaço e tempo. Segundo os princípios da Educação do Campo, devemos pensar nossas práticas pedagógicas educacionais da lógica, “quer seja a lógica da terra, a lógica do campo e, sobretudo, a dos sujeitos que ali vivem, constroem e defendem seus *modus vivendi*” (ROCHA; MARTINS, 2009, p.1).

O professor que vai trabalhar em uma escola do campo é um canal de desmistificação da ideia de alfabetização neutra, ao promover uma alfabetização reflexiva, propicia as crianças do campo condições de se tornar conscientes do seu direito de leitura e escrita de mundo.

Esta é a visão do campo que queremos: um espaço que tem particularidades, e que é ao mesmo tempo, um campo de possibilidades das relações dos seres humanos, com a produção das condições de existência sócia. Confere o professor da Educação do Campo o papel de fomentar reflexões que acumulem força e espaço no sentido de contribuir na desconstrução do imaginário coletivo sobre a relação hierárquica que há entre campo e cidade, sobre a visão estigmatizada do Jeca –Tatu, do campo como atraso. Documento Curricular Referencial Municipal - DCRM- Remanso- Bahia, p. 19.)

### **3.2 A alfabetização no campo no município de Remanso**

A Educação do Campo principalmente no período da alfabetização escolar é algo que deve ser desenvolvido com muito planejamento, não basta apenas uma

alfabetização linguística, é necessário que o professor alfabetizador, compreenda as diversas facetas da alfabetização, para que a escola do campo, não se torne apenas uma cópia, ou uma síntese da escola urbana. O campesino, sua cultura, seu trabalho, sua produção, suas linguagens, seu modo de vida, devem ser conhecidos e valorizados desde de o início da alfabetização.

Assim sendo, o currículo precisa ser contextualizado e conter em seu arcabouço componentes curriculares condizentes com as relações sócias da vida do campo, a exemplo da agroecologia. O currículo não é apenas um conjunto de conteúdos elencados, pois sua concepção perpassa pelas relações sociais que envolve a sociedade. Para a educação do Campo, o currículo apresentado no DCRM considera as necessidades concreta dos estudantes, elaboradas por muitas mãos e múltiplos olhares, composto por saberes próprios das comunidades e em diálogo com o conhecimento científico e saberes universalizados.

O resultado desse processo deverá ser a formação integral dos estudantes e o desenvolvimento do meio, dos quais a produção do conhecimento parte, principalmente da realidade próxima, das atividades práticas e do trabalho coletivo. (Documento Curricular Referencial Municipal - DCRM- Remanso, 2020, p. 19). A educação do Campo em Remanso Bahia ainda funciona em salas multisseriadas.

O Documento Curricular Referencial de Remanso, compreende que a Educação do Campo é o resultado de diversas lutas dos movimentos sociais populares do campo por justiça social, tendo em vistas aspectos históricos, sociais e econômicos da sociedade em que vivem, citando Caldart:

Se o que está em questão é a formação humana, e se as práticas sociais são as que formam o ser humano, então a escola, enquanto um dos lugares seu jeito de serres desta formação, não podem estar desvinculadas delas. Trata-se d uma reflexão que também nos permite compreender que são as relações sociais que a escola propõe, através do seu cotidiano e seu jeito de ser, o que condiciona o seu caráter formador, muito mais do que seus conteúdos discursivos que ela leciona em seu tempo específico de ensino (CALDART, 2004, p. 320).

Remanso fundamenta a Educação do Campo na Aprendizagens significativa dos educandos, considerando o contexto social, cultural, político e histórico como elementos indutores para formação integral, na perspectiva do desenvolvimento pleno dos sujeitos, a garantia do desenvolvimento das competências e habilidades como requisitos que asseguram os direitos de aprendizagens no percurso educacional,

formar cidadãos com capacidades, técnico, profissional, intelectual, social, ético, espiritual. Assim, compreende as unidades escolares como espaço público de investigação e articulação de experiências para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente em articulação com mundo do trabalho. (Documento Curricular Referencial Municipal - DCRM- Remanso-Ba, 2020, p. 17). A escola teve ter o rosto da comunidade a qual está inserida, sua identidade local vivenciada por todos que fazem parte da comunidade escolar. Arroyo apresenta:

Um projeto de educação básica do campo tem de incorporar uma visão mais rica do conhecimento e da cultura, uma visão mais digna do campo, o que será possível se situarmos a educação, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura como direitos e as crianças e jovens, homens e mulheres como sujeitos desses direitos (ARROYO, 2004, p. 82).

A educação do Campo em Remanso atualmente é caracterizada por alguns avanços, porém analisando os documentos legais relacionados a Educação do Campo percebe-se que ainda é necessário que aconteça muitas mudanças para garantir uma oferta de educação de qualidade. Sendo um município do Semiárido brasileiro, situado nas margens do Rio São Francisco, é fundamental que os currículos das escolas busquem conhecer e valorizar a história, as lutas, as conquistas do seu povo. Para Carvalho:

A educação no Brasil, e em especial no semiárido brasileiro tem a tarefa complexa e desafiante de reverter o péssimo quadro no desempenho do ensino aprendizagem, de repensar a função da escola. No Semiárido Brasileiro, as escolas em sua maioria, funcionam de maneira precária, condições que intensificam nas escolas do campo. A ausência de uma política de formação inicial e continuada para educadores e educadoras que contemple a discussão sobre os contextos naturais, históricos e culturais do semiárido, aspectos este que demonstra um despreparo e uma falta de conhecimento apropriado sobre quem é o semiárido por parte dos professores. (CARVALHO, 2013, p. 37)

#### **4 METODOLOGIA**

A pesquisa bibliográfica, tem como base os materiais formulados e estudados sobre o tema, a pesquisa aqui empreendida é construída de fontes que trazem dados científicos sobre o tema. O levantamento de dados foi encontrado em artigos científicos, revistas, sites, teses, dissertações, livros e - Documento Curricular Referencial Municipal de Remanso – Bahia (DCRM).

A pesquisa foi de maneira objetiva a oportunidade de explorar o contexto vivido na Educação do Campo na cidade de Remanso Bahia, possibilitando observar a realidade vividas nas escolas do campo. A pesquisa concluí seu objetivo almejado. A pesquisa engajou-se em processos de identificação, fichamentos, análises e interpretações. Foram analisados documentos com diversas abordagens teóricas para nortear a compreensão da realidade social da escola do campo no Brasil e em Remanso- Bahia investigando matérias que do período de período de 2011 a 2020, afim de proporcionar o entendimento sobre os debates educacional e políticos acerca da Educação do campo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A alfabetização é um processo complexo e contínuo, o indivíduo alfabetizado carrega em seu ser a alegria de fazer parte do mundo letrado, na certeza de viver ativamente, ciente que pode desejar, e ser aquilo que escolher ser, uma vez que, a educação do Campo em Remanso- Bahia ainda funcionam salas multisseriadas.

O processo de alfabetização no campo tem suas peculiaridades, como em qualquer outro lugar. Na cidade de Remanso Bahia não é diferente.

Ao final das análises feitas durante o estudo, assina-se que a Educação do Campo tão deseja ainda está em percurso, há muito o que se fazer, para que de fato aconteça a Educação do Campo sonhada pelas lutas e movimentos sociais que a buscou como direito.

Evidencia-se que as atividades pedagógicas devem ser repensadas de modo que busquem caminhos que tenham como metas proporcionar aos educandos camponeses experiências que os permitam perceber e identificar a si próprio como ser de transformação. Porém, podemos citar algumas mudanças favoráveis a essa modalidade de ensino na cidade de Remanso Bahia: Melhoria no currículo, reestruturação de algumas escolas, na formação de professores. As escolas do Campo veem passando por diversas mudanças como: Estruturas físicas das escolas, currículos, formação de professores.

É importante considerar que a alfabetização do Campo deve partir do contexto a qual o educando está inserido, valorizando suas qualidades em todo ambiente em que ele é agente de construção, reconstrução e/ou transformação. O ser do campo

deve ser valorizador por todos, mas em primeiro lugar deve ser despertado nos camponeses interiormente a verdade de si: sua cultura, seu modo de ver o mundo, suas histórias, sua língua, suas habilidades.

O professor que trabalha no campo não deve jamais esquecer os saberes do campo, mesmo que ele não seja morador do campo, se desloque da sede para o campo, é necessário que o professor conheça a modalidade da Educação do campo, seus princípios, as leis que a rege, ou então esse professor será apenas uma tábua rasa de conhecimento. O professor que conhece a Educação do campo, torna suas práticas pedagógicas em momentos onde os conhecimentos prévios dos seus educandos são legitimados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Organização do trabalho docente para promoção da aprendizagem** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC. SEB. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Educação Matemática do Campo**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC. SEB, 2014.

CRUZ, Gabriela Teles Meira. **Educação do campo, alfabetização e letramento: Desafios contemporâneos**. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA8\\_ID6277\\_01092020174655.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID6277_01092020174655.pdf). Acesso em 07 maio 2022.

DCRM-Remanso. **Consulta Pública Online Referencial Curricular**. Disponível em: <<https://www.remanso.ba.gov.br/detalhe-da-materia/consulta-publica-online-referencial-curricular/6559>>. Acesso em: 6 de maio. 2022.

**EBC**. Entrevista do Presidente do Incra, Geraldo Melo Filho. Publicada em 14/06/2021. 10h53min. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/brasil-em-pauta/2022/02/brasil-em-pauta-entrevista-gerald-melo-filho-presidente-do-incra>>. Acesso em: 6 de maio. 2022.

JESUS, Suzana Cavalheiro de; MORAES, Maritza Costa; GONZAGA, José Guilherme Franco (Org.). **Educação do campo** [recurso eletrônico]: escola, território e trabalho docente. – 1. ed. – Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2021. Disponível em: [https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/5396/1/Miolo\\_EDUCA%C3%87%C3%83O%20DO%20CAMPO-final.pdf](https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/5396/1/Miolo_EDUCA%C3%87%C3%83O%20DO%20CAMPO-final.pdf). Acesso em 28 maio. 2022.

LORENZON, Mateus; SCHUCK, Rogério José. **O pensamento de Paulo Freire e a educação no campo na contemporaneidade**. Disponível em: [https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/lorenzon\\_schuck.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/lorenzon_schuck.pdf). Acesso em 07 maio. 2022.

SANTOS, Arlete Ramos dos; SILVA, Gilvani dos Santos; SOUZA, Gilvan dos Santos. **Educação do Campo**. Pedagogia módulo 7, volume 4. Ilhéus – Bahia, 2013.

SANTOS, Joanita F. Almeida dos; KNABEN, Andréa. **A importância da educação no cenário da educação do campo: um estudo de revisão**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38394/R%20-%20E%20-%20JOANITA%20F%20ALMEIDA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 28 maio. 2022

SCHIAVINI, Andréia Cadorin. **Alfabetização e letramento nas escolas do campo de concórdia: o que dizem os cadernos dos alunos do primeiro ano**. 2018. Tese (dissertação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2198/1/SCHIAVINI.pdf>>. Acesso em 07 maio. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ª edição, São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SILVA, Adelson Ferreira. **Educação de Jovens e Adultos**. Pedagogia, modulo 6- volume 3- EAD. Ilhéus-Ba, Editus, 2012.

**Capítulo 3**  
**INCLUSÃO ESCOLAR: OS DESAFIOS DA CRIANÇA**  
**COM TRANSTORNOS DE DISLEXIA**

*Cícera Maria de Melo Silva*  
*Sileide Mendes da Silva*

## INCLUSÃO ESCOLAR: OS DESAFIOS DA CRIANÇA COM TRANSTORNOS DE DISLEXIA

**Cícera Maria de Melo Silva**

*Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail:*

[ciceramelo.rso@hotmail.com](mailto:ciceramelo.rso@hotmail.com)

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br);

[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

### RESUMO

A pesquisa realizada tem como objetivo analisar os reais direitos alcançados para as crianças que tem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, embasados nas leis que regem o nosso país e da nossa educação. Temos como exemplo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Constituição Federal, bem como a Declaração de Salamanca de 1994, que foi uma Conferência Mundial de educação Especial. É de grande importância sabermos a definição do transtorno de dislexia, suas causas, o diagnóstico e como acontece o tratamento e a intervenção para que se possa estar dando um suporte adequado para a criança com dislexia. Os resultados e discussões nos leva a um caminho que mostra como foi o processo de pesquisa, embasadas em referenciais teóricos para que possamos estar pautados em uma lei que assegure de forma concreta a inclusão das crianças com dislexia na rede regular de ensino com seus reais direitos garantidos, como também condições adequadas para que os mesmos possam estar com uma aprendizagem significativa. Consideramos então, que é importante estarmos sempre analisando que o presente estudo, uma vez que mostra os reais direitos que a criança com dislexia tem e que ao longo dos anos, pouco a pouco estão sendo alcançados.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar. Dislexia. Escola.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos assegurados por lei, e está na Constituição Federal (1988), na LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996) e no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990). Para tanto, faz-se necessário sabermos que a inclusão escolar está relacionada com o acesso e a permanência dos alunos em classes regulares com o objetivo de tornar a mesma inclusiva e acessível a todos, respeitando suas diferenças e particularidades e especificidades.

A mesma é constituída de uma prática um pouco recente em um processo de universalização da educação, a qual tem uma característica baseada em princípios que visam a aceitação das diferenças de cada indivíduo, bem como a valorização de cada um contribuindo através da aprendizagem, cooperação e a convivência dentro dos mais variados aspectos do ser humano. Dessa forma, o papel da escola é de suma importância para favorecer a educação inclusiva estabelecendo os alicerces para que a escola possa educar a todos erradicando a desigualdade e a injustiça social.

A dislexia é definida como um distúrbio ou transtorno na aprendizagem do aluno a qual está relacionada mais precisamente em leitura, escrita e soletração. A dislexia tem uma maior incidência nas salas de aula, onde se pode perceber que a criança apresenta o transtorno, pois, é nessa fase que se consegue detectar através das atividades diagnosticas de leitura e escrita, bem como o comportamento da criança é um outro fator preponderante que pode ser identificando o transtorno.

Ainda falando da definição de dislexia, podemos também ressaltar que ao ser diagnosticada uma criança com dislexia não é necessariamente um resultado de uma alfabetização inadequada, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica e até mesmo uma inteligência baixa. Na realidade, de acordo com pesquisas realizadas são detectadas uma condição hereditária com alterações genéticas as quais apresentam alterações no padrão neurológico e que deve ser diagnosticada por uma equipe especializada e multidisciplinar formada por profissionais como o fonoaudiólogo, psicólogo e neurologista.

A escolha do tema foi devida estarmos em um mundo contemporâneo no qual estão sendo inseridos novas descobertas e conscientização que a educação é um direito de todos assegurados por lei e que a criança que apresenta um transtorno de

dislexia tem o direito de aprendizagem de forma significativa levando em conta a sua inteligência e sua bagagem social e cognitiva.

Ao abordar o tema proposto, podemos ressaltar se realmente existe de fato uma inclusão educacional das crianças com transtornos de dislexia na educação escolar. Para tanto, faz-se necessário, que o direito adquirido seja realmente colocado em prática e que todo tenha a oportunidade de estar em uma sala de aula do ensino regular, não existindo nenhum tipo de discriminação que prejudique a aprendizagem significativa das crianças com transtornos de dislexia.

Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar através de uma revisão bibliográfica, a inclusão dos alunos com dislexia no ensino regular educacional. O objetivo específico tem a função de orientar sobre a importância da inclusão escolar, entendendo sobre a dislexia, articulação dos métodos interventivos em sala de aula, inclusão e permanência da criança com dislexia no ensino regular e conscientizar o professor sobre a importância do acolhimento das crianças com transtorno de dislexia.

A presente pesquisa foi de cunho exploratória no sentido de obter conhecimentos acerca de compreensão sobre a inclusão escolar e o que é dislexia, bem como a orientação sobre o comportamento da criança com dislexia. Foi utilizado para o embasamento os referenciais bibliográficos, sites, artigos acadêmicos, livros e trabalhos acadêmicos na perspectiva que possibilite um apoio maior no processo do conhecimento processual sobre o tema Inclusão Escolar: Os desafios da criança com transtornos de dislexia.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

A importância da inclusão escolar acontece de acordo com o ambiente escolar que é imprescindível para o desenvolvimento da criança disléxica. A educação inclusiva foi citada pela primeira vez em 1994, em Salamanca, na Espanha, durante a Conferência Mundial de educação Especial. Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

De acordo com a declaração acima citada, podemos entender que a criança com dislexia tem o direito a uma educação inclusiva a qual é fundamental na sua aprendizagem, para tanto deve ser dada a oportunidade em que elas possam se manter em um nível satisfatório conforme à sua característica, seus interesses, suas habilidades bem como às suas necessidades para um conhecimento adequado ao seu aprendizado. É importante ressaltar que as escolas devem estar adequadas com profissionais qualificados. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

A criança com dislexia tem direito a educação inclusiva que está garantido na Constituição Federal de 1988 (C.F.), na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A). Com base o Art. 205, sabemos que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família; no art. 206, o ensino será ministrado de acordo com os princípios de igualdade, liberdade, pluralismo de ideias, gratuidade do ensino público, valorização dos profissionais, gestão democrática, garantia do padrão de qualidade e piso salarial para os profissionais da educação. (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

De acordo com o documento, ao analisarmos os artigos 205 e 206 da LDB, podemos entender que a mesma garante o direito para os educandos ao ensino, e de estar inserido em um processo educacional, onde a responsabilidade de assegurar uma educação de qualidade é do estado e da família, pois são os dois pilares importantes na formação de um indivíduo em uma sociedade. O Estado tem o dever de garantir a educação e oferecer um ensino com qualidade, profissionais capacitados e escolas com estruturas adequadas. A família tem o dever de cuidar e educar. (BRASIL, 1988)

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), o direito de inclusão escolar está assegurado no Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p. 08).

Conforme os princípios que estão na LDB, é necessário entender a notoriedade dos mesmos para ser desenvolvido um trabalho com o objetivo de promover situações nas quais os educandos possam estar assegurados no seu pleno desenvolvimento e na sua qualidade de vida. (BRASIL, 1996, p.08)

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de

ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 1996, p.40).

De acordo com o artigo da LDB acima citada, podemos entender que a inclusão escolar se faz necessária para que os alunos tenham a oportunidade de estar sendo incluído no ensino regular obtendo assim uma aprendizagem e uma socialização com magnitude a qual possa responder aos anseios das crianças com transtorno de dislexia. Sendo que a criança tem o direito quando necessário serviço de apoio especificado, atendimento educacional especializado (BRASIL, 1996, p. 40).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em 13 de julho de 1990, é o principal instrumento normativo do Brasil sobre os direitos da criança e do adolescente. Ele é conceituado como o maior símbolo em forma de se tratar a infância e adolescência no Brasil, com uma inovação que traz a proteção integral para as crianças e adolescentes e são vistos como sujeitos que tem direitos com uma condição específica de desenvolvimento com prioridade absoluta. Sabemos também que é de responsabilidade da família, sociedade e Estado a garantia das condições para o desenvolvimento pleno dessa população, além de colocá-los salvos de toda forma de discriminação, exploração e violência. (BRASIL, ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990, p. 09).

De acordo com o documento, é notório que a criança e ao adolescente são sujeitas com direitos garantidos por lei que é encontrado no art.4º onde o mesmo fala que o dever é da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar prioridade absoluta a efetivação dos direitos que se referem a vida, saúde, alimentação, educação, ao esporte, lazer, profissionalização, bem como a cultura, dignidade, respeito, liberdade e a convivência familiar. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990, p. 07).

Pode-se observar que, o mundo gira e que nas voltas tudo muda e essas mudanças podem ser às vezes rigorosas ou não, então percebemos o quanto estamos envolvidos e convivendo com o novo. Esse novo paradigma que nos envolve em uma inclusão que seja realmente realizada de fato, pois é de conhecimento de todos que uma mudança radical pode ser ou não cercada de muitas incertezas e muitas inseguranças por parte de todos ao estarem comprometidos na inclusão escolar dos alunos com dislexia.

Em 30 de novembro de 2021, foi sancionada a lei federal que garante o direito de pessoas com dislexia à educação, a Lei de Nº 14.254/2021, essa lei foi sancionada

pelo presidente da República onde diz que o aluno com dislexia tem direito que o poder público ofereça um programa com diagnóstico e tratamento dos alunos da educação básica que tenham dislexia, A lei foi publicada no diário Oficial da união no dia 1º de dezembro de 2021. As escolas públicas e privadas devem assegurar um acompanhamento próprio que seja direcionado para as dificuldades e de uma forma prévia o mais possível aos estudantes com dislexia.

Também menciona que as necessidades dos alunos serão atendidas por profissionais da rede de saúde, de acordo com uma parceria com os profissionais da rede de ensino. Caso ocorra uma necessidade de intervenção terapêutica, só pode ser realizada por profissionais capacitados no serviço de saúde e com objetivos, metas feitas por uma equipe multidisciplinar a qual fará o acompanhamento adequado. A lei determina que os professores da educação básica devem ser capacitados para detectarem os transtornos de aprendizagem, identificando os sinais precocemente relacionados ao transtorno de dislexia. (BRASIL, DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2021)

A pesquisa realizada sobre a lei acima citada, mostra que é de suma importância que o poder público ofereça um programa no qual possa favorecer os alunos com o transtorno de dislexia, no sentido de estar acolhendo esses alunos por meio de políticas públicas que venham a beneficiar os mesmos com atendimentos realizados por equipes multidisciplinares com o objetivo de conduzir os discentes que tenham o transtorno de dislexia, uma vez que tenha sido diagnosticado precocemente pelos profissionais da educação, no caso o professor.

Analizando as políticas públicas desenvolvidas no Brasil elaboradas com o propósito de uma educação inclusiva, verifica-se que, apesar de terem sido construídas pautadas em um discurso democrático, fundamentado em princípios de igualdade, diversidade e solidariedade, tais políticas educativas não se caracterizam como uma escola inclusiva. Isso porque se constatou que o discurso inclusivo foi constituído sobre os mesmos conceitos de uma cultura capitalista e impiedosa que atribuiu à exclusão a determinados grupos da população educacional (FREIRE, 2005, p.7)

De acordo com Paulo Freire (2005), as políticas públicas foram desenvolvidas no Brasil com a finalidade de realmente ser inclusiva, e que foram feitas pautadas em discursos democráticos e princípios de igualdade, com respeito a diversidade bem como a solidariedade, porém sabe-se que esse mesmo discurso foi constituído em cima de conceitos capitalistas no qual onde deve acontecer a inclusão, torna-se uma exclusão impiedosa para alguns grupos da população educacional.

## 2.2 Definição de dislexia

A dislexia é considerada como um distúrbio ou transtorno neuropsicológico de aprendizagem que afetam nas áreas de leitura, escrita e ortografia. Esse tipo de transtorno é mais comum ser percebido quando a criança está na alfabetização. De acordo com estudo realizado pela Dislexia (BRASIL, 2017), existem dois tipos de dislexia: uma é do desenvolvimento que mostra uma condição onde a criança já nasce com ela e outra é a adquirida em que a pessoa perde a habilidade de ler e escrever por conta de um problema que causa algum tipo de lesão ou doença no cérebro.

Ao chegar à definição de dislexia, é necessário que se entenda o que significa leitura, pois de forma ampla ela é entendida como uma interpretação de qualquer sinal que chega aos órgãos do sentido e conduz um pensamento de uma outra situação além do pessoal. Uma leitura de forma limitada, pode ser referida a interpretação dos sinais gráficos em que foi convencionada por uma comunidade, onde vamos ver através das palavras esses mesmos sinais.

Freire (1997), relata que a leitura é a capacidade de tirar conclusões utilizando mais do que as informações coletadas no texto, ou seja, capacidade de levantar hipóteses, de conceber novas ideias e soluções a partir da experiência da leitura (FREIRE, 1997).

De acordo com Paulo Freire em seu relato, através da leitura, pode-se tirar conclusões ao utilizar várias informações contidas em um texto, que por sua vez somos capazes de realizar investigações concebendo novos ideais e soluções de acordo com as experiências no decorrer de uma leitura. Então, a criança com dislexia ao ler um texto tem dificuldades para interpretar, decodificar e até mesmo conceber novos ideais, pois a mesma viaja em seus pensamentos e flutua não conseguindo realizar uma boa leitura (FREIRE, 1997).

Conforme Critchley (1970), a dislexia é um transtorno manifestado por dificuldades na aprendizagem da leitura, independentemente de instrução convencional, inteligência adequada e oportunidade sociocultural.

Ao passo que se entende a dislexia está caracterizada pelas diferenças dos processamentos que os indivíduos têm dificuldades, as quais aparecem no início da

alfabetização afetando a leitura, a escrita e a ortografia, ocorrendo assim falhas nos processos cognitivos, fonológicos e visuais (REID, 2016).

Segundo Lovio, Naatanen e Kujala (2010) e Bellocchi e colaboradores (2013), existem os subtipos de dislexia e suas manifestações, onde os processos cognitivos alteram o quadro de dislexia refere-se à memória, a recuperação das informações, a agilidade do processamento, a administração do tempo, a sistematização, bem como a automatização da informação. As informações abaixo são sobre a dislexia do desenvolvimento e suas características que apresentam três subtipos, são: dislexia fonológica, dislexia visual e dislexia mista (LOVIO, NAATANEN E KUJALA, 2010). Observaremos então as manifestações da dislexia fonológica, que são:

- Atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem;
- Alterações fonológicas na oralidade, na leitura e na escrita;
- Problemas na memória fonológica curta e de longa duração;
- Pronúncia incorreta das palavras longas e desconhecidas, bem como as complexas.

Manifestações da dislexia visual:

- Atenção visual menor;
- Dificuldades com discriminações visuais;
- Dificuldades viso-motoras;
- Processamento de um menor número de letras.
- As manifestações da dislexia mista, referem-se as decorrentes combinações das alterações baseadas nas fonológicas e visuais (LOVIO; NAATANEN; KUJALA, 2010).

A definição epistemologicamente de dislexia é uma alteração dos neurotransmissores cerebrais que impedem a criança de ler e compreender com a mesma facilidade das crianças da mesma faixa etária, com autonomia de qualquer causa intelectual, cultural ou emocional. O desenvolvimento da criança é normal, até que ela passe a frequentar a escola, pois quando a mesma começa a fase de escolarização, ou seja, de alfabetização é que se descobre o problema com base na cognição que afeta as habilidades linguísticas relacionadas a leitura e a escrita (ROTTA; PEDROSO, 2006).

No contexto escolar, é importante a realização do teste de escrita, reescrita além de outros testes para, a partir de então, obter um diagnóstico exato das dificuldades dos discentes (MOOJEN; FRANÇA, 2006). À medida que o aluno chega

na alfabetização, o autor refere-se que é necessário um diagnóstico da escrita e reescrita, bem como outros tipos de análises para verificar o grau de dificuldades em que o educando se encontra.

Diante dos resultados, é que são estudadas as medidas interventivas a serem colocadas em prática, e colocar assim o discente com dislexia interagindo com os demais em sala de aula. Para tanto, é indicado que sejam trabalhadas atividades nas quais os mesmos possam alcançar o nível intelectual de acordo com suas habilidades.

A dislexia tem como base de estudos, ou seja, o seu início de pesquisa aconteceu no século XIX pelos oftalmologistas ingleses Hinshelwood e Morgane, os mesmos fizeram estudos de casos de crianças que apresentaram problemas na leitura e na escrita. Os médicos oftalmologistas classificaram o problema como cegueira verbal, embasando-se em explicações que o cérebro era composto de áreas separadas para os tipos diferentes de memória visual de letras e de palavras.

Portanto, a dificuldade estaria em uma deterioração no cérebro. Sabendo que a dislexia é um transtorno no desenvolvimento da leitura e da escrita, podemos também perceber a existência de um comprometimento acentuado no que se refere ao desenvolvimento das habilidades em que o disléxico tem dificuldades no reconhecimento das palavras bem como de compreender a leitura (DALIANE OLIVEIRA, 2019)

Porém, é notório que não se pode dizer que uma criança tem o transtorno de dislexia devido apresentar um ou mais sintomas em caráter simples, pois podemos entender que existem fatores variados decorrentes de alguns problemas e incluem as deficiências, as síndromes neurológicas, transtornos de ordem psíquica. Existe um manual (DSM-5), no qual deve ser considerado alguns outros critérios de avaliação que são:

- A permanência de uma dificuldade por ao menos 6 meses (mesmo que tenha alguma intervenção dirigida);
- Competências acadêmicas considerável e estimativo abaixo do que se espera para a idade cronológica;
- Iniciam-se as dificuldades no percurso dos anos escolares, pois os mesmos podem se manifestar durante a vida acadêmica do aluno, são detectados os sintomas através de testes cronometrados.

É de suma importância verificar que a dislexia não é uma doença e sim um transtorno de aprendizagem que está relacionado com a genética, onde a criança já

nasce com ela, isso mostra que a mesma é hereditária. Portanto, é devido essa hereditariedade que o disléxico apresenta dificuldades que atinge as habilidades neurológicas do aluno que dificulta a aprendizagem da leitura, da escrita bem como da soletração, afetando o desenvolvimento na decodificação dos símbolos gráficos e as palavras mais simples se tornam um impedimento para serem enfrentados que comprometem o de forma negativa um ensino e uma aprendizagem significativa para os alunos com dislexia.

Portanto, uma análise com precisão para o distúrbio da dislexia na fase em que a descoberta é mais fácil quando a criança vai para a escola, pois é nesse período que que elas desenvolvem de forma mais concreta a linguagem e a escrita, e é nesse momento em que a socialização das primeiras letras e o primeiro processo de em que a criança se depara com a leitura e a escrita. Então é quando os disléxicos mostram a real dificuldade e uma necessidade de uma adaptação especial de ensino-aprendizagem.

De acordo com a descoberta do distúrbio disléxico, verifica-se esse transtorno de aprendizagem e mostra que existe uma dificuldade em as crianças não obtém uma leitura com mais fluência e criticidade de qualquer tipo de texto, uma dificuldade em refletir e interpretar o que se lê, o que mostra um problema reflexivo na soletração fragmentada, dificuldades na interpretação, omite as linhas, as letras e as palavras quando se lê o que está escrito. Dessa forma, se torna mais fácil o seu diagnóstico.

A dislexia é transtorno de aprendizagem e não tem cura, mas é possível a pessoa ter e levar uma vida normal quando existe um suporte especializado precocemente. Ao fazer um tratamento com as equipes especializadas, como por exemplo o fonoaudiólogo e o psicólogo são permitidos superar as dificuldades que são: a escrita e a leitura, assim pode-se ultrapassar as barreiras no cotidiano, diminuindo os possíveis comportamentos que os alunos podem apresentar que é a baixa autoestima (DALIANE OLIVEIRA, 2019).

Um traço marcante entre os disléxicos é a criatividade, então é aconselhável que os pais estimulem os mesmos a fazerem atividades que possam estar desenvolvendo a sua criatividade, temos como exemplo: o desenho, a pintura, tocar instrumentos musicais e praticar esportes. O avanço tecnológico permite um desenvolvimento significativo dos disléxicos, pois a tecnologia se tornou uma boa aliada para eles realizarem atividades e melhorar o interesse pela leitura e escrita,

existem alguns softwares específicos que desenvolvem habilidades estimulando e associando o som das letras e as palavras (DALIANE OLIVEIRA, 2019).

Um dos tratamentos aconselháveis direcionado para uma reeducação de linguagem e de escrita se torna fundamental observar todos os aspectos envolvidos na realização das atividades a serem propostas. De acordo com a International Dyslexia Society, a dislexia deve ser considerada as diferenças pessoais, o seu diagnóstico é clínico, o entendimento é científico, o tratamento deve ser educacional. Para que avance em um tratamento educacional é importante está baseada em uma proposta de ação pedagógica na atuação junto aos docentes com dislexia.

### **2.3 Articulação dos métodos interventivos em sala de aula**

Para se ter uma articulação dos métodos interventivos em sala, devemos saber que a aprendizagem está relacionada a causas de ordem individual, e dentro dessas causas estão fatores orgânicos e os ligados ao comportamento, então é necessário realizar um estudo para saber como se desenvolve os distúrbios de conhecimento do educando, porque esses distúrbios vão atrapalhar a forma de como o sujeito se apropria do conhecimento. É essencial ressaltar que para além dos fatores orgânicos, temos também a dificuldade de aprendizagem que está relacionada com o esquema de ensino abordado pelos professores, em que não contemplam as dificuldades dos discentes no contexto da prática pedagógica do professor.

Uma intervenção bem-sucedida depende de uma avaliação criteriosa e multidisciplinar (neurologia, fonoaudiologia, psicologia, pedagogia ou psicopedagogia). O processo de avaliação dos fatores cognitivo-linguísticos deve estar intimamente ligado aos modelos teóricos de aprendizagem da leitura (SALLES; PARENTE; MACHADO, 2004)

De acordo com Salles e Penteado, uma intervenção bem sucedida é aquela em que o profissional nas áreas específicas de neurologia, fonoaudiologia, psicologia, pedagogia e psicopedagogia faz um estudo e uma avaliação criteriosa na qual possa se ter um diagnóstico se o fator que faz com que o aluno tenha transtornos de dislexia é realmente comprovado cientificamente. Nessa perspectiva, após esse diagnóstico é que se realiza as medidas interventivas tanto na vida pessoal do educando, bem como na vida escolar, assim os profissionais da educação vão saber como direcionar as metodologias a serem utilizadas em sala de aula e que possa tornar um ensino significativo para a criança com dislexia.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com os autores pesquisados, podemos entender que a dislexia é um transtorno em que a criança tem na leitura e na escrita, a qual é importante estarmos sempre atualizados no processo de investigação a ser feito por uma equipe especializada, dando suporte para o professor estar trabalhando com as crianças que apresentam o transtorno. Com esse apoio psicopedagógico, as práticas pedagógicas são aplicadas na forma correta para se trabalhar os objetos do conhecimento preparando-os para estarem inseridos em um ensino regular.

Ao estarmos embasados em teóricos como Sales Penteado e Machado, entende-se que para se obter uma intervenção eficaz, é preciso uma avaliação criteriosa e multidisciplinar formada por uma equipe que possa estar fazendo o diagnóstico que são das áreas especializadas de neurologia, fonoaudiologia, psicologia, pedagogia ou psicopedagogia, só assim é que se pode realmente trabalhar a parte pedagógico com a criança.

Para os autores Moojen e França (2006), é importante trabalhar com as crianças que apresentam dislexia, realizando testes ou mesmo atividades diagnósticas para saber se realmente a criança apresenta o transtorno, mas sempre pautados em diagnósticos da equipe da área médica, pois é na alfabetização que a criança vai desenvolver o transtorno, pois as dificuldades de aprendizagem se acentuam na fase em que se vai aprender a ler e escrever.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através desse trabalho, observa-se que são muitos os desafios encontrados, bem como os conhecimentos adquiridos sobre o tema: Inclusão Escolar: Os desafios da criança com transtornos de dislexia. A presente pesquisa levou a fazer uma reflexão e termos um olhar atencioso em relação aos direitos adquiridos por parte daqueles que precisam de uma atenção adequada de acordo com o quadro em que apresenta um transtorno ou algum tipo de deficiência.

Todos temos os mesmos direitos de acordo com as leis que regem o nosso país e que as mesmas devem ser colocadas em práticas e serem respeitadas para que todas as crianças com dislexia possam estar sempre amparadas pelas mesmas. Portanto, é importante estarmos sempre bem informados sobre a importância da inclusão escolar, a definição da dislexia e como articular métodos interventivos para serem colocados em prática na sala de aula.

Diante de tudo que foi debatido, fica visível a realidade em que vivemos sobre as barreiras que são encontradas ao longo de um processo diagnóstico para uma criança com dislexia, e que para se chegar de fato a uma inclusão escolar existe um longo caminho a ser percorrido por parte tanto das crianças bem como do pais e professores. Temos uma busca constante em incluir as crianças em salas de aula do ensino regular, pois, a criança quando se sente incluída ela fica feliz e sua aprendizagem se torna significativa.

Devemos entender que não é tão simples na prática como nos é mostrado na teoria, sabemos que nem sempre a prática funciona igual como se prega na teoria, porém se faz o possível para que as duas andem juntas e que surtam efeitos surpreendentes na vida das pessoas que precisam estar não tão somente incluídas e sim estar fazendo parte do processo de aprendizagem para ser preparado e alcançar o objetivo que é estar pronto para uma sociedade que o acolha com muito amor dando-lhe a perspectiva de ser uma pessoa com valores e dignidade

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.** Estatuto Da Criança e do Adolescente. Brasília: Diário Oficial Da União, 1990.

BRASIL. **Lei Nº 9394/96, de 20 de dezembro De 1996.** Estabelece As Diretrizes E Bases Da Educação Nacional. Brasília: Mec, 1996.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CRITCHLEY, M. **The dyslexic child** (2a ed.). Springfield: Charles C. Thomas, 1970.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Salamanca – Espanha, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** 25. Ed. São Paulo: Paz E Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42.<sup>a</sup> Ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOVIO, R.; Nnen, R.; Kujala, T. **Abnomal Paen Of Coical Peech Fae Diciminaion**. In 6-Ea-Old Childen Aik Fodleia. Baineeach, 1335, p. 53-62, 2010.

MOOJEN, S.; FRANÇA, M. Dislexia: Visão fonoaudiológica e psicopedagógica. in: rotta, n. t. et al. **transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Daliane. **Avaliação, intervenção e diagnóstico**. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 2012.

REID, G. Dyslexia: A Practitioner's Handbook. Fifth Edition. Oxford: John Wiley & Sons. ReidLyon, G. (1995). 'Toward a definition of dyslexia'. **Annals of Dyslexia**, 2016.

ROTTA, N. T: PEDROSO, F. S. Transtorno Da Linguagem Escrita: Dislexia. In: Rotta, N. T: Ohlweiler, L: Riesgo, R. dos S. **Transtornos da Aprendizagem**: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SALLES, J. F., PARENTE, M. A. M. P. & MACHADO, S. S. (2004, janeiro/junho). **As dislexias de desenvolvimento**: aspectos neuropsicológicos e cognitivos. Interações, 2004.

**Capítulo 4**  
**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA**  
**NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

*Laís dos Santos Ferreira*  
*Sileide Mendes da Silva*

## CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Laís dos Santos Ferreira**

*Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail:*

[ls30122015@gmail.com](mailto:ls30122015@gmail.com)

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. *Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPPi) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail:* [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br)

[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

### RESUMO

A temática do artigo traz uma abordagem em volta de como se dá a Construção da Identidade Negra da criança na Educação Infantil, dando ênfase às ações no cotidiano escolar, como acontecem as representações dentro da escola desde a primeira infância. Tendo em vista a maneira como foi construída a identidade do negro no Brasil e de como o racismo atinge a pessoa logo na primeira infância, o artigo sugere algumas questões que surgem quando se reflete no papel das práticas pedagógicas no processo de formação da identidade da criança negra na educação infantil. A problemática fica em torno de como as creches podem fazer um trabalho que ofereça uma equidade e conscientização desde a Educação Infantil para que os alunos já tenham propriedade desde a primeira infância sobre as diferenças e conhecimentos próprios da sua identidade. Apresenta como objetivo principal identificar as práticas pedagógicas dentro do âmbito escolar, tendo em vista a construção de uma educação antirracista e que apresente direitos iguais e desmistifique as ações involuntárias de preconceito que ocorrem dentro da escola. Os métodos utilizados para esse trabalho são de cunho bibliográfico, oportunizando a leitura em livros, revistas, sites eletrônicos, artigos científicos e teorias de escritores que se empenharam em escrever sobre o tema: Relações Étnicos Raciais na Educação Infantil. Os resultados apontam para a relevância de se abordar a questão da identidade negra desde a educação infantil, uma vez que é a primeira etapa da educação básica, na qual a criança está em processo de desenvolvimento e construção das bases de sua identidade e valores essenciais, que servirão como norteadores para a vida adulta.

**Palavras-chave:** Criança negra. Educação Infantil. Identidade.

## **1 INTRODUÇÃO**

A temática da pesquisa traz uma abordagem em volta de como se ocorre a Construção da Identidade Negra desde a Educação Infantil, dando ênfase às ações no cotidiano escolar como acontecem as representações dentro da escola desde a primeira infância.

Trazendo amplamente as concepções históricas e teóricas deixada por diferentes escritores que já vivenciaram ou registraram momentos dentro do âmbito escolar, a pesquisa traz reflexões a respeito de como os traços deixados na Educação Infantil influencia ao longo da jornada, tanto estudantil como pessoal. Essa abordagem proporciona um momento de examinar os conceitos, ideias concretizadas pela sociedade que acabam resultando em preconceito e racismo.

A problemática fica em torno de como as creches podem fazer um trabalho que ofereça uma equidade e conscientização desde a Educação Infantil para que os alunos já tenham propriedade desde a primeira infância sobre as diferenças e conhecimentos próprios da sua identidade.

Tem como objetivo principal identificar as práticas pedagógicas dentro do âmbito escolar, tendo em vista a construção de uma educação antirracista e que apresente direitos iguais e desmistifique as ações involuntárias de preconceito que ocorrem dentro da escola. Especificamente, analisar os Fundamentos Históricos das relações raciais, como foram mudando ao longo do tempo, também como a educação se tornou um agente transformador e aliado da temática em sociedade desde a infância. O papel do professor da Educação Infantil e as possibilidades de trabalho que o mesmo possui dentro da realidade da escola pública do Brasil.

Os métodos utilizados são de cunho bibliográfico, oportunizando a leitura em livros, revistas, sites eletrônicos, artigos científicos e teorias de escritores que se empenharam em escrever sobre o tema elencado.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 ASPECTOS SOCIAIS HISTÓRICOS E SUAS MANIFESTAÇÕES NO MEIO ESCOLAR**

A educação brasileira já passou e vem passando por uma diversidade de conceitos e junções ao longo dos anos, o que traz questões de relapsos de como era o passado e o presente, tanto em contexto teórico como na prática escolar.

A educação forma um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo, e é papel da escola, de maneira democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, proporcionar a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Desse modo, a educação é essencial no processo de crescimento de qualquer sociedade e move caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (BRASIL, 2004).

Mediante o papel que a escola deve exercer, temos que conhecer até onde pode ser trabalhado e requisitado como uma abordagem eficaz e necessária socialmente, as diferenças são uma constância que está em todos os ambientes, por muitas vezes desde a primeira infância, as crianças são habituadas a conviver dentro do próprio preconceito.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998),

A criança, por ser humana, é um sujeito social e histórico que faz parte de uma determinada cultura. Ela é “profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também a marca, pois são seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio (BRASIL, 1998, p. 21).

São documentados, leis e regimentos que prezam pela cultura e identidade pessoal das crianças de acordo as suas origens, permitindo que a mesma tenha um livre arbítrio em relação a suas escolhas e ações no desenvolvimento pessoal de identidade.

Criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 7).

A criança possui seus direitos, e um dos primeiros contatos sociais da mesma quando passa do seu primeiro ano de vida é na escola, é lá que tem uma interação, onde tem reações em diversas situações. Os primeiros ensinamentos vem de casa, ou seja, a criança traz a educação da família e a escola deve escolarizar em tempo que também aprimora os conceitos da mesma, é nesse momento que a educação deve ser agente transformador no que oferta, trabalhar as diferenças e as diversidades que existe, para evitar que no futuro as crianças de hoje se tornem

adultos com traumas por terem passado a infância ouvindo palavras pejorativas no que diz respeito suas raízes, devido os preconceitos sociais já instalados.

O conceito de educação infantil é predominantemente marcada por duas tradições de atendimento: a assistencial e a educativa. A primeira tem como uma marcante caracterizada pela ênfase nas ações de cuidado e proteção, preocupados com as questões básicas pessoais como higiene e alimentação. Já a segunda é voltada para a dimensão do papel pedagógico de preparação das crianças para a escola básica, centrada, especialmente, no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita (DALBEN, 2002, p. 27)

É aí que entra os primeiros conceitos instalados na vida das crianças, sendo de suma importância o olhar pedagógico a todos os alunos envolvidos, o cuidado com as atitudes e maneiras de abordagens fazem toda a diferença.

A consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro se traduz no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade. O princípio da equidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional (BRASIL, 200, p.11)

É nesse processo de construção de conhecimento próprio, que as influencias sociais e escolares entram, como a criança negra é vista no meio dos seus colegas de diferentes cores e raças, demonstração e ação de inclusão com equidade que venha garantir tudo que é por direito de um ser humano.

Ser humano é entender que a diversidade leva à unidade, que a unidade leva à solidariedade, que a solidariedade leva à igualdade, que a igualdade leva à liberdade, que a liberdade leva à diversidade. (BOURDOUKAN, apud Cadernos da EJA – Diversidades e trabalho, 2007, p. 26 e 27)

Ter uma visão ampla de conceito social tem que fazer parte da prática pedagógica do professor, trazer a interdisciplinaridade em determinadas ações e atividades construídas cotidianamente em sala, passando a cultura e as ideologias que todos têm e quem não segue deve respeitar, crescer com princípios e valores.

Não se fala apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, assim como as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem a diferença e consiste em que se sintam diferentes

os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (CANCLINI, 2006, p.46).

A construção da identidade da criança se inicia desde muito cedo, suas características sociais e culturais também, se encorajar e se orgulhar de quem é e de onde veio é um ato de empoderamento. Atualmente ainda é muito comum a falta de empatia e sensibilização com as crianças negras, o que gera prejuízos na vida de cada uma.

As identidades não são neutras, pois manifestam nossa forma de ver e de nos posicionar no meio social. São, ainda, problemáticas e frágeis porque abrangem muitas contradições: o que temos em comum e o que nos diferencia; o nosso reconhecimento pessoal e do outro; o nosso sentido de pertencimento num ambiente de rápidas e contínuas mudanças; e a possibilidade de ações sociais por meio de nossas identidades coletivas (WEEKS, 1995).

Os paradigmas sociais são extremamente influenciáveis em nossas vidas, em todos os âmbitos vemos diversidades e muitas vezes ainda convivemos com a normalidade preconceituosa que aponta as crianças sem ter dor e piedade, acarretando prejuízos que deixam marcas para toda a vida.

Essa característica intertextual das identidades está marcadamente influenciada pelo processo de globalização, configurando um jogo de linguagens/discursos, que se transforma num dispositivo apropriado a constituir não só as identidades, mas também para representar as outras experiências sociais. Esse processo estará, provavelmente, apoiado pelas redes de informação, marcadas pela espetacularidade e por tecnologias que reforçam a interatividade e nos fazem experimentar o acesso a informações em tempo real, manifestando, contrariamente, a força e a fragilidade do campo das identidades (CARVALHO, 2003).

A representação da criança negra ganhou mais espaço com a globalização, graças aos avanços tecnológicos foi possível notar a importância da participação ativa das mesmas, não deixando de enfatizar sua relevância e as ações possíveis mediante a realidade escolar.

Antes nem mesmo em datas alusivas era demonstrado a história da criança negra, sua importância no meio social, como se dá todo o processo de construção social da mesma, uma vez que desde a infância muitas sofrem preconceitos e tem sua história cheia de dores (HALL, 2005).

A escola é um primeiro meio social de atividade sequencial que as crianças participam e tem suas primeiras trocas com outros colegas, é dentro da escola que entra crianças de diferentes etnias, religiões, culturas e identidades. Ao longo da jornada estudantil, ela vai desenvolvendo de acordo aos princípios que são ensinados de casa pela sua família.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (1996), ratificando a posição da Constituição Federal de 1988, afirma o princípio da pluralidade cultural como fator de fortalecimento da democracia e da cidadania.

Por sua vez, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), elaborado pelo Ministério da Educação – MEC e em cumprimento ao dispositivo constitucional assente no art. 210 de nossa Carta Magna, assevera a necessidade de uma mudança curricular face à emergência de temas sociais relevantes para a compreensão da sociedade contemporânea, apresentando uma proposta significativa no que diz respeito à iniciativa de as escolas proporem às crianças e aos adolescentes um estudo sobre culturas diferentes das suas na expectativa de que a pluralidade possa ser fator de fortalecimento da democracia e da cidadania.

Os PCNs apresentam vários temas diferentes que deverão perpassar as várias disciplinas curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Artes) e permitir, com isso, a interdisciplinaridade no ensino fundamental. Entre esses temas, incluem-se os da educação afetivo-sexual, da valorização e da discussão das características singulares de etnia, de gênero, de identidades dos alunos, os quais proporcionariam o estabelecimento de condições para a realização de projetos educacionais orientados para a cidadania (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 1997).

## **2.2 EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NEGRA E SUA REALIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR**

A educação passa por um processo emblemático no que diz respeito a uma diversidade de áreas, os processos de construção de valores, aspectos sociais e culturais, a alta predominância de racismo e discriminação ainda é uma constante, alunos passam diariamente por uma série de situações diferentes.

A gestão da escola deve sempre monitorar e intervir quando necessário em momentos que surgem e não podem ser deixados de lado, as brincadeiras que proporcionam traumas é desgastante para a vida de crianças, no decorrer da vida.

A escola deve cuidar de tudo e todos mesmo sendo difícil, mas a intenção principal é que ela forme cidadãos prontos para enfrentar o mundo a fora. Salientando a importância da mesma na construção de cidadãos que farão da sociedade um lugar melhor, no que diz respeito a acessos aos meios sociais:

A influência de sua cultura deve ser respeitada e compreendida em qualquer instante de vida é primordial deixar com clareza os significados das ações dentro do seu contexto social, dentro da escola ainda se trata as diferenças com indiferenças, qual é o sentido disso? Pois bem, não existe. É comum ver professor (a) sempre deixar que as crianças que têm características marcantes se destacar em determinados momentos explorar sua identidade, mais isso nem sempre acontece quando falamos da criança negra, porém, independente do que acha deve ser mantido o respeito, é a principal fonte de relações (SANTOS, 2001).

A criança negra deve ser respeitada, tanto as que exploram suas raízes como as que ficam em ato de observar, elas têm história e merecem ter seus momentos assim como qualquer outra, afinal, qual é a diferença? Em que consiste o dizer que somos diferentes. Isso se dá não pelo tom da cor e sim pelas raízes culturais de cada um, suas individualidades vindas de ancestrais e familiares, a continuidade faz com que não se perca as culturas que por muitos foi perdida devido a geração não lutar pela aceitação das mesmas.

O cotidiano, as conquistas, as experiências e o processo histórico-cultural da mulher, do negro, das populações indígenas, para citarmos apenas alguns exemplos. Essa omissão se manifesta de diferentes formas: na presença quantitativamente maior do número de homens, de pessoas mais jovens e de pessoas brancas. As populações e culturas indígenas, quando representadas, são mostradas de forma homogênea, idealizada (à imagem e semelhança de personagens do romance Iracema, do escritor José Alencar, a exemplo de letras de músicas) e envolta de exotismos que reforçam estereótipos (BARBOSA; TORNELLI, 2013, p.51)

O negro desde o principio passou por discriminação, seu valor era nada mais nada menos do que ser escravo, eram vendidos de acordo com o rendimento de trabalho, por meio de chicotadas e ameaças, muitos morreram brutalmente sem ter método algum de defesa.

Sabendo desse histórico abusivo ao longo dos anos e séculos, foi sendo buscado uma reparação a tamanha crueldade que eles sofreram.

Mesmo sabendo que nada muda o passado assim como, não justifica essas ações, o negro foi adquirindo seus direitos e hoje em dia pode se ver uma realidade diferente em relação ao passado, mas, precisa melhorar em uma série de questões, legalmente ninguém pode bater, espancar ou chicotear só pelo fato da pessoa ser negra, existe uma diversidade de violências que eles ainda sofrem, por exemplo, a verbal.

De acordo com França (2017, p. 153-154) “as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras na escola vão desde o acesso às instituições de ensino até a vivência de situações de racismo, que se iniciam no ensino básico e atravessam o ensino médio e o universitário”.

Desse modo, percebe-se que as escolas, por mais que busquem, estão longe de se tornarem um ambiente de total respeito e aceitação de diferenças, atrasando, cada vez mais, a aprendizagem das crianças negras que passam por muitas adversidades desde pequenas quase todos os dias, inúmeras vezes, e que nós desconhecemos ou achamos irrelevantes.

Nessa mesma linha de raciocínio a autora Dalila França, faz uma necessária ressalta sobre acontecimentos dentro das próprias instituições de ensino:

As crianças negras passam por um processo de exclusão simbólica, ou seja, apesar de sua entrada na escola ser permitida, através da matrícula e acesso à sala de aula, elas não se sentem aceitas por colegas e professores que, não raras vezes, demonstram preconceito por meio de insultos baseados em suas características fenotípicas. (2017, p. 154).

Esse processo de exclusão não se dá estampadamente, em muitos casos ele acontece de maneira lenta e sutil onde em algumas situações, as crianças se acostumam e acabam achando que é normal essa realidade tão banal, na vida das mesmas.

A indiferença no ambiente escolar é algo comum e bem presente, mesmo estando em pleno século XXI, é hora e outra noticiado por algum veículo de comunicação caso de exclusão com a criança negra, pelo simples fato da sua cor de pele, a sociedade a faz se sentir oprimida e menor que os outros.

O silêncio ou repressão do preconceito pode ser visto ainda no princípio das questões raciais, ou seja, por alguns momentos, os professores naturaliza o racismo como parte do ser humano, sendo o próprio negro o responsável pela sua propagação.

Com isso é constatado um resultado, de professores que são coniventes com situações de exclusão das crianças negras que são rotuladas pejorativamente e de forma depreciativa, assim são recusadas como pares em filas, brincadeiras, em festas e em outros ambientes sociais (CAVALLEIRO, 2001; SANTANA & MÜLLER, 2011).

Dando apoio e tentando fazer com que a criança negra tente se adaptar a realidade já que muitas vezes elas se encontram em um numero maior, é nesse momento em que deve existir uma intervenção ativa em relação essas situações que fogem dos princípios legais.

Onde fica o papel da escola, que deveria escolarizar e dar equilíbrio a todas as situações independentemente de cor, raça ou religião (ZIVIANI, 2010).

Desde a primeira infância, é construído na criança seus princípios e éticas, uma parceria de escola e família proporcionando assim sua construção social. Dentro de casa, a tendência que seja ensinado aquilo que a família já acredita, mas nem sempre as famílias têm respeito pelas diferenças, e aí que entra a escola com seu papel de esclarecer que existe as diferenças entre pessoas, culturas, raças e assim, constituem-se pessoas diferentes, mas que tem os mesmos direitos e deveres em qualquer Merton (1948), Rosenthal (1989), r situação de vida.

Uma criança deve ser conhecedora de muitas informações desde pequena, para que ao longo da vida, não presencie ações de cunho discriminatório e fique apenas assistindo.

Com isso, muitas situações não são possíveis contornar embasado em considerações de Merton (1948), Rosenthal (1989), Crano e Mellon (1978) e Diaz-Aguado (1996), pode-se afirmar que, as crianças quando são inferiorizadas, indesejadas ou tratadas como elementos estranhos dentro do contexto escolar. Existe uma grande possibilidade de evasão na escola ou terem insucesso nesse contexto. Assim, dentro dessa perspectiva perpassam crenças e ações que conjugam à diferenciação de grupos, sendo pelo gênero, raça, e classe social. Quem passa por esse tipo de discriminação pode estar sob pressão. O resultado da pressão grupal é, em maioria a diminuição da autoestima, e a luta pela sua proteção pode fazer indivíduos de baixo status diferenciar-se, negar ou evadir-se de seus grupos.

E assim, a sociedade possui pessoas que podem desenvolver problemas emocionais, mentais, depressão e entre outros. Fugindo do seu papel de ter cidadão crítico e que tenha ações mediante as situações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do contexto no qual o presente trabalho abordo, traz uma reflexão de atitudes que devem ser tomadas na primeira infância com crianças negras dentro da escola. É necessário que seja feito diariamente conscientizações juntamente a ações que venham manter as tradições e respeitar a criança negra dentro do âmbito escolar, desde a educação infantil.

Ao longo do trabalho foi sendo feito paralelos de autores renomados e falas diante a realidades sociais vivenciadas. As fontes de pesquisas são grandes e possibilitou ter diferentes olhares acerca da temática proposta discutida.

Espera-se que a sociedade tenha mais empatia assim como a escola, por todas as crianças, manter o foco nas raízes e na construção de cada ser com suas reflexões próprias, e assim, ir combatendo as falas contrárias que ainda são tão presentes em nosso âmbito, tanto escolar, como familiar e social.

## REFÊRENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; TONELLI, Fernanda; MARANHÃO, Fabiano; BEDANI, Vanessa Mantovani; MENDES, Benedita da Guia Ferreira. **Relações étnico-raciais em contexto escolar: fundamentos, representações e ações** / organizadora: Lucia Maria de Assunção Barbosa. -- São Carlos: EdUFSCar, 2011.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/CNE, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, 2003. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2009.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CARVALHO, Mauro Giffoni. **Educação, comunicação e sexualidade**: a realidade engendrada na escola. 2000. 181f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CRANO, W. D., & Mellon, P. M. (1978). **Causal influence of teachers' expectation of children's academic performance**, *Journal of Educational Psychology*, 70 (1), 39- 49. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.70.1.39>

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Coord.); AMARAL, Ana Lúcia et ali. **Educação Infantil**: o desafio da oferta pública. Belo Horizonte: GAME/FAE/UFMG, 2002.

DIAZ-AGUADO, M. J. **Escuela y tolerância**. Madrid: Ediciones Pirâmide, 1996.

FRANÇA, Dalila Xavier de. **Discriminação de crianças negras na escola**. Sergipe: Interações, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

MERTON, Robert. (1948). Merton, Robert K. "The Self-Fulfilling Prophecy." *The Antioch Review*, vol. 8, no. 2, 1948, pp. 193–210. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/4609267>. Acesso em: 30 Jun. 2022.

ROSENTHAL, R. **The effect effort theory of the mediation of interpersonal expectation effects**. New Orleans: American Psychological Association, 1998.

SANTOS, B. S. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento, **Educação e Realidade**, v.26, n.1, p.13-32, jan./jun. 2001.

WEEKS, Jeffrey. **Invented Moralities**: sexual values in an age of uncertainty. London: Polity Press, 1995.

ZIVIANI, D. C. G. **A inclusão e a diferença** - Estudo dos processos de exclusão e inclusão de crianças e adolescentes negros através da alfabetização no contexto da Escola Plural (Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, SP, Brasil), 2010.

**Capítulo 5**  
**A CRIANÇA E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE**  
**ENSINO E APRENDIZAGEM**

*Milena Brito Alves*  
*Sileide Mendes da Silva*

## A CRIANÇA E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

**Milena Brito Alves**

*Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN, Remanso*

*Bahia. E-mail:*

[britomilena.rso@gmail.com](mailto:britomilena.rso@gmail.com)

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. *Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPPi) –*

*Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br);*

[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

### RESUMO

O referido trabalho possui como temática “A criança e a afetividade no processo de ensino e aprendizagem” e teve como foco fazer uma análise sobre a criança e a infância em seu processo histórico e de ensino e aprendizado como forma de melhor compreender esse processo e as relações e situações que influenciam diretamente. Há considerações voltadas para a criança e a infância na história principalmente no período da Idade Média, sobre seu papel e espaço na sociedade e as relações existentes nesse período como uma forma de compreender e fazer comparações com a realidade atual e a evolução dessas relações. O trabalho traz também os conceitos de afetividade e a sua importância no mundo e para as relações sociais e coloca como foco a família, a escola, o professor e o aluno, pois, sabe-se que o processo de ensino não se baseia apenas em conteúdos didáticos, mas existe uma série de fatores que contribuem significativamente para esse processo, um deles é afetividade, fator primordial na vida do ser humano. Para a construção do trabalho foi utilizado como base pesquisas bibliográficas, revistas, outras monografias e artigos sobre a temática cujos autores trazem uma concepção muito interessante sobre a afetividade e a sua importância para o processo evolutivo do ser humano.

**Palavras-Chave:** Criança. Afetividade. Ensino e Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

A afetividade no processo de ensino aprendizagem é algo primordial na vida do ser humano e está presente em todas as fases de sua vida pois é a partir dos sentimentos e emoções que o indivíduo desde cedo se comunica e interage com pessoas a sua volta além de ter uma grande contribuição para a aprendizagem do educando.

A mesma não está relacionada apenas ao contato físico e ao contexto familiar, ela engloba um todo, e está diretamente associada ao fator cognitivo. Sendo uma facilitadora do processo de aprendizagem e um instrumento de grande valor no desenvolvimento do educando ao aprender e no do professor ao ensinar. As relações de afeto uma vez desenvolvidas deixam marcas para toda a vida que podem contribuir muito para o avanço do aluno, pois ela é o suporte da inteligência, da vontade e atividade.

É importante ressaltar também que o primeiro contato social de uma criança é a família onde ela passa a ter os primeiros vínculos afetivos. Logo após, vem a escola e daí parte a necessidade de conhecer e entender a influência da afetividade docente como meio de facilitar o processo de aprendizagem, pois as relações professor/aluno ultrapassam a sala de aula e o âmbito escolar deixando marcas e lembranças para toda a vida do indivíduo. Escola e família precisam entender a contribuição que esse fator tem para o desenvolvimento do aluno promovendo um equilíbrio emocional respeitando o educando como um indivíduo integral que possui não só o intelecto, mas também sentimentos.

O referido trabalho tem como objetivo compreender a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem mais especificamente entender a criança em seu processo de desenvolvimento ao longo da história, conceituar o que é a afetividade, analisar a importância do afeto na relação família/escola, destacar a importância da afetividade docente e analisar a afetividade e sua importância no processo formativo do ser humano.

Precisamos entender que o educar é uma troca incessante não só de conhecimento e se assim for bem conduzida pode alcançar excelentes resultados pois os sentimentos são importantes aliados não só para o processo de ensino-aprendizagem, mas principalmente para se tratar de problemas do cotidiano escolar como: relações de aluno/aluno, professor/aluno e as dificuldades do aprendizado.

O referido trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, na qual se enquadra como qualitativa, que possibilitou a realização de diversos estudos referentes a “A afetividade no processo de ensino e aprendizagem”, deste modo, resultando na criação de uma tese onde menciona a contribuição dos estudos de alguns teóricos que discorrem sobre a afetividade e a sua importância para o processo evolutivo do ser humano e conseqüentemente, poder defendê-la com muita convicção de acordo com a autenticidade e veracidade dos fatos estudados.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE PARA A CRIANÇA E SUA APRENDIZAGEM**

Para compreender como a afetividade influencia no processo de ensino e aprendizagem é preciso primeiramente compreender a criança e a infância, e olhar também para o passado que foi fator fundamental da sua evolução e compreensão. O próprio Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil — RCNEI destaca que, a concepção histórica construída sobre a criança vem sofrendo alterações durante o tempo não se permanecendo igual independente de uma mesma sociedade ou época (BRASIL, 1998, p.21), ou seja, todas as informações sobre a criança e a infância provenientes das reflexões e pensamentos construídos ao longo da história vem se resignificando através de novas considerações para melhor entendê-las.

Dessa forma, entendemos que a criança é um ser social e histórico e de forma imediata está inserida na sociedade. No entanto, é necessário e extremamente importante considerar que cada criança possui realidades e cotidianos divergentes levando automaticamente a concepções diferentes de criança e infância, pois enquanto de uma há bastante proteção e cuidados tanto da família quanto da sociedade, outras já não possuem esse amparo e qualidade de vida tendo que lidar desde muito cedo com os conflitos de uma sociedade (RCNEI, 1998).

A afetividade é desenvolvida desde cedo pelos pais que são os primeiros educadores e contato social de um indivíduo. Por meio deles as crianças constroem suas primeiras relações de afeto e passam a ser espelho de seus pais nas suas atitudes e refletem o que veem e o que aprendem (NOVO, 2018).

Considerando também que nem todas as crianças viveram e viverão a infância em seu sentido mais genuíno, pois possuem realidades sociais, culturais e econômicas diferentes.

De uma forma geral, entendemos criança como um indivíduo genuíno, inocente, em constante desenvolvimento e formação que necessita de cuidados. Mas nem sempre essa foi a realidade, pois, antigamente na sociedade Medieval a criança não era vista de forma diferente dos adultos, em requisitos como vestimentas, gestos ou atividades, ou seja, não havia um olhar diferenciado para ela. Durante muito tempo não houve uma preocupação com o sentimento pelas crianças, pois, nos tempos antigos quando morria uma criança a família encarava essa morte de forma natural, pois sabiam que após essa outra viria, então não havia inicialmente o laço afetivo daquele ser com sua família (ARIÈS,1981).

Nesse período, as crianças não eram abandonadas ou desprezadas, mas não havia o sentimento da infância relacionado a particularidade infantil que é o que diferencia a criança do adulto. Assim que a criança chegava a uma certa idade e se tornava “independente” em suas ações ela se inseria em sociedade sem ter distinção entre os adultos e participava de todas as atividades como tal, ou seja, não havia o prazer das atividades infantis. Fica subentendido que a infância era concebida como uma fase anterior a vida adulta.

Philippe Ariès em seu livro História Social da Criança e da Família (1986), traz excelentes considerações sobre a família e a infância na Idade Média. Em seu livro ele ressalta o quanto a sociedade tradicional via mal as crianças, onde sua infância se resumia no período onde ela era totalmente dependente e assim quando já alcançava certa “independência” em suas ações, passava a compartilhar das mesmas atividades que os adultos se transformando automaticamente em um “homem jovem”. Segundo ele, as crianças diferiam dos homens apenas em seu tamanho e força e nos demais aspectos permanecia igual. (ARIÈS, 1981).

Então, pode-se observar que a infância sempre existiu, pois, as crianças se faziam presentes naquele momento da história, porém, os adultos não estavam sensíveis às especificidades e necessidades que as crianças apresentavam. Necessitavam do cuidado, atenção, cautela e de viver momentos apropriados para a sua idade, mas não havia nos adultos a consciência e a compreensão do quanto isso era fundamental.

Com isso, a criança nesse período, não pôde desfrutar da sua infância brincando, estudando e se divertindo como ocorre atualmente. A prova disso era a arte medieval que desconhecia a criança e muito menos tentava representá-la como criança, sempre lhe representando como um adulto em miniatura, com braços fortes e feição de adulto, mas em um tamanho pequeno. Ou seja, a criança era ignorada em sua condição de criança e era valorizada e taxada como um adulto.

A criança possui suas fases e suas necessidades específicas de acordo com cada momento que ela está vivenciando e requerem cuidados e atenção necessária nesse processo. Todo esse fator de adultização ocasiona o afastamento da criança de sua infância e de todas as atividades importantes para o crescimento de suas relações afetivas do seu processo cognitivo, de aprendizado e linguagem (FIRMINO, 2021).

Com essa adultização, é de extrema importância a participação dos pais nas vidas dos seus filhos, na sua rotina e em tudo que fazem sendo presentes e promovendo um ambiente afetivo de cuidado, proteção e atenção pois o afeto é grande contribuinte no desenvolvimento pleno da criança e impactando em seu processo cognitivo e de aprendizagem.

A metáfora “Canoa da Aprendizagem” de forma sucinta destaca o quanto é importante a interação entre os adultos e as crianças afirmando também que essas interações podem potencializar a aprendizagem da criança. Essa aprendizagem da criança pode ser exemplificada como uma canoa de dois remos onde um deles é utilizado pela criança e o outro pelos adultos a sua volta. Pensando assim, a canoa (aprendizagem) só pode chegar em algum lugar se os remos (os adultos e a criança) estiverem trabalhando juntos de forma coordenada para conduzir a canoa da melhor forma possível.

Dessa forma, fica explícito que o desenvolvimento dessa criança também depende das relações com o mundo e com as pessoas que ela possui a sua volta e com os vínculos afetivos criados por ela. Também de se está sendo bem assistida e se seu espaço, suas fases e necessidades estão sendo supridas da forma correta.

A presença ou falta de afeto influencia no seu desenvolvimento, aprendizagem e relações com outras pessoas. É por meio da troca de afeto que o indivíduo desenvolve suas primeiras relações que serão de fundamental importância para sua construção como ser humano. Por meio da troca e relacionamentos com outras

peças que o indivíduo aprende a interagir, a se comunicar e também desenvolve a aptidão de ter empatia com o outro.

A afetividade é muito importante na vida do ser humano pois ela não está relacionada apenas ao social e ao pessoal. Ela está diretamente ligada ao cognitivo, ao desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo. Ela é responsável pela coragem, a motivação, o interesse e sensações (SILVA, 2013).

De acordo com Hillal apud Santos (2011), a afetividade é o suporte da inteligência e que nenhuma aprendizagem pode ser realizada sem que ela faça parte. Ou seja, elas precisam andar lado a lado para que o desenvolvimento e o aprendizado aconteçam e o seu papel é predominante nessa construção de conhecimento e no crescimento cognitivo.

Na educação, os conteúdos e metodologias trabalhados na escola são de grande importância e assim como os conteúdos a afetividade também é. O afeto está profundamente associado à cognição e ao se falar em aprendizado ele é um dos pontos fundamentais pois sem ele a aprendizagem pode infelizmente não alcançar o propósito esperado.

Na vida do educando, o processo escolar por qual ele passa fica registrado para toda a vida sendo eles positivos ou negativos. Por isso, é importante que o ambiente escolar consiga atender às necessidades do seu aluno pois na vida adulta ao lidar com situações cotidianas podem vir à mente aqueles flashbacks de momentos vivenciados durante a vida acadêmica. “Afetividade e o desenvolvimento da inteligência estão dissociadas e integradas no desenvolvimento psicológico não sendo possível ter duas psicologias uma da criatividade e a outra da inteligência para explicar o comportamento” (PIAGET apud ARANTES, 2003, p. 56).

Assim como a presença do afeto contribui bastante para o processo de ensino aprendizagem motivando o aluno, a falta dela pode ocasionar bloqueios, dificuldades na aprendizagem que atrasam o processo de desenvolvimento. E para a criança nos seus primeiros anos de desenvolvimento, isso pode ser muito prejudicial sendo que até o momento em que começa a frequentar a escola, seu contato é a família onde ela teve os primeiros vínculos sociais e afetivos e passa a frequentar um novo ambiente social, uma nova experiência, um ambiente que precisa ser acolhedor e proporcionar segurança.

É preciso que nesse novo ambiente em que a criança irá se integrar, ache afeto pois essa será a ponte que vai se formar para que ela possa cruzar de um caminho para outro. Será como subir um novo degrau para seu crescimento e o que vai auxiliar nesse processo é as relações de afetividade que irão surgir. Ela vai está saindo de um ambiente conhecido para frequentar um completamente diferente e o afeto é o auxiliador para passar para essa criança a segurança e confiança necessária para que esse processo ocorra.

Ao chegar na escola a criança, já carrega com sigo experiências sendo elas positivas ou negativas que não podem ser deixadas de lado. A escola não é apenas transmissora de conteúdos ela carrega consigo a responsabilidade de ensinar e de se o aluno vai aprender e para que ele aprenda é preciso olhar um todo. E na busca pelo sucesso no ensino as vezes uma questão muito importante é deixada de lado que é a afetividade, que mesmo sendo um ponto importante para a aprendizagem as vezes é pouco exercitada por alguns profissionais (GUILHERME, 2017).

A escola sendo segundo espaço socializador do indivíduo, deve criar um ambiente que passe segurança e proteção pois é algo novo em sua vida. Nesse processo, vem a necessidade do afeto para que se faça a ponte e a criança consiga desenvolver não apenas o seu intelecto, mas também as relações interpessoais positivas, onde ela vai conhecer o outro, seus próprios limites e até mesmo respeitar os limites do outro.

O afeto então se torna algo essencial para a criança sendo um principal contribuinte para seu processo de desenvolvimento, pois, é a partir da interação e atitudes demonstradas por meio da criança no ambiente escolar que vai mostrar como está sendo o seu desenvolvimento

Se o aluno não se sentir acolhido e não houver o afeto em meio ao processo de ensino ele possivelmente não irá desenvolver da forma esperada. É o mesmo que acontece quando o aluno não se identifica com alguma disciplina ele terá dificuldades para aprender e o seu desenvolvimento naquela disciplina não será como em uma que ele se identifica. O afeto não se relaciona apenas no contato com pessoas, mas também com objetos, gostos, culturas e não é diferente com as disciplinas ministradas em sala de aula (SILVA, 2013).

Pode-se dizer que a afetividade faz o ensino fluir. Elas precisam andar juntas para que o processo de ensino aprendizagem ocorra efetivamente. Ela é como um combustível para que a inteligência trabalhe de forma potencializada. Ela é de grande

importância em sala de aula, mas nem sempre sua importância é levada em consideração como deveria.

A afetividade tem grande relação na construção da personalidade e é formada por meio das ações sociais em qual a criança está associada. A criança com base nas necessidades criadas devido seus convívios sociais vai mudando seu comportamento à medida que se desenvolve, ou seja, é uma constante adaptação as relações sociais e ao espaço.

A afetividade está presente nas pequenas atitudes e são elas que fazem total diferença. E um dos elementos mais primordiais no aprendizado é o afeto, pois, na construção de conhecimento aprendemos muito melhor ao assunto que nos afeiçãoamos. Tudo isso, está relacionado com a afinidade e relações que estabelecemos não só no ambiente escolar, mas também na vida cotidiana. E é a partir desse conjunto de situações que é possível o indivíduo viver melhor, adquirir conhecimento e viver socialmente (BARBOSA, 2014).

A afetividade também está presente nos jogos lúdicos desenvolvidos em sala de aula e brinquedos. Com eles a criança entra no seu mundo de fantasia passa a se conhecer demonstrando sentimentos de afeto e necessidades por meio deles. Percebe-se que ao pegar um brinquedo logo, a criança associa a algo que ela já conhece. Uma boneca vira mãe e a outra filha, um ursinho, e logo ela reflete momentos por ela vividos. Os jogos e brinquedos exercita a sua capacidade de pensar, de representar simbolicamente as suas ações.

Com isso, a afetividade exerce uma contribuição fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, e influencia decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e é um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade do ser humano e é um processo que dura a vida toda do ser humano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se concluir com o trabalho em questão, que a afetividade é “objeto” que está presente desde a concepção, e as relações não somente com as pessoas, mas com todo o ambiente que cerca o indivíduo o afeta tanto positivamente quanto negativamente. E voltando-se para a criança que é foco do artigo, pode-se compreender também que ela não é ser construída de forma fixa, sem alterações e

modificações. A criança é ser historicamente construído e que com o passar dos anos e sociedade em que conviveu e fez parte como cidadão foi se modificando no que diz respeito às concepções atreladas a ela.

Sendo assim, todas as informações que hoje estão atribuídas à criança e a sua infância provem de pensamentos e diferentes considerações a respeito dela que foram se moldando ao longo do tempo e por conta disso, pode-se dizer que a infância e a criança da Idade Média não são as mesmas que as dos dias atuais, pois atualmente embora ainda haja adultização infantil, também há grande informação sobre a criança, suas necessidades, fases, desenvolvimento e seu processo afetivo o que antes não era levado em consideração.

Dessa forma, entende-se que a afetividade está atrelada a fatores psicológicos que são demonstrados através de emoções e sentimentos por uma ou mais pessoas e todo esse processo afetivo molda o ser humano e o seu caráter, pois influencia muito no comportamento humano e conseqüentemente nas áreas de sua vida e na sua forma de ver o mundo e interagir com ele. Pode-se ver seu processo inicial desde a concepção onde a mãe e a criança possuem um vínculo afetivo muito grande, pois seus corpos estão ligados e após o nascimento aquele ser depende de cuidados especiais e atenção que pode ser ou não de sua mãe, mas que vão fazer total diferença para a formação desses indivíduos.

Com isso, concluímos que a afetividade está diretamente ligada ao cognitivo uma vez que envolve fatores psicológicos e é representada de diferentes formas possuindo diferentes responsabilidades que estão diretamente ligadas à coragem, a motivação e ao interesse.

Leva-se em conta, que da mesma forma que a afetividade possui um papel importantíssimo e positivo para a vida do ser humano, das suas relações e do seu aprendizado a falta dela conseqüentemente torna-se um problema devido a sua grande importância para a formação do ser humano e o seu desenvolvimento.

Assim, torna-se necessário o cuidado com as relações de afeto instituídas para que elas não venham afetar negativamente pois acarreta uma consequência de bloqueios, falta de interesse e motivação para realizar o trabalho necessário deixando marcas que ficam para sempre na vida do indivíduo interferindo no seu futuro e realizações.

Portanto, a escola deve criar um ambiente propício ao aprendizado e de troca com afeto, atenção, respeito as particularidades e o tempo do aluno pois o ato de ser

afetivo não se resume apenas em gestos de carinho físico, mas também gestos que façam o indivíduo sentir-se acolhido e parte do ambiente no qual ele está inserido fazendo assim o aprendizado se tornar efetivo e eficaz. Se não houver o afeto muito provavelmente o aluno não terá um desenvolvimento intelectual da forma esperada.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, V.A. (org.) **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BARBOSA, IRACI PEREIRA. **A importância da afetividade para uma aprendizagem significativa**. Brasil Escola, 2014. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/a-importancia-afetividade-para-uma-aprendizagem-significativa.htm>>. Acesso em: 20 de jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol.1. Brasília: MEC\SEF, 1998.

FIRMINO, Carol. **Adultização infantil leva à dificuldade de socialização e baixa autoestima**. Viva Bem Uol, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/02/adultizacao-infantil.htm?next=0001H302U55N>> . Acesso em: 20 abr. 2022.

GUILHERME, Keite. O estudo da afetividade na formação da autoestima da criança na educação infantil. BRASIL ESCOLA, 2017. Disponível em: <<https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/o-estudo-afetividade-na-formacao-autoestima-crianca-na-educacao-infantil.htm>> . Acesso em: 23 maio. 2022.

NOVO, Benigno Núñez. **A importância da interação da família e escola**. BRASIL ESCOLA, 2018. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/a-importancia-interacao-familia-escola.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SANTOS, Mayana Souza. **A relação entre a afetividade e aprendizagem na educação infantil**. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32739/1/A%20RELA%C3%87%C3%83O%20ENTRE%20A%20AFETIVIDADE%20E%20APRENDIZAGEM%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2022.

SILVA, Nelma Albino. **A importância da afetividade na relação professor -aluno**. Brasil Escola, 2013. Disponível em:

<<https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>> . Acesso em: 20 de jun. 2022.

**Capítulo 6**  
**ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM**  
**DEFICIÊNCIA VISUAL**

*Otávia Passos Bezerra*  
*Sileide Mendes da Silva*

## ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

**Otávia Passos Bezerra**

*Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN.*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPPi) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br); [sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)*

### RESUMO

O artigo tem como objetivo entender a importância da adaptação curricular para o aluno com deficiência visual. Baseado em pesquisas bibliográficas, observou-se que a inclusão escolar tem se tornado bastante dialogada nos dias atuais, inclusive em junção a entrada dos alunos com deficiência visual em sala regular de ensino. Encontra-se definido na legislação que é dever do Estado garantir uma educação de qualidade para todos os educandos. O procedimento histórico da implantação da educação para cegos é rodeado por diversas questões, desde o Império até o Estado Novo, referentes à retenção (criação), a entrada (matrícula), ao apoio na educação infantil. Nesse caminho de reconstruções educacionais, desde a movimentação da Escola Nova, o Instituto Benjamim Constant passa a ser a célula primária na elaboração de políticas públicas na educação especial e na formação de novos acordos pedagógicos para cegos no Brasil. Mas, desde 1990, os citados externos cujo o Brasil, contribui como signatário direitos buscam garantias primordiais para pessoas com deficiência no emotivo à acessibilidade, à didática e ao direito da inclusão sociável. Os resultados apontam que a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 é a legislação que historicamente tende a garantir o acesso, a estadia e o atendimento às pessoas com deficiência, afirmando, desse modo, políticas públicas e uma agregação na Educação inclusiva em todas partes de ensino.

**Palavras-chave:** Deficiência visual. Legislação. Adaptação curricular.

### 1 INTRODUÇÃO

Com a constituição Brasileira de 1988, no capítulo III, em seu artigo 205, preconiza: ‘A educação é de direito de todos e dever do Estado e da família’ (BRASIL,

1988). Em seu artigo 208, prevê: “[...] o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: [...] atendimento educacional especializado a pessoa com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

A inclusão dentro das escolas tem um papel essencial na rede regular de ensino, trazendo um desafio para o espaço escolar. Diante da história das pessoas com deficiência no Brasil, é possível compreender a representação de preconceitos do qual a cegueira se enfatiza com uma carência que é capaz de gerar privação e condições de sustentação, ou mesmo evitando a elevação da vida soberana e convivência regular com os demais. Os obstáculos enfrentados por essas pessoas, são diversos, gerados pela privação de oportunidades, falta de incentivos ou de entrada aos bens comunicativos.

É direito dos alunos com deficiência visual o acesso ao ensino escolarizado, a formação de professores, adaptações curriculares, recursos não ópticos, como a grafia em Braille, reglete, impressora braile, linhas braile, desenhador em braile, soroban, mapa tátil, máquina braile, recursos táteis, eletrônicos e de discriminação auditiva, materiais com textura, áudio descrição: recursos que facilitam e modificam a linguagem visual, exposição de trabalhos. Cabe ao educador organizar o ambiente gerando condições para inclusão e participação desses alunos, havendo um avanço na autonomia trazendo qualidade de vida e inclusão social.

A escolha do tema, justifica-se como reflexão sobre a importância da capacitação do professor para trabalhar com deficientes visuais (DV), frente aos desafios e dificuldades em encontrar um método apropriado que permite compreender, pensar em formas diferentes de intervenções e socializações no espaço escolar. O acolhimento do Deficiente Visual é um processo permeado de incertezas, quando cada profissional questiona não estar preparado para receber esses alunos por falta de formação, nas atividades realizadas, e da falta de material acessível.

Percebe-se a necessidade de formação continuada direcionada aos professores devido ao pouco conhecimento em adaptações nas suas práticas pedagógicas em sala com aluno deficiente visual (DV). É importante compreender o trabalho pedagógico que auxilia no desenvolvimento, no qual a escola é capaz de incluir esses alunos, além de possibilitar mecanismos e avanços em diferentes maneiras de socialização.

O trabalho fundamenta-se na forma de utilização desses conhecimentos para facilitar o conhecimento dos professores no que se refere as pessoas com deficiência visual podendo mostrar que o DV é capaz de desenvolver atividades. Assim, o trabalho traz como problemática: Como podemos incluir a pessoa com deficiência visual no ambiente escolar? E qual melhor método usar?

É importante compreender que o aluno com cegueira tem habilidades motoras, em entender e esclarecer as atividades desenvolvidas, tendo apenas como principal empecilho explicar a descrição do ambiente, devido à sua deficiência. Portanto, é fundamental que seu círculo social seja adaptado às suas necessidades específicas, possibilitando acessibilidade no que diz respeito à locomoção, compreensão e participação nos diversos espaços escolares. Desse modo, estimular sua autonomia e autoconfiança no dia a dia na escola. A escola deve tornar-se um espaço acessível como piso tátil, instalação de rampas entre outros.

Este estudo corresponde a uma pesquisa bibliográfica, apoderou-se de referências em livros e artigos que focaram no assunto. O trabalho teve como objetivo geral verificar se a escola está adaptada para a inclusão do aluno com deficiência visual. Como objetivos específicos: conhecer as normativas que asseguram o acesso e a permanência do aluno cego na escola, refletir os desafios em sala de aula do aluno com deficiência visual e pesquisar quais os profissionais estão envolvidos na educação do aluno cego e investigar o contexto histórico do surgimento da educação do aluno deficiente visual.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 SOBRE LOUIS BRAILLE**

O sistema Braille foi criado pelo jovem francês Louis Braille. Nasceu em Couvray, na França no dia 4 de janeiro de 1809, filho de Monique e Simon René. Em sua infância sofreu um acidente, onde mudou drasticamente sua vida. Aos três anos de idade, quando desfrutava das peças de seu pai na oficina de arreios e selas, atingiu seu olho esquerdo, buscaram todo tipo de especialista mas desenvolveu uma infecção iniciado no olho atingido, causando a perda total dos olhos, Braille ficou cego dos dois olhos (TORRES, 2021).

Diante da cegueira seus pais, começaram suas atividades escolares, mesmo cego, sua atuação era de excelência e um ótimo comportamento, conseguiu uma bolsa num colégio para cegos, Instituto Nacional para Jovens, em Paris. Valentin Haüy foi um dos primeiros a formar um programa para ensinar os cegos a ler, as primeiras tentativas de Haüy rodeavam de gravuras em alto-relevo de letras grandes, em papel grosso. Apesar de básicos, esses empenhos apresentaram a base para avanços posteriores (TORRES, 2021).

Era tática de ensinamento que compreendia em fixar letras em alto relevo para que o cego conseguisse sentir através do tato. O Sistema, apesar de ser complexo, a maioria dos educandos cegos possuíam impasse em acertar a ele. Louis Braille começou em 1821. Charles Barbier de La Serre, oficial francês que criou o código para a comunicação entre os soldados, conhecido como 'escrita noturna'. Barbier procurou à escola onde Braille estudava para mostrar a codificação desenvolvida no exército francês. Destinava-se em remeter ordens cifradas a vigilantes em postos avançados, ainda assim, a ideia não captou na tropa, Charles Barbier ajustou a forma para leitura para cegos, com grafia sonora (TORRES, 2021).

## **2.2 Breve relato sobre a educação de cegos no Brasil**

No Brasil, foi implantada a primeira experiência e regularização do ensino para cegos através de uma proposta mostrada à Assembleia Geral na sessão de 29 de agosto de 1835, pelo deputado Cornélio Ferreira França. De acordo com Zeni (2005), tal programa antecipava um educador de letras para surdos, mudos e cegos, de acordo com a Lei de 15 de outubro de 1827. A proposta, porém, não foi aprovada, e a educação dos cegos só se firmou em 1854, ao reconhecimento e desempenho de José Alvares e José Francisco Xavier Singand (LANNA, 2010).

Desse modo, José Alvares, cego que terminava de finalizar seus aprendizados na França, no Instituto de Meninos Cegos de Paris, foi indicado ao Imperador D. Pedro II, o qual fascinado com a explicação e com a configuração representada de identificação do sistema Brasil e articulação (LANNA, 2010). Deste então, a cegueira não foi apontada como tribulação.

Constituiu-se no Rio de Janeiro, por o decreto imperial nº1.428, de 12 de setembro de 1854 o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, primeira instituição da América Latina no atendimento as pessoas com deficiência visual, novo Instituto

Benjamim Constant (IBC). Segundo Nazzotta (2011) Em seguida o nome do Instituto foi modificado em Instituto Nacional dos Cegos em 17 de maio de 1890, pelo governo temporário do Marechal Deodoro da Fonseca, outra vez, pelo meio de Decreto nº 1.320 de 24/01/1891, a escola passou se a chama se Instituto Benjamin Constant (IBC).

Na década de 1950, em São Paulo, realiza-se a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, o que garantiu ao Cego uma posição melhor de aprendizado. Até aquela ocasião, a única impressa Braille existente no Brasil localizava-se situado no Instituto Benjamin Constant. Atualmente, essas permanecem existindo ambas e únicas impressas que produzem, livros em Braille em nosso país (Rocha, 1987; ANACHE, 1994; MASINI, 1994; SOMBRA, 1994).

Com o início de 1961, com a Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024/61, o Estado introduziu-se assegurar a educação da pessoa com deficiência adaptada ao grupo legal ao sistema regular de ensino (ROCHA, 1987), Segundo Anache (1994), tamanha aproximação nada sucedeu efetivamente, porque o Estado mesmo anunciado a orientação não proporcionou o atendimento educacional aos indivíduos manteve-se perante a reflexão de instituições particulares a monitorar pelo governo.

Surgiu na década de 1970, introduziu-se, no Estado de São Paulo, a construção e especialização de professores de Educação Especial no Ensino Superior. A cerca de 1973, o ministério da Educação e Cultura criou o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), respeitável diante a superfície natal, pelo desenvolvimento e ampliação do suporte à pessoa com deficiência em todas as demandas educacionais, intencionando da adaptação na coletividade, o que movimentou à extinção da Campanha Nacional de Educação dos Cegos (Rocha, 1987; BUENO, 1993; MAZZOTTA, 1993; ANACHE, 1994; BRASIL, 1994; MASINI, 1994; MAZZOTTA, 1996).

Anache (1994), refere que, embora seja possível perceber um reforço na oferta em atendimentos à pessoa com deficiência visual, como as salas de recursos e o acolhimento nas fundações especializadas este aperfeiçoamento, até ao presente não pode ser considerado como avanço, sendo que o deficiente visual permanece a encarar dificuldades.

Observa-se, que por toda a extensão de relato, a Educação Especial no Brasil foi apontada pelo enfraquecimento presente nos sistemas que permanecem em luta

com a desigualdade social e para aquisição de direitos e deveres de cidadão que duram atualmente.

O trabalho da escola inclusiva é obter um ambiente em que o aluno tenha concentração notável que consiga comunicar-se com o professor de acordo as aptidões, disposto a aumentar suas potencialidades e fortificar-se como cidadão. Conforme esse ponto de vista, assim como apoiamos a compreensão de que “a ideia da inclusão se fundamenta numa filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade, isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo e/ou grupo social” (ARANHA, 2000, p. 2).

A orientação da educação inclusiva é afirmar e dar condições para a pessoa com deficiência praticar seus benefícios no que diz respeito a realização da inclusão escolar, em razão disso, todas as pessoas, sem distinção de cor, grupo, etnia ou religião.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), é um trabalho da Educação Especial que identifica, estabelece e coloca recursos no ensino em acesso que eliminem bloqueios para a participação do aluno, atendendo suas dificuldades individuais (MEC, 2009). É efetuado no período oposto da aula regular, destinando-se a dar suporte ao aluno com deficiência, a fim que consiga seguir, junto ao currículo ao qual está introduzido em sala.

A função do professor da sala de multifuncionais é produzir a avaliação prática eficaz, vista ao avanço do aluno, cooperar no planejamento da escola, procurando ao lado da direção temáticas próprias para um desenvolvimento favorável da sala, ajustar a proposta da sala regular ao nível do aluno, e suas dificuldades específicas do mesmo, propor ações em parceria com o professor da sala regular para serem desenvolvidas na sala de recursos multifuncionais, auxiliar na adaptação das funções sejam elas, tátil, cinestésica, auditiva, olfativa e visão, ajudar na introdução nos recursos em especial ao ensino do sistema Braille (reglete, máquina braille) e uso do soroban, instruir o código Braille aos alunos, familiares e professor da classe regular, preparar com o aluno e seus familiares um programa tarefas da vida diária e direção e mobilidade.

Segundo Gil (2000), apesar de barreiras a vencer, nos dias de hoje encontram-se diversos tipos de pessoas com deficiência visual, esperando empregos em

indústria, escola, clínica, empresas e hospitais, com atuação similar ou maior que outros.

### **3 ADAPTAÇÕES CURRICULARES PARA OS ALUNOS COM BAIXA VISÃO**

O conceito de baixa visão é confuso, pois é capaz de ter multiplicidade e intensidade do envolvimento das funções visuais, que vão a partir da cognição de claridade até a redução da percepção e do campo visual que influenciam ou extinguem a execução de deveres e a atuação geral. “O trabalho com alunos com baixa visão baseia-se no princípio de estimular a utilização plena do potencial de visão e dos sentidos remanescentes bem como na superação de dificuldades e conflitos emocionais” (SÁ, 2008, p. 49)

A criança com baixa visão tem que ser despertada para que aproveite diferentes potencialidades. Se for adequadamente estimulada é capaz de desfrutar o mesmo êxito que qualquer outra criança. O trabalho junto com esses alunos solicita do professor critérios para que o aprendizado seja inteiramente proveitoso. São aplicados recursos ópticos, como lupa e lente de aumento, e não óptico como cadernos com pautas ampliadas, canetas de contrastes e iluminação especial.

A baixa visão consegue passar distraída por professores, familiar inclusive por a criança até que seja coletado dela um pleno comportamento visual, o que normalmente acontece no 1º ano do Ensino Fundamental, aos seis anos de idade. Quanto antes a dificuldade for constatada, maiores serão os proveitos visuais, a criança conseguirá ter um avanço maior e outros incômodos são capazes de ser evitados. Diversas vezes, os alunos são acuados com hiperativos, distraídos ou estabados. Eles são capazes de ampliar recursos compensatórios derrubar a cabeça na leitura, brilhar interessadamente os olhos, esfregar os olhos o tempo todo etc. (CIRANDA DA INCLUSÃO, 2011, p. 04).

Segundo Carlassoli (2012, p. 04) “existem muitas barreiras que um pedem a inclusão escolar, que vão desde a questão física, passando pelos recursos materiais e tecnológicos até a questão atitudinal dos recursos humanos”, ou seja, a omissão e empenho para que a inclusão aconteça. Entrave possivelmente, o mais difícil de derrubar, conforme Mittler (2003, p. 34) “reforça que a inclusão implica uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos, nas atividades de sala de aula”.

Na escola, os professores têm que olhar as ações das crianças caracterizando alguns sinais ou indícios próprios do aluno com baixa visão, como: dor de cabeça frequente; proximidade nos cadernos, livros ou lousa para praticar uma tarefa, aperto em olhar um livro ou um objeto, privação em ler textos ou livros em tamanho padrão, problemas em exercer tarefas mimeografadas, impasses ao diferenciar pessoas ou objetos distante; decadência no período da realização das atividades escolares; dificuldade nos afazeres sociais e de cumprir-se as tarefas escolares. (CIRANDA DA INCLUSÃO, 2011, p. 4).

O material didático a ser aplicado pelo aluno com baixa visão, tem que ser apropriado ou adequado, levando-se atenção a percepção e eficiência visual do aluno.

Amplificar a compreensão e a competência visual por meios de materiais didáticos (jogos e brinquedos) em diversos momentos vai conceder a criança expandir o seu poder descobridor, habilidades como: diferenciar semelhanças diferenças, em figuras geométricas aprender a aguardar sua vez e a respeitar as ordens, além de manter o material e saber guarda-lo tudo isso alcançando com a informação de regra e responsabilidade (DOMINGUES, 2010, p. 34).

Os demais materiais que podem ser usados como: os blocos lógicos, formas geométricas, indicadas para expandir inicialmente no aluno prática de conhecer, diferenciar e depois nomear e discriminar incentivos visuais. O material dourado dispõe muita eficácia na matemática. Os brinquedos pedagógicos, montar, empilhar, edificar, montar quebra cabeças... Aprender produzindo e brincando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho proporcionou uma pesquisa de aprimoramento, ao trazer documentos e observações, em cima da primeira fundação escolar dirigida às pessoas com deficiência no Brasil, com seu grau de definição a respeito da proposta pedagógica e forma ampla da educação de cegos nos anos 1827, uma vez aprofundado surgiu várias oportunidades para a compreensão das indagações correspondentes à instrução da criação ajustada para alunos cegos.

Conceituar o merecimento dos agentes como José Álvares de Azevedo, Xavier Sigaud e D. Pedro II na constituição, leva inovações e perspectivas para refletir a criação da escola para cegos, visto que se distancia do passado personalista

conhecido, hoje pela respectiva instituição e associa ao debate as metas de firmeza coletivo com viés modernizados que adquiriu as organizações do Rio de Janeiro no decorrer do século XIX, baseado em princípios do que era contemporâneo e transformador nos países europeus da época.

A pessoa com deficiência visual possui o direito formal estabelecido de ser incluso na educação, e o poder público tem que se mover de forma a fixar os direitos pertencentes aquelas pessoas. O termo para a pessoa com deficiência visual é a representação mais respeitável, pois transpassa ao significado de quem não pode enxergar, mas, da mesma forma, expõe toda precisão por ele atribuída.

As considerações ora dadas mediante este escrito, não tem o privilégio de exaustar o tema, tão pouco de mostrar explicações únicas e permanentes, mas sim, o privilégio de possibilitar melhores reflexões a respeito do tema, as quais facilitam melhores modo de efetivação e da integração dessa pessoa ao meio.

## REFERÊNCIAS

ANACHE, A. A. **Educação e Deficiência**: estudo sobre a Educação da pessoa com “deficiência visual”. Campo Grande: CECITE, UFMS, 1994.

ARANHA, M. S. F. **Inclusão Social**. In, **E. J. Manzine (Arg.) Educação Especial**; Temas Atuais. Unesp Marília publicações 200.

BRASIL. Decreto n. 1.428, de 12 de setembro de 1854. Cria nesta Corte um instituto denominado Imperial Instituto dos Meninos Cegos. **Coleção das leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 1, parte 1, p. 295-300, 1854.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CIRANDA DA INCLUSÃO: **a revista do professor**. São Paul/o: Ciranda Cultural, v.3, n. 24, dez. 2011. Mensal.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal/ do Ceará, 2010. V. 3

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil**: história e políticas públicas. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, H. **Ensaio sobre a problemática da cegueira**. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1987.

SOMBRA, L. A. **Instituto Benjamin Constant**: a educação de cegos é uma realidade. E. M. L. S. ALENCAR (Org.). Tendências e desafios da educação especial. (Série Atualidades Pedagógicas 1) Brasília: SEESP, 1994.

**Capítulo 7**  
**PROCESSOS QUE OS ORIENTADORES DE TCC -**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PASSAM**  
**PARA GARANTIR QUALIDADE NOS TCC**

*Paulina dos Passos Jordão Santana*  
*Sileide Mendes da Silva*

## PROCESSOS QUE OS ORIENTADORES DE TCC - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PASSAM PARA GARANTIR QUALIDADE NOS TCC

**Paulina dos Passos Jordão Santana**

*Coordenadora do Centro de Atendimento Educacional Especializado CAEE. E-mail:*

[paulinapassosjordao@gmail.com](mailto:paulinapassosjordao@gmail.com)

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. *Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) –*

*Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br):*

[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

### RESUMO

Este trabalho vem mostrar a realidade de orientadores de TCC, o que é passado por eles nos períodos de orientações e correções, momento oportuno de fazer uma reflexão sobre as pressões que passam e como lida com as emoções diante de um cenário como esse. Com isso, essa pesquisa tem o objetivo de trazer a realidade dos professores orientadores de TCC, como é feito a correção e orientação dos mesmos, para garantir qualidade no que é desenvolvido por alunos. Para a busca das informações utilizou-se da pesquisa bibliográfica, cujos autores selecionados contribuíram de forma indispensável para a construção desse trabalho. Abordam que a internet contribui para a evolução da pesquisa, os ganhos que oferece a todos os pesquisadores e professores. Assim, é visto uma problemática sobre quais métodos são utilizados para análise e correção dos trabalhos de conclusão de cursos. Os resultados apontam que, para que aconteça a escrita de uma pesquisa é necessário que se tenha embasamento em autores renomados que falam sobre o assunto na qual é o foco do trabalho, as normas da escrita devem ser prescritas pelas instituições de ensino. As atribuições que a eles são dirigidas e como conduzem com seus alunos as respectivas atividades.

**Palavras-chave:** Trabalho de Conclusão de Curso. Produções. Professores.

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento crescente de pessoas que buscam uma graduação é gigantesco, isso se inclui a evolução das tecnologias que traz a necessidade de realizar tarefas de maneira cada vez mais simples e informatizada, ou seja, de modo que seja exigido o menor esforço possível por parte das pessoas.

Com isso, esse trabalho tem o objetivo de trazer a realidade dos professores orientadores de TCC, como é feito a correção e orientação dos mesmos, para garantir qualidade no que é desenvolvido por alunos. Como a internet contribui para a evolução da pesquisa, os ganhos que oferece a todos os pesquisadores e professores.

Assim, é visto a seguinte problemática: Quais métodos são utilizados para análise e correção dos trabalhos de conclusão de cursos?

Para que aconteça a escrita de uma pesquisa é necessário que se tenha embasamento em autores renomados que falam sobre o assunto na qual é o foco do trabalho, as normas da escrita devem ser prescritas pelas instituições de ensino.

Isso faz com que a demanda de orientadores seja crescente, onde oportuniza uma série de questões, aprofundando os estudos, dando orientações certas e precisas.

O uso de plataformas ajuda no processo de construção dos TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) o apoio de artigos científicos já construídos fornece um norte de estruturação para a continuidade e formação de novos, a leitura é o principal caminho para formalizar as ideias e começar a escrita.

Os orientadores devem enviar produções de apoio assim como mostrar cada fase da construção, assim cria norte de como uma produção pode ser bem elaborada, um orientador deve sempre estar em fontes de pesquisas para conseguir atingir todos os seus alunos.

Com isso, essa pesquisa tem o objetivo de trazer a realidade dos professores orientadores de TCC, como é feito a correção e orientação dos mesmos, para garantir qualidade no que é desenvolvido por alunos. Para a busca das informações utilizou-se da pesquisa bibliográfica, cujos autores selecionados contribuíram de forma indispensável para a construção desse trabalho.

## 2 A ORGANIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DOS TCC POR PROFESSORES

Para a organização e construção dos TCC (Trabalho de conclusão de Curso), faz-se necessário que a instituição disponibilize de maneira padrão quais são os aspectos como requisitos primordiais para a construção, sendo que em grande parte querem as normas da ABNT, mas não justifica que sejam todas. Um dado na organização pode ser compreendido como um fato bruto que pode ou não ser útil em um processo. A informação é consequência do processo feito sobre estes dados, que proporciona conteúdo e agrega valor. (AUDY, ANDRADE E CIDRAL, 2004).

Para que um dado tenha valor dentro da organização, ele deve passar por alguns processos de lapidação e aperfeiçoamento para a garantia de sua qualidade, uma pesquisa é algo próprio é autoral, na qual não pode ter plágio, que nada mais é que reproduzir algo que já é publicado assim diz Beal (2004, p 13-29), descreve que:

O processo de constituição da informação como sendo compostos de entradas, mecanismos de processamentos e saídas. A entrada se caracteriza como sendo a obtenção dos dados. O processamento converte esses dados em informações úteis. A saída é a elaboração destas informações em forma de relatórios.

Todas as informações devem ser trabalhadas minuciosamente para que não venha atrelar dúvidas para os educandos, uma vez que é um processo considerado difícil por alguns. Momentos de reflexão são extremamente importantes para fazer uma melhor associação, a escolha da temática também interfere na boa produção, já que é preciso ter domínio do tema.

De acordo com Mosimann e Fisch (1999, p 116):

O modelo de informação é aquele que se atenta com a aquisição de dados, seu processamento e o modo como a informação foi gerada chegará aos usuários em tempo hábil e com aspecto entendível, assegurando a qualidade do processo decisório.

Moresi (2000), define que a informação não é “apenas um recurso, mas o recurso”, o recurso primordial em um mundo que tudo é competitivo como a vida é nos dias de hoje. A informação se estabelece e fortalece como um grande diferencial de mercado e é fonte de lucratividade na sociedade atual.

Pires e Ghisi, (2007), afirma que mesmo que a tecnologia tenha assumido papel de tendência global, sempre haverá fontes de pesquisas de diferentes

naturezas, a informação passou a ser considerada capital precioso equiparando-se a tudo que se desenvolve no mundo atual.

Os professores de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) precisam de muitos recursos e ferramentas para contemplar aos seus alunos informações precisas e necessárias, onde os salários bases dos mesmos em alguns casos são defasados e não dá suporte necessário.

Uma boa organização entre os membros escolares e professores facilitam de maneira excelente, o desenvolvimento das orientações oportunizando um trabalho interessante e que não possui estresse para ambas as partes.

As faculdades tanto públicas como estaduais e federais tem milhões de alunos, para cada curso que vai ser finalizado deve ter o trabalho de conclusão o enfoque da pesquisa é livre, ou seja, o aluno tem o livre arbítrio de escolher a temática que quer trabalhar, desde que seja na área da sua graduação ou licenciatura.

Partindo desse ponto, deve ser encaixado as primeiras buscas ativas de estudos sobre o tema escolhido, aprofundar-se em textos, livros e sites que tem matérias publicados, para que venha cada vez mais informações que ajude na construção da pesquisa (BEAL, 2004).

O entrelace de autores renomados com a sua escrita, garante qualidade e equilíbrio dentro do seu propósito de estudo para construção do seu trabalho com qualidade.

## **O USO DA WEB COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DE TCC**

A Internet atualmente se tornou uma importante aliada em uma série de questões, e quando falamos em pesquisar e busca de orientações logo nós remetemos a sites e bibliotecas virtuais, as fontes de pesquisas devem sempre ser rastreadas por sites seguros de modo que venham garantir a qualidade do que vai ser produzido.

Com o passar do tempo, recursos foram sendo agregados e a Internet se expandiu tornando-se cada vez mais rápida. Com isso foram criados os Softwares Web. Com esta criação, os sistemas poderiam ser acessados por qualquer dispositivo que possuísse um navegador, não sendo mais necessário executar a instalação do sistema na máquina do cliente. Tal episódio fez com que muitos negócios migrassem para a internet, juntamente com os sistemas gerenciais utilizados pelas organizações (SOMMERVILLE, 2011, p 54-67).

Um sistema web para o funcionamento se define como um tipo de site dinâmico, ou seja, onde a experiência do usuário é personalizada. Ao contrário de um site estático, que o conteúdo do site é disponibilizado na tela do dispositivo de forma que não há interação com o usuário. Dentro do Sistema de Web o usuário pode ter um login, mediante isso ele pode gerenciar dados, e trazer todas as possibilidades possíveis de um aplicativo. Os sistemas de informação baseados na tecnologia Web, apresentam características como facilidade no compartilhamento de informações, controle de atualizações da aplicação e possibilidade de aumento do poder de processamento centralizado no servidor, isso facilita de maneira gigantesca a vida do educando (SANTOS, 2018).

O que os diferem dos sistemas desenvolvidos com tecnologias desktop é que estes possuem características como funcionar mesmo sem acesso à Internet, haver a necessidade de instalação local e as atualizações do software devem ser realizadas em cada servidor cliente. Portanto, a tecnologia Web tem sido considerada por alguns autores a nova geração de sistemas de informação (SANTOS, 2018, p. 28).

O imenso desenvolvimento da tecnologia por meio da web se deve à necessidade de manter a atualização e manutenção dos sistemas, oferecendo código-fonte em um mesmo local, de modo que pode ser acessado por vários usuários simultâneos, sem que aconteça queda de sistema ou falta de informação. O código-fonte são as linhas de programação que fazem qualquer programa ou sistema funcionar, distribuindo as redes por todo o mundo (GONÇALVES, 2007).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho fez uma abordagem significativa acerca dos estudos da construção de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), onde foram feitos esclarecimentos sobre as fontes de pesquisas e as dificuldades que aparecem no decorrer da caminhada academia, que se apresentam no final do curso para a conclusão dos longos anos de estudos que cada discente percorre.

Trazendo autores com discussões sobre o tema apresentado, autores relevantes, deixando a visão de cada um deles, onde retratam a importância dos sites

de pesquisa e web. Os desafios que são encontrados, assim como os caminhos que são percorridos para chegar até o ponto de conclusão de um trabalho acadêmico.

A necessidade e importância de pesquisa para ter embasamento legal em autores renomados e suas contribuições relevantes ao que é escrito pelo discente, como a internet facilita as buscas ativas e se torna uma importante aliada em muitas situações da vida acadêmica. O trabalho especifica a importância da qualidade de um trabalho de conclusão assim como suas normas e regras que devem ser seguidas.

## REFERÊNCIAS

AUDY, J. L. N.; ANDRADE, G. K. de; CIDRAL, A. **Fundamentos de Sistemas de Informação**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

BEAL, A. **Gestão estratégica da informação**: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2004.

GONCALVES, Q. K. **Gestão de frota de veículos**. Lisboa: IST, 2008. EIS, D.; FERREIRA, E. HTML5 e CSS3. São Paulo: Tableless, 2007.

MOSIMANN FISCH, Adelina. **Pesquisa-ação**: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo; 1999.

MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. Delineando o valor do sistema de informação de uma organização. **Ciência da informação**. Brasília, v. 29, n. 1, p. 14-24, jan./abr. 2000. Disponível em: < <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/895/932>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PIRES, Ghisi. **6 motivos para usar o PostgreSQL em vez do MySQL**. 2007. (Disponível em: Acesso em: 21 jun. 2022)

PIRES, Fábio Rafael; GHISI, Ligia. **Planejamento para gestão da tecnologia da informação para uso estratégico na pequena empresa**; 2007. Disponível em: <<http://www.convibra.com.br/2007/congresso/artigos/308.pdf>>. Acesso em: 14 abril 2022.

SANTOS, Ramez; NAVATHE, Shamkant B. **SISTEMAS DE BANCO DE DADOS**. 6. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2018.

SOMMERVILLE, I. **Engenharia de Software-9a** Edição. [S.I.]: Pearson Education, 2011.

**Capítulo 8**  
**ANSIEDADE E DEPRESSÃO DENTRO DO**  
**CONTEXTO ESCOLAR**

*Laís Saavedra Santos*  
*Sileide Mendes da Silva*

## ANSIEDADE E DEPRESSÃO DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR

**Laís Saavedra Santos**

*Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN – Remanso Bahia). E-mail: [laiissaavedra7@gmail.com](mailto:laiissaavedra7@gmail.com)*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br); [sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)*

**Resumo:** “Geração mimimi”, dentro do contexto atual os transtornos de ansiedade e depressão passaram a ser bastantes discutidos, isso não significa que antes não existia. Ansiedade traz um sentimento de medo, a depressão se manifesta através de sentimento de tristeza e desânimo extremo. A sociedade a atual está atenta e debatendo cada vez mais a saúde mental das pessoas, em especial, os transtornos: a ansiedade e depressão, os quais atingem crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. E como a escola é formada por pessoas, essas questões invadem o contexto escolar, já que em alguns casos o desenvolvimento dessas doenças acontece devido uma “pressão” para o sucesso acadêmico e profissional, seja por parte da família, escola, amigos ou si próprio. A família e a escola devem estar atentas a essas questões, as quais atingem a maioria dos jovens. Dispostos a acolher, entender e dialogar com eles. Construído através de pesquisa bibliográfica em sites, livros, revistas e artigos, e diante dessas questões o presente artigo traz como objetivo geral debater sobre a importância do diálogo e acolhimento desses jovens, nos espaços os quais eles crescem e mais frequentam: família e escola. Em específico, apontar alguns aspectos, os quais agravam ou desenvolvem esses transtornos, propor sugestões de como lidar e acolher os alunos e alertar sobre a gravidade desses transtornos mentais.

**Palavras-chave:** Ansiedade; Depressão; Ambiente Escolar; Ambiente Familiar.

### INTRODUÇÃO

Os “males do século XXI”, a ansiedade e a depressão são alguns dos transtornos psicológicos mais discutidos na atualidade. Depois do ambiente familiar,

o ambiente escolar é um dos quais os seres humanos passam boa parte de suas vidas, desde a sua infância até sua vida adulta, ou seja, dentro dela estão presentes indivíduos que sofrem com esses problemas. A escola permite o convívio entre diferentes pessoas, o que por consequência, resulta em diferentes ideais socioculturais, a partir dessas convivências inicia-se uma busca incessante para serem aceitos em um determinado grupo, com cobranças do meio social, família e de si próprio.

Fatores genéticos podem despertar esses transtornos, contudo, os fatores ambientais/sociais como escola e a família podem contribuir ainda mais para desencadeamento deles. A escola deve estar disposta a acolher seus discentes, e junto com a família, estar atentos a saúde mental deles. Cobranças excessivas, muitas expectativas, medo de “não ser alguém na vida”, de fracassar na escola ou não conseguir entrar na faculdade, baixa autoestima com comentários negativos ditos pelos familiares, amigos, colegas ou até mesmo do próprio professor conseguem desmotivar qualquer pessoa.

Sendo assim, abrir espaço para falar sobre ansiedade e depressão nas escolas brasileiras faz-se urgente, isso porque o Brasil é um dos países que mais possuem pessoas ansiosas e depressivas. E são as pessoas que formam toda a comunidade escolar: seus funcionários, professores, alunos e pais. Existe uma ignorância muito grande, falácias do tipo: “isso é falta de Deus”, “é frescura”, “geração mimimi”. Há uma necessidade de conscientizar aos alunos para não repetirem frases do tipo. E para os alunos os quais se sintam assim não tenham medo de ao falar serem julgados ou estarem incomodando.

Mas, por que discutir temas como ansiedade e depressão na escola? Primeiro, porque são problemas de saúde pública, os quais atingem uma boa parte da população brasileira. E como já dito, as escolas são formadas por pessoas, as mesmas, sentem frustrações, tristezas, medos, inseguranças, angústias e entre outros sentimentos desgastantes. Seja por si próprio, dentro da escola, família ou amigos por se sentirem pressionados e cobrados dentro desses ambientes. Principalmente quando são crianças e adolescentes, a falta de comunicação, o medo do fracasso escolar, decepcionar seus pais, falta de estabilidade familiar, pressão dos professores intensificam esses sentimentos. Ter uma boa aprendizagem exige boas condições ambiental, social, intelectual e principalmente emocional.

O artigo traz como objetivo geral: debater a importância de se ter um espaço aberto ao diálogo e acolhimento, dentro dos locais os quais as crianças e adolescentes crescem e mais frequentam: escola e família. Em específicos, conceituar a temática abordada: “Males do Século XXI: Ansiedade e depressão dentro do contexto escolar”, apontar alguns aspectos dentro da escola que podem agravar ou desenvolver esses transtornos em seus alunos, propor sugestões de como lidar e acolher os alunos e alertar sobre o quanto esses transtornos mentais são graves, a depressão é uma das maiores causas do suicídio.

O artigo foi construído através de pesquisa bibliográfica por meio de uma coleta de informações a partir de monografia, artigos científicos, sites, livros, vídeos e documentários, nos quais a partir das reflexões, análises, leituras e observações possibilitaram conhecer as causas e consequências do assunto e permitiu trazer novas sugestões, ideias e conhecimentos sobre questões socioemocionais dos discentes.

## **CONCEITO DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE**

De acordo com a Biblioteca Virtual em Saúde-Ministério da Saúde- BMV (2005), depressão é entendida como uma doença crônica, ou seja, precisa se ter um acompanhamento regular, pois seu tratamento pode levar anos ou até a vida toda para diminuir ou evitar novos acontecimentos. Esse distúrbio é provocado por alterações químicas cerebrais, desde a diminuição ou falta da produção dos neurotransmissores: serotonina, noradrenalina e dopamina.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ela pode ser causada por a combinação de circunstâncias sociais, biológicas, hereditárias e psicológicas. Pode afetar em práticas cotidianas do ser humano, por exemplo: sono, alimentação, trabalho, estudo e entre outras atividades de lazer. É importante ressaltar que os seus sintomas podem variar de pessoa para pessoa, esses sintomas podem ser de angústia, irritação, tristeza profunda, mudanças de humor, perda de interesses e falta de vontade para fazer atividades, mudanças comportamentais, pensamentos acelerados e negativos, perda ou aumento de peso, sono e apetite, culpa, falta de concentração, baixa autoestima, dores físicas, cansaço e entre outros.

Bastante confundida com o sentimento de tristeza, Carvalho, Jara, Cunha e Cherpe (2017), dizem que no caso da depressão os sintomas podem durar dias

seguidos ou a maior parte do dia, em casos extremos levar ao suicídio. Já a tristeza, é um sentimento momentâneo, ela não interfere no desenvolvimento das atividades cotidianas. É importante que o diagnóstico seja dado por um profissional.

O Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (2014) (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), DSM-V considera que existem tipos de depressão: Transtorno depressivo maior; transtorno disruptivo de desregulação do humor; transtorno disfórico pré-menstrual; transtorno depressivo persistente (distímia); transtorno depressivo induzido por substância/medicamentos:

No transtorno depressivo maior: quase todos os dias, na maior parte do dia a pessoa apresenta um humor deprimido, irritabilidade, sentimento de tristeza, inutilidade, vazio, desesperança, culpa excessiva, fadiga, falta de energia, interesse e prazer em atividades, ganho ou perda do sono, apetite e peso, pouco ou muito sono, atraso psicomotor, ideação suicida ou pensamentos de morte. Ela deve apresentar no mínimo quatro dos sintomas apresentados, para evitar confundir com o sentimento de luto ou tristeza.

Transtorno disruptivo de desregulação do humor: quase todos os dias, durante a maior parte do dia. A pessoa apresenta uma irritação explosão de raiva grave, recorrente e desproporcional.

Transtorno disfórico pré-menstrual: mudanças de humor; intenso sentimento de tristeza e choro, irritabilidade ou raiva, humor deprimido, sentimentos de desesperança ou pensamentos autodepreciativos, ansiedade, diminuição dos interesses em simples atividade, desinteresse ou dificuldade em se concentrar, fadiga, ou falta de energia, excesso ou falta de sono e apetite. Seus sintomas físicos: sensibilidade ou inchaço nos seios, dor articular ou muscular, sensação de “inchaço” ou ganho de peso.

Transtorno depressivo persistente (distímia): Quase todos os dias, durante a maior parte do dia humor deprimido, irritabilidade, falta ou muito apetite, insônia ou hipersonia, falta de energia ou fadiga, autoestima baixa, falta de concentração, dificuldade em tomar decisões, desesperança. Isso causa um prejuízo em áreas importantes da vida do indivíduo.

Transtorno depressivo induzido por substância/medicamentos: elevada perturbação do humor depressivo, diminuição interesse ou prazer em atividades. Devido ao uso de medicamentos e substâncias os sintomas podem persistir por um

período após interrupção ou intoxicação. Exemplos: Fenciclidina, álcool, anfetamina, cocaína e vários outros (alucinógenos, sedativos e estimulantes).

Segundo Cury (2014, p. 13) “muitos pensam que o mal do século é a depressão, mas aqui apresento outro mal, talvez mais grave, mas menos perceptível: a ansiedade decorrente da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA)”. Quando feito em excesso, algo que o ser humano acredita fazer bem para si pode fomentar danos a sua saúde, por exemplo: uso elevado de remédios e bebidas (alcoólicas e refrigerantes), exercícios desmoderado e outros. Os pensamentos excessivos, desnecessários e involuntários funcionam da mesma maneira, prejudicam a saúde mental. Pois pensar demais pode desencadear medos, inseguranças, pessimismos, ansiedades, e até mesmo pensamentos suicidas.

O (DSM-5) - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-5 (2014), o transtorno de ansiedade é entendido como antecipação ou medo de forma excessiva de algo que pode acontecer ou não, desproporcional a realidade. E ocorrer perturbações comportamentais. É importante ressaltar, qualquer pessoa pode ficar ansiosa por algo que pode acontecer ou não, entretanto, quando isso começa a atrapalhar seus relacionamentos com pessoas ou a realização de atividades simples de forma anormal requer uma atenção especial.

A ansiedade pode estar relacionada com vários transtornos, alguns exemplos são: transtorno de ansiedade de separação; transtorno de ansiedade generalizada; transtorno de pânico, fobia específica; agorafobia; transtorno de ansiedade social (fobia social); mutismo seletivo e transtorno de ansiedade induzido por substâncias/medicamentos:

**Transtorno de Ansiedade de Separação:** Sofrimento e preocupação excessivos, recorrentes e de forma antecipada ao afastamento, perda, possíveis doenças, ferimentos ou morte de algo ou alguém que existam laços afetivos. Pode ocorrer medo de ficar sozinho, e pesadelos repetitivos. Esse medo e ansiedade podem durar pelo menos quatro semanas em crianças e adolescentes e seis meses ou mais em adultos.

**Transtorno de ansiedade generalizada:** Preocupação, expectativa, apreensão e ansiedade desproporcional, acaba sendo difícil lidar e interferem na competência e qualidade no desempenho em eventos e atividades cotidianas.

**Transtorno de pânico:** Surtos de medo ou desconforto inesperados, recorrentes e intensos que alcança um pico em minutos, podendo ocorrer quatro ou mais

sintomas, como: Palpitações, coração acelerado, taquicardia, sudorese, tremores, falta de ar ou sufocamento, dor ou desconforto torácico, náusea ou desconforto abdominal, sensação de tontura, instabilidade, vertigem ou desmaio, calafrios ou ondas de calor, parestesias, desrealização ou despersonalização, medo de perder o controle ou “enlouquecer”, medo de morrer.

Agorafobia: Ansiedade ou medo de exposição ou antecipação de situações, exemplos: Sair de casa sozinho, usar transporte público, permanecer em espaços abertos, fechados, fila ou multidão, pensamentos de que algo terrível pode acontecer, pode ser difícil escapar ou de que pode não ter a ajuda necessária. Sentimento de impotência, pânico, constrangimento ou aprisionamento.

Transtorno de ansiedade social (fobia social): Medo ou ansiedade intensos diante de uma ou mais situações as quais envolvam outras pessoas (observações, interações e avaliações). Medo de ser julgado. O que causará um sofrimento significativo e prejudicial na vida social, profissional e em outras áreas da vida do indivíduo.

Fobia específica: Ansiedade e medo em excesso por causa de objeto ou situação (altura, tempestades, animais, voar, tomar uma injeção, agulha, ver sangue). Pode causar sofrimento e prejuízo na vida social, profissional ou em outras áreas.

Transtorno de ansiedade induzido por substâncias/medicamentos: como o próprio nome já diz os ataques de pânico e ansiedade são desenvolvidos após a intoxicação, abstinência ou exposição a substâncias ou medicamentos. O álcool cafeína, cannabis, fenciclidina, sedativo, anfetamina e cocaína, são alguns exemplos.

Mutismo seletivo: Uma intensa ansiedade social, no qual ocorre um fracasso e uma dificuldade em falar socialmente (escola, trabalho ou uma simples conversa com os amigos e familiares distantes).

Em uma entrevista à BBC News Brasil (British Broadcasting Corporation) em 2021, o presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo da Silva, afirma que na maioria (60% a 90%) dos casos os transtornos de ansiedades podem vir acompanhados de transtornos mentais como: depressão ou transtornos por uso de substâncias.

De acordo com dados divulgados pela OMS (Organização Mundial da Saúde) nesse ano de 2022, durante a pandemia houve um aumento de 25% dos casos de ansiedade e depressão nos países onde ocorreu a pesquisa. A maior parte das pessoas são mulheres e jovens. Os jovens tornaram se “reféns” dos pensamentos

suicidas e da automutilação. Sem mencionar, as pessoas que não possuem coragem, apoio ou recurso financeiro para procurar ajuda.

Semelhante a maioria das doenças, a ansiedade e depressão necessitam de um diagnóstico preciso, feito por um profissional, e acompanhamento multiprofissional (psiquiatras, psicólogo e terapeutas) e medicação caso indicado. Além disso, uma mudança considerável em hábitos e costumes do dia a dia, como uma boa alimentação e noite de sono, prática de exercícios físicos, leitura, meditação e várias outras atividades que estimulem o prazer.

### **Ansiedade e depressão dentro do ambiente escolar e familiar**

O ambiente escolar em sua maior parte está formado por crianças e adolescente. De acordo com Fichtner (1997) dentro do ambiente escolar a ansiedade e principalmente a depressão estão vinculadas com o medo do fracasso escolar, o tal do medo de “não ser alguém na vida”. Isso acontece devido as muitas expectativas depositadas, as cobranças e até mesmo a falta de motivação e acolhimento, especialmente de familiares e amigos. E o resultado são pessoas estressadas, imediatistas, inseguras, desmotivadas, com problemas de sono e alimentação, cansadas, ansiosas e até chegar ao ponto de pensamentos suicidas, por não alcançar ou demorar a alcançar os seus objetivos.

A depressão pode desenvolver a partir de fatores biológicos, genéticos, ambientais e sociais. Reis (2019), diz que o ambiente social no qual a criança e adolescente crescem interfere no seu desenvolvimento psicológico, pois são internalizados comentários e falas, alguns extremamente negativos, contribuintes para estimular a depressão e agravar as crises de ansiedade. Por exemplo, crianças que crescem em um ambiente familiar desestruturado, violentos, desmotivados dos estudos, sob pressão dos pais acabam se sentindo frustrados por não atender as expectativas depositadas.

Segundo uma análise feita com 80 mil participantes de 4 a 17 anos pela revista JAMA Pediatrics (2021), um em cada quatro adolescentes em todo mundo já sentiram sintomas de depressão elevados, e um em cada cinco de ansiedade elevada. No Brasil, em uma notícia do G1 (2022), 26 alunos de uma escola em Recife-Pe foram socorridos com sintomas de ansiedade (sudorese, saturação baixa e taquicardia).

Essas informações, ajudam a confirmar o quão é necessário estar atento a saúde mental das crianças e adolescentes.

A adolescência é compreendida como um período de transição entre a infância e a vida adulta, onde ocorrem um conjunto de alterações biológicas, psicológicas e sociais. Diante de tantas perspectivas e indecisões sobre o futuro, são desencadeadas algumas alterações psicoafetivas. Tais alterações podem predispor o surgimento de transtornos, como a ansiedade e a depressão. Nesse contexto, a escola se apresenta como instituição formadora de pensadores críticos de modo a vigorar as relações interpessoais, podendo ainda auxiliar nos processos de comunicação e minimização de impactos causados por transtornos psicológicos (FELÍCIO et al., 2020, p. 482).

Além do ambiente familiar, é também dentro do ambiente acadêmico que as pessoas crescem, no caso, a transição da infância para a adolescência, e a transição do adolescente para o adulto (no nível superior, quando conseguem ingressar cedo). Durante esse processo, principalmente o período entre a infância e adolescência, os alunos se sentem pressionados diante dos questionamentos e cobranças sobre o futuro, frustrações com provas, vestibulares, questões econômicas e mercado de trabalho. E a escolha de qual profissão seguir, e se conseguirá entrar na faculdade desejada.

Cury (2014), afirma que a escola deve complementar a educação da família, sendo assim, é importante educar e estar atentos urgentemente as emoções, formar alunos pensantes e ativos em sociedade. A escola deve ser um ambiente no qual o aluno se sinta acolhido e respeitado, e uma peça importante e ativa para um bom funcionamento de toda educação. O desenvolvimento dos alunos dentro da escola não está limitado apenas intelectual e fisicamente. Emocionalmente também isso inclui desde a primeira nota baixa até a primeira decepção amorosa.

Esses adolescentes saem da escola, alguns terminam o ensino médio, outros abandonam antes. Vão para o ensino superior e/ou mercado de trabalho, sem dar ou receber uma atenção de qualidade para sua saúde mental, ou por não possuírem uma condição financeira, por ouvir ou achar que é frescura. Cerca de 17 mil pessoas participaram de uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (2020), 86,5% estavam enquadrados em algum tipo de ansiedade e 16% de depressão. Só reforça ainda mais que esses transtornos são questões de saúde pública, e as escolas e as famílias devem estar atentas a saúde mental, e aberto ao diálogo.

É certo que essas taxas ficaram mais agravadas devido a pandemia pela COVID-19. As crianças e os adolescentes foram os que mais sentiram o impacto da

pandemia, sua aprendizagem foi bastante prejudicada, o isolamento intensificou os sentimentos de solidão, medo, angústia, ansiedade, depressão e os pensamentos suicidas. Devido problemas econômicos e familiares, a saúde mental dos jovens ficou destruída. De acordo com a OMS, a cada cem mortes no mundo, uma é por suicídio. Mais pessoas morrem por causa dele do que por homicídio, HIV ou câncer de mama. Sendo a quarta causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos. Em 2019, 97.339 pessoas morreram por suicídio, em sua maioria homens. E as tentativas vinte vezes maior.

No Brasil, mortes por suicídio, entre 2010 e 2019 houve um aumento em todas as faixas etárias (de cinco anos a mais de sessenta). A taxa de adolescentes menores de quatorze anos que se suicidaram entre 2010 e 2013 aumentou em 113%. Já, as mortes por suicídios de adolescentes de 15 aos 19 anos são mais apresentadas nas regiões sul, norte e centro-oeste. Isso de acordo com os dados do Ministério da Saúde publicados em 2021.

Para continuar o processo educacional, durante o período pandêmico, a tecnologia foi muito utilizada. As redes sociais, eram as mais usadas pelos alunos, por mais que fosse a única forma de socialização e interação com o mundo além dos muros de casa, pode ser toda essa tecnologia um dos agravantes para o desenvolvimento desses transtornos. A comparação entre a própria vida real e um mundo visto através de uma tela, pode ter contribuído ainda mais para o desencadeamento dessas doenças. Sem contar a facilidade em pesquisar métodos de como tirar a própria vida.

Estanislav (2014), diz que a escola e a família precisam manter um vínculo, seja através das reuniões formais ou informais, sempre deve existir uma troca de informações em relação aos sentimentos ou mudanças comportamentais em um ou mais alunos. Sem acusações, desrespeitos ou desaforos. Pois ambas possuem o mesmo objetivo: educar e ensinar as crianças e jovens. A família no processo de ensino-aprendizagem é muito importante, para o sucesso escolar e desenvolvimento socioemocional.

## A IMPORTÂNCIA DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS SENTIMENTOS DOS ALUNOS

A escola torna-se o “segundo lar” dos seus alunos. A relação entre o professor e alunos cria-se um vínculo afetivo, com isso, ao observar diariamente a rotina da turma, um professor atento é capaz de identificar expressões, movimentos ou posturas de cada um dos seus alunos, e através dessa observação pode contribuir para minimizar ou solucionar os dilemas de aprendizagem ou pessoais, quais os afligem. Conforme Sgariboldi, Puggin e Silva (2011, p. 1207), “reconhecer essas expressões faciais pode ser fundamental para que o professor elabore intervenções e melhore o aprendizado dos alunos”.

Rodrigues (2019), em seus estudos relata que dentro do ambiente escolar a criança passa a maior parte do seu dia, sendo assim, pelo convívio o professor é capaz de notar o comportamento atípico de cada um dos seus alunos. Vale evidenciar, que o professor pode observar e identificar algumas alterações comportamentais em seus alunos, contudo, ele não poderá diagnosticá-lo ou indicar alguma forma de tratamento, pois dependendo da sua formação profissional, não possuirá habilitação para isso. A escola é um dos primeiros locais a detectar essas alterações de humor, principalmente no que diz respeito ao rendimento escolar do aluno.

Alguns professores não acolhem seus alunos, dão suas aulas, passam seus conteúdos teóricos, e depois a atividade é respondida, quando acontece de um aluno não responder, os professores não se atentam em ouvir e entender o motivo. E no fim aquele mesmo discurso: “meu dinheiro cai na conta todo o mês”. Em partes, ele não está errado por isso, entretanto, é necessário estar atento aos motivos desse aluno não ter respondido a atividade ou estar disperso nas aulas, se há problemas dentro ou fora da escola que estão o afetando.

Sgariboldi, Puggin e Silva (2011, p. 1207), dizem que:

Alguns dos sinais não-verbais que podem ser observados no aluno em sala de aula, durante o processo de aprendizagem, são: postura corporal, localização na sala de aula, contato dos olhos, roupas, expressão facial, volume de voz, distância interpessoal mantida, toque e movimentação da cabeça.

As emoções podem ser transmitidas através de ações verbais (fala e escrita) e não-verbais (expressões, gestos, posturas e entre outros), a medida em que o

convívio aumenta torna-se mais perceptível identificar os sentimentos de uma pessoa. Por exemplo em um interrogatório, além da fala, observasse também o comportamento e expressões. Dentro de uma sala de aula os comportamentos dos estudantes devem ser levados em consideração seja quando estão muito inquietos ou muito quietos. As vivências refletem no desenvolvimento acadêmico dos alunos, um aluno desmotivado, triste, ansioso ou angustiado não é muito produtivo em sala de aula, seu aprendizado será prejudicado.

De acordo com Wallon (1968), a afetividade e as emoções são importantes para o desenvolvimento humano. E o meio social no qual as pessoas estão inseridas interfere nesse desenvolvimento. Uma ação ou opinião pode afetar os sentimentos e emoções de alguém, isso sucederá efeitos na vida. Na vida escolar, poderá resultar em um fracasso ou sucesso escolar. Em outras palavras, o desenvolvimento emocional afeta o desenvolvimento cognitivo. E se dentro de casa ou na escola as emoções, sentimentos e pensamentos das crianças e adolescentes não são ouvidos ou levados em consideração, o efeito talvez seja destrutivo e irreversível.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Fichtner (1997), diz que o medo do fracasso em questões acadêmicas é um dos “gatilhos” para o desenvolver desses transtornos. A reportagem do G1, é um exemplo disso quando mostra que 26 alunos de uma escola em Recife foram atendidos com sintomas de ansiedade. A ansiedade e a depressão foram temas ainda mais discutidos durante a pandemia de COVID-19, a partir da observação dos dados da Organização Mundial da Saúde (2022) houve um aumento de 25% nos casos entre mulheres e jovens fica ainda mais evidente o motivo desses transtornos serem chamados de “Males do século XXI”.

Na atualidade, os meios de comunicação, dependendo da forma como utilizados facilitam a divulgação de informações sobre a temática. Mas quando utilizado de forma incorreta podem contribuir como desencadeadores para essas doenças. Por isso a importância de estar atentos aos sentimentos e emoções das pessoas, e de discutir sobre saúde mental. Sgariboldi, Puggin e Silva (2011), relatam sobre observar os alunos em sala de aula durante o momento de ensino-aprendizagem, através das linguagens não-verbais (posturas, gestos, expressões e entre outros).

Cury (2014), fala que a escola é um meio de complementar a educação familiar. Estanislaw (2014) também afirma que precisa existir um diálogo entre a escola e a família. O vínculo entre esses dois ambientes é muito importante para o desenvolvimento da criança e da sua formação como cidadão. Até chegar a fase adulta esses são os ambientes que elas mais frequentam. De acordo com Wallon (1968), o meio social no qual os seres humanos estão inseridos interfere ou contribui para o desenvolvimento das emoções e afetividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dois transtornos podem se manifestar ao mesmo tempo. Enquanto a ansiedade traz um sentimento de medo, a depressão se manifesta através de sentimentos de tristeza e desânimo extremo. Os ambientes os quais uma pessoa frequenta podem impactar de maneira positiva ou negativa em sua vida. Fatores sociais/ambientais, biológicos/ambientais podem desencadear ou agravar esses transtornos. A escola e a família são os locais em que as crianças crescem e se desenvolvem, vivenciam suas primeiras emoções e sentimentos. Ainda que existam pessoas ignorantes a falarem: “é frescura”, atualmente essas doenças passaram a ter uma visibilidade, o que contribui para o tratamento.

O ambiente escolar, a pressão para “ser alguém na vida” ou por não se encaixar em padrões impostos pelos meios sociais ou de comunicação são também maneiras de desencadear essas doenças. O medo do fracasso escolar, a frustração quando isso acontece tomam proporções enormes, quando o aluno não sabe lidar com essas emoções. E para o professor quando ele não é preparado para lidar, entender e motivar seu aluno. A escola precisa estar aberta ao diálogo com seus alunos e os pais desses alunos, levar em consideração os sentimentos e as emoções deles. É claro que esses transtornos só serão “controlados” com ajuda de profissionais, medicamentos e mudanças nos hábitos cotidianos, contudo, abrir um espaço de fala e ouvir os discentes, existe a possibilidade de ser um passo inicial e importante, para evitar situações irreversíveis.

Na teoria, a família deve ser o ambiente no qual o ser humano se sente acolhido, mas algumas vezes não acontecem assim. Existem ambientes familiares desestruturados, com cobranças extremas e desnecessárias, pais extremamente tóxicos, os quais desestimulam, não apoiam, destroem a autoestima e desmotivam os

seus filhos. Quando uma pessoa tira a própria vida sem deixar respostas ou seus motivos, surgem teorias: “decepções amorosas”; “bullying”, são algumas das teorias que surgem. Porém, e dentro da casa da pessoa? Talvez, seja difícil aceitar as falhas, e que ocasionalmente, de alguma maneira contribuiu para isso.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico**. Brasília, 2021.

CARVALHO, Serafim; JARA, José Manuel; CUNHA, Inês Bandeira. **A Depressão é uma doença que se trata**. ADEB-Associação de Apoio a Doentes Depressivos e Bipolares. Atualização em março-2017, por Sonia Cherpe.

CORTEZ Maira Van Dervis de Mattos. **Depressão infantil no contexto escolar: uma análise comportamental**. Monografia (Psicologia) - Faculdade de Ciências da Saúde- DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS, Centro universitário de Brasília. Brasília, p 63. 2005.

CURY, Augusto. **Ansiedade: como enfrentar o mal do século: a Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos**. 1. Ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

ESTANISLAU, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: [recurso eletrônico]** – Porto Alegre: Artmed, 2014. Editado também como livro impresso em 2014. ISBN 978-85-8271-105-7

FELÍCIO, Janiel Ferreira; MOURA, Inara da Silva; SILVA, Alicyregina Simião; VASCONCELOS, Mariana Xavier; DIAS, Hirlana Girão; SILVA, Isabel Cristina da; AMARA, Jeferson Falcão do. **Refletindo sobre a depressão e a ansiedade no contexto escolar**. Revista interfaces: saúde, humanas e tecnologia, vol. 8, n. 1, p. 482-490, abril, 2020.

FICHTNER, Nilo. **Prevenção, diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais da infância e da adolescência: um enfoque desenvolvimental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOÉS, Clarissa; OLIVEIRA, Víctor. **Crise de ansiedade em alunos: especialista alerta para cuidados com saúde mental e diz que ‘minimizar o estigma é essencial’**. TV Globo e G1 Pe. Pernambuco, 23 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/05/23/crise-de-ansiedade-em-alunos-especialista-alerta-para-cuidados-com-saude-mental-e-diz-que-minimizar-o-estigma-e-essencial.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2022.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19**. Estudos de Psicologia,

Campinas, 37, e200067. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MARTINS, Cristiane; **O que é a ansiedade e como ela se diferencia da depressão**. BBC News Brasil. Londres, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59757461>. Acesso em: 16 abr. 2022.

RACINE, Nicole; MCARTHUR, Brae Anne; COOKE, Jessica E.; EIRICH, Rachel; ZHU, Jenney; MADIGAN, Sheri. **Prevalência global de sintomas depressivos e de ansiedade em crianças e adolescentes durante o COVID-19: uma meta-análise**. JAMA Pediatric, 2021;175(11):1142–1150. doi:10.1001/jamapediatrics.2021.2482

REIS, Maria Emanuelle de França Antunes. **Saúde Mental e uso de substâncias psicoativas em estudantes de uma universidade públicas**. 2019. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2019.

RODRIGUES, Tuane Mena; SOUZA, Sheila Carla de. **O professor frente a depressão no ambiente infantil escolar**. Anais Conedu- VI Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

SGARIBOLDIL, Aline Raquel; PUGGINA, Ana Cláudia Giesbrecht; SILVA Maria Julia Paes da. Análise da percepção dos professores em relação aos sentimentos dos alunos em sala de aula. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, vol. 45, num. 5, outubro, p. 1206-1212 . São Paulo, 2011. Universidade de São Paulo.

SILVA, Ricardo Francelino da. **AS EMOÇÕES E SENTIMENTOS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**: contribuições da teoria de Henri Wallon. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2017.

**Capítulo 9**  
**TORNAR-SE PROFESSORA ALFABETIZADORA:**  
**SABERES NECESSÁRIOS AO EXERCÍCIO DA**  
**DOCÊNCIA**

*Magnólia de Araújo Muniz*  
*Sileide Mendes da Silva*

## TORNAR-SE PROFESSORA ALFABETIZADORA: SABERES NECESSÁRIOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

**Magnólia de Araújo Muniz**

*Acadêmica do curso de Pedagogia, Faculdade Alfredo Nasser – Remanso Bahia. E-mail: [nolia.muniz@outlook.com](mailto:nolia.muniz@outlook.com)*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPP) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br); [sileidemendes@unifan.edu.br](mailto:sileidemendes@unifan.edu.br)*

### RESUMO

Este artigo objetivou refletir sobre os saberes que são necessários a prática docente em alfabetização, o trabalho abordado tem como objetivo geral compreender de que maneira o professor se posiciona frente aos desafios intrínsecos a alfabetização. Visa compreender a criança como sujeito histórico que aprende através das suas relações, e ao ingressar na escola o educador tem em suas mãos indivíduos capazes de pensar e criar hipóteses sobre a escrita. A metodologia adotada para a busca dos dados foi a bibliográfica. Os autores selecionados abordam que esse processo de aquisição do código escrito requer dos professores saberes diversos pois se trata de algo complexo e possui facetas variadas. Abordam também os conceitos de alfabetização e letramento, pois os dois andam juntos, mas possuem significados diferentes. Além de ressaltar os métodos utilizados em sala de aula para melhor atender os alunos em suas particularidades, destaca a relevância do professor conhecer o público alvo para desempenhar um trabalho de qualidade que vá de encontro as necessidades de aprendizagem, através dos conhecimentos sobre os estágios que a criança perpassa é possível ter uma percepção e desenvolver atividades de acordo a fase que cada um se encontra. A pesquisa destaca os métodos do conto, o método global, e hipótese da escrita criada pelas psicolinguísticas Emília Ferreiro e Teberosky.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Métodos. Letramento.

### INTRODUÇÃO

A alfabetização diz respeito a um conjunto de habilidades, o que a distingue como um evento de natureza complexa e de várias facetas, sendo psicológica,

psicolinguística, sociolinguística e linguística. É um processo de obtenção do código escrito, que visa a compreensão e ao domínio da leitura e escrita.

O processo de alfabetização acontece antes mesmo da criança ingressar na escola, porque ela traz consigo um repertório linguístico através das relações estabelecidas no seio familiar, ao frequentar a escola os pequenos já possuem saberes advindos da convivência domiciliar e também a percepção do mundo que os rodeiam. A sistematização da alfabetização ocorre quando a criança é submetida ao ambiente escolar, onde as atividades pedagógicas são direcionadas conforme a faixa etária correspondente às etapas da educação infantil, o alfabeto é introduzido na rotina escolar, a representação da fala começa a fazer sentido por intermédio das letras.

A escolha do tema surgiu a partir da necessidade da busca pela compreensão do assunto e o aprimoramento da pesquisadora em se tornar uma profissional apta para atuar em sala de aula, sendo assim, estará munida de saberes relativos ao processo de alfabetização, contribuindo para a práxis pedagógica. Pretende-se trazer à luz do estudo realizado diversos métodos utilizados para alfabetizar, qual é a sua eficácia, se há um método que predomina sobre os demais, e como a criança aprende. Sob essa perspectiva salienta o porquê do fracasso escolar nos dias atuais e quais são os prejuízos causados na vida do aluno.

O tema é relevante, pois abarca conceitos acerca dos saberes docentes os quais irão nortear a prática do educador, com o intuito de corroborar com os professores apontando saberes significativos. Posto isto, a alfabetização é uma etapa bastante complexa, porém precisa ser desmistificada, não se trata de algo mecânico, nem tampouco de uma receita de bolo de massa pronta que seguindo as instruções do modo de fazer obterá o resultado desejado. O professor alfabetizador é aquele cujo entende que a classe é heterogênea, os alunos têm anseios e ritmos diferentes um dos outros, e que um único método utilizado não é suficiente para atender as necessidades de aprendizagens da turma.

Assim, é imprescindível formular a seguinte indagação: por que o fracasso no processo de alfabetização ainda é frequente? Depreende-se a seguinte ideia de que o processo de alfabetização é multiforme e exige saberes diversificados ao exercício da docência, perpassa pela formação do professor, e requer uma compreensão dos aspectos sociais, culturais e políticos. Dessa forma, o educador que busca se atualizar constantemente adquire novos conhecimentos agregando saberes inerentes a

prática, enriquece seu currículo e cria novas possibilidades de construir um caminho acessível que leve a criança a desenvolver suas potencialidades utilizando os métodos variados e tornando o ensino mais abrangente.

O trabalho abordado tem como objetivo geral compreender de que maneira o professor se posiciona frente aos desafios intrínsecos a alfabetização.

Como objetivos específicos: abordar o conceito sobre alfabetização; analisar os métodos aplicados na alfabetização; compreender os saberes docentes referentes à prática na alfabetização e letramento.

A metodologia utilizada neste artigo foi a pesquisa bibliográfica com caráter qualitativo. Embasada em livros, e artigos, levando em considerações alguns teóricos que contribuíram de modo significativo ao revelar concepções de alfabetização.

Uma das obras consultada foi a de Soares (2020), que aponta a complexidade da alfabetização, a qual é vista por óticas diferentes o que a torna ainda mais desafiadora. Sendo assim, deve-se considerar os estudos realizados por profissionais de áreas diversas, porém a articulação e integração devem estar atreladas, visando um alinhamento dos conhecimentos em relação as facetas da alfabetização.

## **2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO**

A alfabetização é um processo da aprendizagem, onde são desenvolvidas as habilidades da leitura e escrita de maneira apropriada.

Nesse sentido, o processo de alfabetização se dá quando o sujeito assimila o alfabeto e torna-se independente para utilizar estratégias pessoais de leitura, expressão e compreensão. Através da aquisição do código escrito é possível desenvolver as competências necessárias para reconhecer o alfabeto, unir as sílabas e formar palavras, trata-se da compreensão do princípio alfabético. Segundo Soares (2011, p.16) “a alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler) [...]”.

Ao tomar conhecimento disso, conforme a autora destaca a escrita não como uma simples reprodução da fala, ler e escrever ultrapassa a ideia de codificação (ato

de escrever) e decodificação (ler o que escreveu), é preciso atingir os significados contidos na leitura e escrita.

Em seu sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão (SOARES, 2011, p.17).

Além do mais, para entender como o alfabeto funciona será necessário conviver com textos e explorar a composição das palavras, isto é, realizar uma análise metalinguística, observando o som das palavras.

A discussão a respeito do conceito de alfabetização supera a técnica mecânica da língua e compreensão/expressão de significados, pois essas questões consideram a alfabetização como um processo individual, conforme a autora. Soares (2011) destaca o conceito como aspecto social, o qual envolve a cultura, a economia e a tecnologia.

A alfabetização requer uma reflexão sobre a linguagem, como aponta Colello (2004), a importância de adquirir uma consciência metalinguística, ao invés de aprender somente conceitos ou regras, a escrita deve-se manifestar como componente de expressão de ideias e a leitura como forma de entendimento do mundo. Desse modo, é possível encontrar equilíbrio entre o pensamento e a linguagem.

Em meados de 1980, a alfabetização escolar no Brasil tornou-se duvidosa, no entanto surgiram indagações quanto a aplicabilidade de novas concepções alfabéticas. Embasados em estudos que destacam a psicologia cognitiva e a psicolinguística como sendo necessário para compreender como funciona o sistema alfabético de escrita e como este é utilizado em acontecimentos palpáveis de comunicação e escrita, dessa maneira, o analfabetismo funcional seria evitado. Surge então, a psicogênese da língua escrita conforme Ferreiro e Teberosky (1986). Sobre essa ótica o construtivismo se destacou na criação de propostas inovadoras de alfabetização.

A escrita constitui-se num sistema de representação da linguagem e não uma reprodução das unidades sonoras. A autora ressalta a escrita autêntica como o que

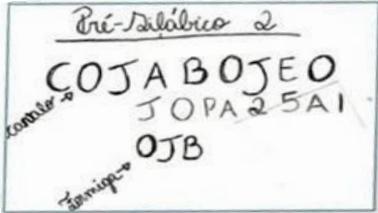
existe de mais belo e produtivo, ao considerar o processo construtivo da escrita. (FERREIRO, 2010).

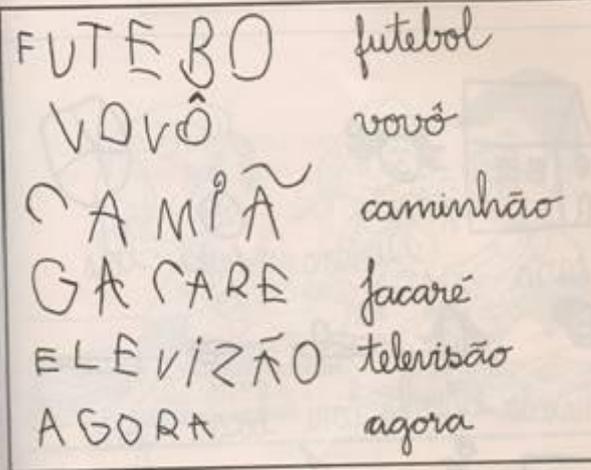
Ferreiro (2010), destaca a capacidade inerente da criança ao pensar sobre a escrita e diz que há três períodos distintos na sua evolução regular, o primeiro período em que a criança diferencia o desenho das letras, sendo que os desenhos são chamados de (representação icônica) e as letras (não icônicas). Chamado de (intrafigural), no segundo período a criança procura distinguir o mínimo de letra por palavra para ler, e é importante a qualidade da escrita, pois se forem letras repetidas elas não conseguem interpretar. No terceiro período, a criança percebe a diferença intrafigural, ou seja, o que foi escrito não se repete na sequência (FERREIRO, 2010).

Segundo o estudo da Psicogênese da Língua Escrita realizada pelas pesquisadoras Ferreiro e Teberosky, afirmam que as crianças são capazes de pensar e perceber o código no processo da aquisição da língua escrita, tal pesquisa corroborou para que as autoras concluíssem que existem cinco níveis seguidos e hipotéticos da escrita: grafismo; pré-silábico; silábico; silábico- alfabético e alfabético.

Segue abaixo algumas descrições e exemplos:

Quadro 1 – NÍVEIS PSICOGENÉTICOS DA ESCRITA.

NÍVEIS	CONCEITOS	EXEMPLOS
1. GRAFISMO	Reprodução de modelo do que a criança identifica da forma básica.	
2. PRÉ-SILÁBICA	Escrita se aproxima de letras; hipótese de quantidade mínima de letras e da variedade posicional. (permuta da ordem linear)	

<p><b>3. SILÁBICA</b></p>	<p>Hipótese da tentativa de sonorização das letras; cada letra vale uma sílaba. Escrita ora distante das letras, ora diferenciadas.</p>	
<p><b>4. SILÁBICO-ALFABÉTICA</b></p>	<p>Hipótese de transição entre cada letra que vale uma sílaba e a sonorização das letras (conflito interno conceitual e a realidade exterior do sujeito).</p>	
<p><b>5. ALFABÉTICA</b></p>	<p>Hipótese de correspondência da escrita e valores sonoros (menor que a sílaba). Exige análise fonética antes de grafar.</p>	

Fonte adaptada: Carneiro (2014, p.10).

Conforme Colello (2004), ao observar o quadro acima é notório que a criança aprende não somente a ler e escrever por causa da habilidade de juntar pedaços de escrita, mas primeiramente ao compreender qual a função da estrutura da língua e a forma que ela é utilizada na sociedade.

Segundo os estudos das psicolinguístas Emília Ferreiro e Teberosky que se iniciou no ano de 1974, a pesquisa mostra que parte da aquisição do conhecimento

acontece antes mesmo da criança ir à escola, já começa a fazer hipóteses sobre o código escrito, dessa maneira os estágios linguísticos se iniciam até chegar a aquisição da leitura e da escrita (MENDONÇA, 2008).

No primeiro nível do pré-silábico, a criança começa a perceber que as gravuras podem ser representadas pela escrita e os números são sinalizados. A criança ainda representa o objeto através do desenho nas primeiras tentativas (SOARES, 2010). Conforme aponta Mendonça:

Há um avanço, quando se percebe que a palavra escrita representa não uma coisa diretamente, mas o nome da coisa. Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aprendiz percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos (2008. p. 45).

No nível silábico, a criança já consegue traduzir o objeto por meio da escrita, pois assimila que os sons da fala representam a escrita. “A partir daí, formula a hipótese de que cada letra vale por uma sílaba. Uma criança chamada Bernardo escreve, por exemplo, OEEA para representar a palavra Borboleta porque essas letras aparecem no seu nome” (SOARES, 2010. p. 27).

No nível silábico-alfabético, a criança detecta que a sílaba é a unidade menor da palavra. No nível alfabético a criança já é capaz de representar cada fonema com o signo gráfico adequado. Soares versa sobre o papel das crianças de acordo as concepções de Piaget e Emília Ferreiro:

Tanto as descobertas de Piaget como as de Emília Ferreiro levam à conclusão de que as crianças têm um papel ativo no aprendizado. Elas constroem o próprio conhecimento daí a palavra construtivismo. Uma das principais descobertas implicações dessa conclusão para a prática escolar em particular – do conteúdo ensinado para o sujeito que aprende, ou seja, para o aluno (2010, p. 31).

Portanto, é importante que o professor conheça e trabalhe cada fase que a criança se encontra, pois, quando se percebe o estágio é possível progredir ao desenvolver atividades de acordo a faixa etária de cada um.

Segundo Moraes (2012), o sistema alfabético possui dois aspectos, os conceituais e os convencionais, ou seja, os aspectos conceituais é preciso entender que as letras possuem sons e como elas são organizadas para traduzir essa representação, no entanto os aspectos convencionais, as regras podem ser modificadas através de acordo social. Nesse sentido a aprendizagem dessas regras

não ocorrem de uma hora para outra, nem pela concentração de informações prontas transmitidas pela escola, para os educandos. Mas por uma caminhada evolutiva em que os alfabetizando notem esses aspectos gradativamente.

## 2.2 Métodos de alfabetização

O Educador Comenius, considerado o pai da didática, foi o percussor do aparelhamento do trabalho pedagógico que sistematizou a obtenção da leitura e da escrita por meio da cartilha. A escola tradicional utilizou esse método por gerações. Porém, no mundo contemporâneo, as cartilhas foram abolidas por se tratarem como algo obsoleto, pois a tecnologia da comunicação e da informação resultado de um processo de expansão e globalização do capitalismo substituiu a cartilha por livros didáticos, cadernos de atividade e também livros digitais.

É importante ressaltar qual é a definição de Método, Segundo Galvão e Leal (2005) esclarecem, de maneira mais ampla, que esse é o caminho que leva a um dado fim.

[...] pode ser compreendido também como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de se chegar a um objetivo. No sentido aqui empregado, o método de alfabetização compreende o caminho (entendido como direção e significado) e um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita (p. 17).

Desse modo, a alfabetização, é vista como uma das ferramentas de grande relevância na apropriação do saber, que perpassa por um caminho árduo e a forma como coordenar esse processo é que representará sua qualidade.

Entende-se, por método de alfabetização, “um conjunto de procedimentos que fundamentados em teorias e princípios, orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita”. E esta por sua vez é intitulada alfabetização (SOARES, 2018, p. 16)

O método global, criado pelo movimento educacional Nova Escola era um movimento que considerava as necessidades e interesses dos educandos e destacava que o aprendizado da criança era baseado na prática, estimulava a leitura e o prazer pelos livros, distinto do que ocorria nos métodos tradicionais que enfatizava o decoreba dos textos (CARVALHO, 2009).

O método dos contos, originou-se nos Estados Unidos no final do século XIX, essa prática é arcaica e fundamenta-se a iniciar a alfabetização através da contação

de histórias. Tal método salienta primeiro as partes maiores do texto, depois estuda as partes menores. Segundo Carvalho (2009), esse método divide-se em cinco partes, sendo a primeira fase do conto, o segundo da sentença, a terceira, porções dos sentidos, quarta fase da palavração, e a quinta da sibilização ou dos elementos fônicos.

### **3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Considera-se alfabetização como o processo singular e fundamental de apropriação do sistema de escrita, a aquisição dos princípios alfabético e ortográfico que proporciona ao educando ler e escrever com autonomia. Classifica-se letramento como sendo o processo de introdução e participação na cultura escrita.

O termo letramento surgiu da palavra inglesa “literacy” a partir da necessidade de compreender em contextos diferentes o uso da leitura da escrita (SOARES, 2012).

Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo) (MINAS GERAIS, Caderno nº 2, 2003, p.11).

Devido a essas circunstâncias, surgiu o termo letramento que vai além do ler e escrever, onde é necessário interagir com a leitura e a escrita dentro e fora do contexto escolar, de modo a cumprir as exigências atuais da sociedade, ou seja, a pessoa que sabe fazer uso da leitura e da escrita como prática social. Portanto, letrar é mais que alfabetizar, mas não podemos separar os dois processos em que o aluno primeiro tem contato com o ensino das técnicas da leitura e da escrita – a alfabetização, e desenvolvendo as habilidades que envolvem o uso da leitura e da escrita, ele adquire o letramento (SOARES, 2012).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que a alfabetização possui várias facetas e por ser considerada complexa vai muito além do que saber ler e escrever. A alfabetização e o letramento são termos diferentes, porém, são indissociáveis, pois um complementa o outro,

desse modo será possível, formar seres pensantes que refletem sobre o ato de ler e escrever visando uma tomada de decisões conscientes enquanto indivíduos os quais exercem suas práticas sociais e conhecem seus direitos e deveres como cidadãos.

É relevante que o professor conheça os diferentes tipos de métodos e também a turma que está trabalhando para adequar à sua maneira de ensinar, adotar uma única prática de ensinar não é aconselhável pois a sala é heterogênea e além disso conhecer o estágio que cada um se encontra é fundamental para que atividades sejam desenvolvidas de acordo as necessidades dos educandos e para que a aprendizagem aconteça de forma efetiva.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

COLELLO, Silvia.Mattos.Gasparian. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FERREIRO, Emília. & TEBEROSKY Ana. **A psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas,1986

NASCIMENTO, Pollyanna. **Alfabetização: Concepções e métodos**. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristovão-SE/Brasil: 21 a 23 de setembro de 2011.

REGO, Lúcia Lins Browne. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLETINDO SOBRE AS ATUAIS CONTROVÉRSIAS. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me03176a.pdf>>. Acesso em 10 jun.2022.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Alfabetização e Letramento**. Curitiba, 2015.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização lingüística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ª ed. 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOUSA, Harley Gomes de. **Fundamentos Metodológicos e Prática de Alfabetização**. Sobral: Inta, 2016.

**Capítulo 10**  
**PROCESSO DE AGREGAÇÃO DE VALOR AS**  
**PESSOAS NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL**

*Tayná Santos Araújo Ferreira*  
*Sileide Mendes da Silva*

## PROCESSO DE AGREGAÇÃO DE VALOR AS PESSOAS NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL

**Tayná Santos Araújo Ferreira**

*Graduanda em Administração pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail:*

[taynaaraujo16@outlook.com](mailto:taynaaraujo16@outlook.com)

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. *Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail:*

[sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br)  
[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo realizar uma abordagem que contribui para o entendimento da importância do processo de agregação de valor das pessoas no ambiente organizacional, como vantagem competitiva da organização. Percebe-se que o conhecimento humano tem se tornado essencial para o crescimento das organizações. Reconhecer, valorizar e investir no capital humano, é fundamental para a organização alcançar bom desempenho. Neste sentido o artigo teve como metodologia uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, tendo como base diversos autores da área administrativa com foco na gestão de pessoas, como por exemplo, Idalberto Chiavenato (2014), Marcia Eloisa Avona (2015), Antônio de Lima Ribeiro (2015), entre outros autores, a fim de buscar elementos que evidenciam a gestão de pessoas e a valorização dos colaboradores na organização. A análise demonstrou que as organizações precisam considerar que a nova vantagem competitiva, se dá através de uma boa qualificação pessoal, de motivação e do engajamento do colaborador (a). Assim, conclui-se que é de grande importância gerir, valorizar e investir no capital humano, pois esses fatores são fundamentais para o sucesso das organizações.

**Palavras-chave:** Valorização. Capital humano. Organização. Gestão de pessoas.

## 1 INTRODUÇÃO

O ambiente organizacional é o conjunto de fatores externo, operacional e interno que estão relacionados com a organização e afetam o seu desempenho, sendo resultados das relações interpessoais entre os parceiros/colaboradores da organização. Para alcançar esse bom desempenho da organização, é necessário a gestão de pessoas, que é a área responsável por administrar o capital humano das organizações.

A gestão de pessoas tornou-se o mais importante desafio interno, em um período em que a competição, as mudanças tecnológicas aceleradas, são desafios externos, a vantagem competitiva das organizações está na forma de utilizar o conhecimento das pessoas, modificando a visão das pessoas como recursos e tendo-as como parceiras da organização. Saber que a tecnologia é importante, mas que é necessário dispor de colaboradores bem treinados, motivados, com qualidade de vida no trabalho.

A escolha do tema deu-se através das aulas com os componentes curriculares de Administração de Recursos Humanos I e II, participação em cursos voltados para a área da administração, além de durante o período de estágio despertar o interesse em aprofundar o conhecimento relacionado ao desenvolvimento profissional e a satisfação dos colaboradores na organização.

A valorização de pessoas no ambiente organizacional é fundamental, para que a organização possa alcançar seus objetivos e realizar sua missão. O tema torna-se relevante para os profissionais da área da administração, demonstrando a interdependência existente entre as organizações e os colaboradores, contribuindo com o aspecto de uma nova gestão de pessoas e a importância dos colaboradores motivados para obtenção dos resultados organizacionais com a inteligência e a criatividade das pessoas, da mesma forma que as pessoas precisam das organizações para estabelecer as relações interpessoais, assim como conquistar os objetivos pessoais destas.

Assim surgiu o seguinte problema: Quais resultados organizacionais podem ser alcançados quando os colaboradores da organização são valorizados e motivados regularmente?

Os trabalhos realizados por colaboradores valorizados são fundamentais para o bom desempenho organizacional. Quando as pessoas possuem motivação para

trabalhar despertam o interesse em se envolver e tornar-se mais engajado dentro da organização. Assegurar a satisfação dos colaboradores na organização, contribui para aumentar a produtividade, diminuir a rotatividade, diminui o índice de absenteísmo, além de contribuir para a retenção e atração de talentos. Dessa forma, indo ao encontro da concepção de que a valorização e motivação de pessoal, torna o clima organizacional favorável ao bom desenvolvimento profissional dos colaboradores, tendo relação direta com os resultados organizacionais.

O trabalho traz como objetivo geral analisar o processo de agregação de valor das pessoas no ambiente organizacional.

Como objetivos específicos o presente artigo tem as seguintes contribuições: Analisar a transformação no decorrer da história na área de gestão de pessoas nas organizações, discutir sobre a gestão estratégica de pessoas, considerando a relevância das pessoas para as competências organizacionais, argumentar sobre a importância da liderança e sua influência no desempenho dos colaboradores, discutir sobre a administração de talentos e capital intelectual, bem como sua importância para o diferencial organizacional e verificar como a cultura e clima organizacional estão relacionados ao processo de valorização das pessoas e suas diferenças, considerando a influência para a satisfação e resultados organizacionais.

Ao realizar o artigo sobre o processo de agregação de valor das pessoas no ambiente organizacional, foram obtidos dados e informações que contribuíram como base e guia para a construção do mesmo. Desta forma, priorizou-se a pesquisa bibliográfica, utilizando os meios como sites, livros, artigos que abordam pontos relevantes sobre a gestão e valorização das pessoas. As fontes têm como base diversos autores da área administrativa com foco na gestão de pessoas, como por exemplo, Idalberto Chiavenato (2014), Marcia Eloisa Avona (2015), Antônio de Lima Ribeiro (2015), entre outros autores que foram de suma importância para a elaboração deste artigo.

## **2 TRANSFORMAÇÃO DA GESTÃO DE PESSOAS NAS ORGANIZAÇÕES**

No decorrer dos anos, a evolução da gestão de pessoas trouxe um papel mais estratégico dentro das organizações. A gestão de pessoas trata-se de estratégias e metodologias que são aplicadas em conjunto pela organização com o objetivo de motivar e engajar os colaboradores.

Conforme Chiavenato (2003), durante o século XIX começaram a surgir os primeiros departamentos pessoais das organizações, tendo como responsabilidade, unicamente determinar as medidas/ calcular os custos da empresa. Até então não existia uma ideia da importância da gestão de pessoas, os funcionários eram vistos de forma estreitamente profissional e de forma contábil para a empresa. Com a transformação ocorrida com a gestão de pessoas, as relações pessoais se fortaleceram.

Como aponta Santos (2020), o conceito de Gestão de Pessoas se aprofundou no final do século XX como uma função gerencial com o intuito de cooperação entre as pessoas, objetivando atender interesses das pessoas e da organização, tornou-se fundamental após a era industrial. Durante um certo tempo na administração as pessoas e/ou as relações de trabalho não eram o foco dos estudos. Com o período industrial, a Teoria Científica da Administração passou por mudanças significativas na relação entre patrões e empregados.

Segundo Santos (2020), a origem da Administração Científica remete-se ao ano de 1903, sendo no começo do século XX e logo após as consequências da revolução industrial, trazendo o crescimento rápido e desorganizado das organizações e a necessidade do aumento de produção de bens, reduzindo a falta de previsão, melhorando a eficiência e aumentando a competitividade.

De acordo com Chiavenato (2003), por meio das experiências realizadas por Frederick W. Taylor e Henry Fayol que determinaram novos caminhos nos modelos de produção, bem como na utilização de mão-de-obra de operários tendo como objetivo o aumento da produção e utilizar menos pessoas nas operações. Sendo que Fayol com suas ideias, que estavam voltadas, ao inverso de Taylor (chão da fábrica), para a alta administração da empresa considerando a importância dos conhecimentos gerenciais para quem o comandasse.

Como aponta Chiavenato (2003), Henry Ford teve como foco dos seus estudos o modelo de produção em escala, utilizando a chamada linha de produção, desejando um melhor aproveitamento da força de trabalho dos operários. As teorias de Taylor e Fayol, representavam um avanço na maneira de avaliar a participação do trabalhador no processo produtivo, desse modo algumas das suas conclusões continuam aplicáveis no processo de produção contemporâneo.

Na teoria das Relações Humanas, considerou aspectos que começaram a ser analisados com maior seriedade no contexto organizacional, com a observação dos

fatores motivadores do trabalho. Conforme Chiavenato (2003), a abordagem humanística tornou como prioridade a preocupação com as pessoas e os aspectos sociológicos e psicológico, ao invés da preocupação com a máquina e com o método de trabalho.

Nessa perspectiva, o Elton Mayo, expôs uma visão das relações humanas no trabalho e seus efeitos na satisfação do trabalhador e produtividade organizacional. Seus estudos sobre produtividade voltada para às condições de trabalho das pessoas mostrou um novo rumo para a área de Recursos Humanos, melhorando os seus procedimentos operacionais.

De acordo com Chiavenato (2012), foi neste século que se visualizou três eras organizacionais, sendo estas: era da industrialização clássica (período após a Revolução industrial, entre meados 1950 e metade do século XX) as pessoas eram consideradas recursos de produção, a cultura organizacional valorizava e conservava as tradições do passado; era neoclássica (1950-1990, após a segunda guerra mundial). A teoria clássica foi substituída pela teoria neoclássica de administrar, levando à necessidade de o administrador conhecer, além dos aspectos técnicos e específicos de seu trabalho, também os aspectos relacionados com a direção de pessoas dentro das organizações.

Era da informação (início em 1990 até a atualidade) as organizações modernas deixaram para trás a era clássica e neoclássica de administrar, mudando a maneira de pensar, de agir e de administrar pessoas. Houve um grande desenvolvimento e passou a influenciar o comportamento das organizações em relação às pessoas. Com isso, o departamento de pessoal passa a ser chamado de departamento de recursos humanos.

Assim, conforme Ribeiro (2005), em uma época na qual a globalização, o grande impacto das tecnologias, a competição no mercado e as rápidas mudanças são os maiores desafios externos, as organizações podem adquirir vantagem competitiva com a maneira de aproveitar o conhecimento das pessoas, proporcionando a otimização de resultados, ao mesmo tempo em que aproxima as pessoas com as atividades realizadas pela empresa, tornou-se assim de suma importância o desenvolvimento de um novo modelo de Gestão.

Considerando esses fatores, surgiu um desafio para o setor de Recursos Humanos ao se tornar necessário, assessorar as organizações no que estava relacionado aos processos de recrutamento, seleção e treinamento de funcionários.

Desse modo, o antigo setor de Recursos Humanos não administra mais os funcionários como se tivessem o mesmo grau de importância dos recursos materiais e financeiros. Passando a ser conhecido como Gestão de Pessoas, ampliando o seu leque de atividades e intervenções nas relações de trabalho, objetivando mediar os interesses entre patrões e empregados.

Gil (2011), também afirma que a Gestão de Pessoas objetiva substituir a Administração de Recursos Humanos, que são utilizadas nos tempos atuais para representar os modos de lidar com as pessoas nas organizações. Diante das evoluções ocorridas, as organizações começam a se relacionar com as pessoas de forma mais humanizada, dotadas de emoções e não como meros recursos, um fator que compreende a valorização das pessoas no ambiente de trabalho. Neste sentido, e considerando o contexto da Gestão de Pessoas, procura-se nomear as pessoas que trabalham nas organizações não mais como empregados ou funcionários, mas como colaboradores ou parceiros.

Na atualidade, a área relacionada a Gestão de Pessoas assume funções estratégicas nas Organizações. Conforme Chiavenato (2010), a gestão de pessoas trata-se de um conjunto integrado de processos dinâmicos. Sendo seis os processos que norteiam a gestão de pessoas nas organizações, sendo estes:

Agregar pessoas - processos de atrair e selecionar novas pessoas, para serem incluídas no quadro de funcionários da organização. Utilizado para incluir novas pessoas na empresa, que tem como objetivo servir as necessidades organizacionais.

Aplicar pessoas - processos para desenhar as atividades as quais as pessoas irão realizar na empresa, orientar e acompanhar o desempenho profissional. Aplicar pessoas é como moldar as funções e métodos de trabalho do colaborador, envolvendo leis que os funcionários precisam seguir como: normas, processos, tarefas e outros.

Recompensar pessoas - são as formas utilizadas para incentivar pessoas e satisfazer suas necessidades individuais. Incluindo durante esse processo as recompensas, remuneração, benefícios e serviços sociais.

Desenvolver pessoas – Processo de capacitação e meios utilizados para incrementar o desenvolvimento profissional e individual. Sendo estes processos o treinamento e desenvolvimento, a gestão do conhecimento e a gestão de competência, aprendizagem, programas de comunicações e concordância.

Manter pessoas – Processo utilizado para criar condições ambientais e psicológicas satisfatórias para as atividades das pessoas. Nesse contexto, considera-

se a administração da cultura organizacional, clima, disciplina, higiene, segurança, qualidade e manutenção de relações sindicais.

Monitorar pessoas – Realizar o acompanhamento e controle das atividades das pessoas e verificação dos resultados. É feito durante esse processo banco de dados e de talentos, sistema de informações gerenciais.

Como aponta Chiavenato (2010), o rumo atualmente é administrar com as pessoas, trabalhando com aqueles que entendem da organização, em busca do objetivo da organização de forma harmônica com os colaboradores e parceiros internos. Dessa forma, as organizações precisam ser ágeis, valorizando cada vez mais as relações de trabalho.

## **2.1 Gestão estratégica de pessoas**

Segundo Leite e Albuquerque (2011), a estratégia de gestão de pessoas representa a orientação destacada pela organização no que se refere à gestão do fator humano e estando de acordo com as práticas pelas quais a gestão é realizada.

A valorização de pessoas no ambiente profissional é de suma importância, porém há algumas décadas o foco estava em tecnologias, ferramentas e instrumentos de trabalho. A gestão de pessoas vem mudando a cada dia, e o foco tem se voltado para a satisfação do colaborador. Compreendendo que a tecnologia é importante, mas se torna desnecessária se não houve envolvimento das pessoas.

As organizações que se preocupam com pessoas estão investindo em um diferencial altamente competitivo. Marques (2011) reforça que uma empresa que executa a gestão estratégica de pessoas com o objetivo de auxiliar a sua política global tem maiores chances de alcançar o sucesso, pois os colaboradores que integram a empresa são responsáveis pela eficiência do conhecimento.

A gestão estratégica de pessoas está voltada para a mudança do modelo tradicional de atuação, enraizado em estratégias de controle das pessoas, para um modelo focado para a geração de estratégias de comprometimento. As estratégias de controle partem da ideia de que os funcionários são percebidos como números, custos e fator de produção, considerando estes apenas como mão de obra. Dessa forma, para desempenharem bem suas funções, é necessário ser mandados e controlados. Já as estratégias de comprometimento focam nos colaboradores como parceiros do negócio da empresa, estabelecendo uma relação ganha-ganha. Desse modo,

confirmando o que ressalta Chiavenato (2014), em que a denominação dada às pessoas reflete o papel que a empresa confere a elas.

As organizações e os colaboradores formam uma relação de interdependência conforme Chiavenato (2014). Dessa forma, a empresa deve investir em seus funcionários para alcançar a melhoria dos resultados organizacionais. Logo, para que seja perceptível os benefícios ofertados pela gestão estratégica de pessoas, a organização precisa quebrar padrões, como, por exemplo, reconhecendo que as pessoas representam o diferencial competitivo da organização, já que são elas que promovem o êxito organizacional e conseguem mantê-lo.

É notório que a gestão de pessoas é fundamental para manter a competitividade organizacional, no entanto, para que seja possível a realização completa, é necessário a conscientização da direção da organização, isso envolve diversos processos. Dentre estes, estão os fatores relacionados a motivação dos colaboradores, que segundo Vergara (2009) são importantes para atingir os resultados organizacionais, considerando que as organizações enfrentam mudanças constantes.

Havendo assim, uma relação importante entre gestão de pessoas e estratégia organizacional, pois são as pessoas que levam as organizações para o alcance de seus objetivos. Segundo Kasparov (2007) temos que estratégia significa determinar metas de longo prazo e trabalhar para alcançá-las por meio de ações específicas, estas ações são as táticas. É fundamental estabelecer um bom planejamento, para que possa desenvolver a estratégia e aplicar as táticas.

O estabelecimento de estratégias resulta em saber aonde se quer chegar, determinar e executar ações que, aproximam a empresa das metas definidas. Sempre considerando que estratégia e pessoas estão interligadas por uma forte conexão. É por meio dessas que a organização pode realizar seus objetivos organizacionais, precisando de pessoas comprometidas com os mesmos objetivos.

As organizações que valorizam seus colaboradores torna-se em destaque e atraem pessoas criativas, inovadoras e competentes, o que a torna competitiva no sentido de organizações para se trabalhar, como para o seus concorrentes. Considerando uma abordagem estratégica objetivando o investimento em capital humano, envolvendo as pessoas no trabalho e integrando estas práticas com o sistema de recompensas, proporcionando ganho mútuo.

Para Dutra (2004), um sistema de gestão de pessoas, integrado e estratégico, proporciona maior harmonia entre as partes, fazendo com que os processos de gestão do sistema se fortaleçam, garantindo maior efetividade, coerência e consistência. Para isso, o processo de valorização das pessoas deve ser relacionado com as recompensas por elas recebidas, como contrapartida de seu trabalho para a organização, atendendo as necessidades das pessoas.

É fundamental identificar o que cada pessoa tem de melhor, seu potencial intelectual e sua capacidade de entrega, nesse contexto, Dutra (2001) afirma que a agregação de valor dos indivíduos, é a colaboração concreta ao patrimônio de conhecimento da organização, o que pode proporcionar vantagem competitiva a longo prazo e mantê-la.

## **2.2 A importância da liderança e sua influência no desempenho dos colaboradores**

O papel do líder é fundamental no processo de desempenho dos colaboradores, pois ele tem o poder de influenciar pessoas ou grupos e cativar seus seguidores, isso sem o uso da autoridade. Assim, uma boa estratégia de liderança tem o poder de estimular e motivar os colaboradores a cada dia, dessa forma, incentivando a alcançar melhores resultados e conectar todos a um objetivo em comum.

Para Bergamini (2009), há dois aspectos importantíssimo para conquistar seguidores motivados, sendo que no primeiro, o líder deve ter sensibilidade ao ponto de descobrir qual a necessidade está motivando o comportamento do seguidor em determinado momento. No segundo é preciso que o líder disponha de autonomia e recursos suficientes, que facilite a oferecer exatamente o fator desejado pela necessidade do seguidor.

As pessoas são elemento básico do sucesso organizacional, assim, é fundamental investir nas pessoas/colaboradores/parceiros interno da organização que atendem e servem os clientes sabendo como satisfaze-los e encantá-lós. Ao invés de investir diretamente no cliente, assim, ganham mais com isso.

Na área de Recursos Humanos aconteceu muita evolução, com isso, Chiavenato (2014) descreve as atribuições oferecida as pessoas na organização, sendo elas como recursos na empresa e como colaboradores ou parceiras (Quadro 1).

Quadro 1 – As pessoas como recursos ou colaboradoras e parceiras da organização.

<b>Pessoas como recurso</b>	<b>Pessoas como colaboradoras ou parceiras</b>
Empregados isolados nos cargos	Colaboradores agrupados em equipes
Horário rigidamente estabelecido	Metas negociadas e compartilhadas
Preocupação com normas e regras	Preocupação com resultados
Subordinação ao chefe	Atendimento e satisfação do cliente
Alienação de tarefas	Vinculação à missão e à visão
Executoras de tarefas	Interdependência com colegas e equipe
Ênfase nas destrezas manuais	Participação e comprometimento
Mão de obra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ênfase na ética e na responsabilidade</li> <li>• Fornecedoras de atividades</li> <li>• Ênfase no conhecimento</li> <li>• Inteligência e talento</li> </ul>

Fonte: Chiavenato (2014, p. 03).

Conforme Chiavenato (2014), as pessoas são o principal ativo da organização. Dessa forma, é importante ressaltar que para a empresa alcançar totalmente o sucesso, é necessário compreender que ela possui características que são o seu diferencial e assim também acontece com as pessoas que a integra, sendo que estas também têm suas particularidades e necessidades.

Para isso, a liderança é fundamental, considerando que conforme Barbieri (2016) a liderança depende de uma motivação, de um objetivo sobre o futuro de uma organização. Os líderes exibem total confiança no seu objetivo e na capacidade de realizar este. Um líder é possivelmente uma fonte de inspiração para os colaboradores da equipe que decidem o seguir, acreditando na mesma visão. Alguns trabalhos de pesquisa chegam a conclusões, que demonstram as relações com o ambiente organizacional e o perfil do líder, assim, conforme Martin, Liao e Campbell (2013) o líder empoderador influencia o resultado do trabalho, bem como a atitude proativa de seus liderados. O líder diretivo tem influência apenas com o resultado do trabalho.

Entretanto, quando os liderados estão agradados com o líder, a influência com a atitude proativa pode ser encontrada no estilo diretivo.

É importante ressaltar, que o valor para gestores e líderes não deve ser o mesmo, logo que este valor se refere a funções diferentes dentro da organização. O gestor tem como foco principal, o desenvolvimento da organização, enquanto o líder visa as pessoas, para assim, a organização se manter estabilizada. Mesmo sendo funções distintas, é fundamental que estejam unidos, pois dessa forma tendem a agregar valores para o avanço contínuo da organização.

Sendo dois sistemas distintos e complementares, a diferença entre liderança e gerência, proposta por Kotter (1998), e, de forma distinta, por Zalesnik (1998). Como descreve o quadro 2.

Quadro 2 – Comparação de liderança e gerência

<b>Liderar</b>	<b>Gerenciar</b>
Gestão da mudança	Gestão da complexidade
Alinhar pessoas com visão e as estratégias	Organizar e treinar pessoas
Falar com muitas pessoas em todas as direções	Desenvolver e comunicar planos de ação
Apresentar valores as pessoas	Selecionar pessoas de acordo com funções
Motivar pessoas	Decidir sobre delegação de autoridade
Apresentar visão de futuro	Definir estrutura e hierarquia
Lidar com barreiras à mudanças	Controlar pessoas e solucionar problemas

Fonte: Baseado em Kotter, (1998) e Zalesnik, (1998)

É preciso que as organizações estejam preparadas para selecionar, nutrir e encorajar pessoas para desempenhar as funções do líder, porém é necessário contar com gestores/gerentes eficazes, podendo estes ser os próprios líderes ou outras pessoas.

Deste modo e segundo Bergamini (2009), a eficácia da liderança está relacionada com toda a organização, e para alcança –lá é preciso predisposição e atitude favorável de todos os níveis de direção.

Como aponta Tajra (2014), o líder é a pessoa que integra os objetivos da organização e os métodos e meios para atingi-los. Combinando as habilidades técnicas e comportamentais, assim como as competências para mobilizar os recursos humanos, financeiros, o tempo e o que for necessário para o melhor desempenho da

organização. O líder deve possuir alta capacidade de adaptação, comunicação assertiva, decisão e firmeza em momentos de transição para que possa guiar seus liderados na melhor direção.

É através desses profissionais que se torna possível oferecer um ambiente de trabalho agradável e tranquilo, desenvolver oportunidades de aperfeiçoamento e incentivar a motivação entre os colaboradores para que desta forma, executem suas tarefas com mais empenho e dedicação, atingindo resultados satisfatórios a cada dia para a organização de modo geral.

#### **2.4 Administração de talentos e capital intelectual**

Uma organização que busca maior diferencial competitivo investe na valorização do capital humano, já que são as pessoas que gerem os demais setores da organização.

De acordo com Chiavenato (2014), o talento define alguém que sabe fazer bem determinada atividade com habilidade, aptidão, inteligência e sucesso. O talento está diretamente relacionado com a empregabilidade.

Gerir talentos é investir em aprendizado, avaliações contínuas, criação de plano de desenvolvimento, metas a serem cumpridas, e acompanhamento dos talentos/colaboradores. O diferencial de investir em talentos é a grande vantagem competitiva que a organização pode ter. Uma organização que realiza a gestão de talentos, os profissionais não são considerados como recursos, mas como parceiros, funcionando como a mente da organização, com possibilidade de criar novos cenários organizacionais, soluções inovadoras, fazendo parte dos resultados obtidos.

Os talentos realmente fazem a diferença nas organizações. Os recursos financeiros e as tecnologias com as máquinas contribuem bastante para a organização, porém as máquinas trabalham, na maioria dos casos, melhor do que o ser humano poderia realizar, mas não criam, não são capazes de inovar e buscar soluções estratégicas. As organizações que possuem uma visão moderna de gestão de pessoas investem no capital intelectual.

Segundo Chiavenato (2014), o capital humano é um capital invisível composto de ativos intangíveis. O valor de mercado das organizações não é mais baseado somente no seu valor patrimonial físico, considerando o seu capital humano.

Capital intelectual trata-se do conjunto de conhecimento, criatividade e inteligência de uma organização na pretensão de alcançar seus objetivos.

Um gestor é muito importante durante o processo de valorização do capital intelectual, considerando que ao liderar de maneira eficaz, consegue motivar para o alcance das metas planejadas e avaliar os resultados. Com isso, aumenta o diferencial organizacional, a partir dos talentos e por meio dos conhecimentos, principalmente os tácitos.

Como aponta Marras (2010), ter talentos não é suficiente para possuir capital humano. É necessário que os talentos estejam integrados em um ambiente de trabalho acolhedor. Quando esse ambiente é incentivador, os talentos podem se desenvolver cada vez mais, já quando este não é adequado, os talentos vão embora ou se isolam. Com o crescimento constante da competitividade nos mercados, juntamente com as exigências de produtos e serviços de qualidade para os clientes, exige que as organizações invistam em seus processos internos que torne o ambiente organizacional com condições ambientais e psicológicas propício a reter os colaboradores e seu bom desempenho.

É fundamental desenvolver o comprometimento, a satisfação para o trabalho, e fazer com que o colaborador se sinta envolvido com a organização, pois não é apenas a alta remuneração e motivação que possibilita manter um bom profissional na organização.

Uma das condições para o êxito das organizações são profissionais qualificados exercendo as funções. Eles agregam valores às organizações, sendo considerados o principal capital. Apesar de alguns gestores ainda não ver dessa forma. A organização precisa dispor de um ambiente de trabalho harmonioso para que o colaborador/a sinta-se satisfeito e recompensado, assim mostrando bom resultado final. Mayo (2003), aponta que o capital humano das organizações é mais importante que o balanço patrimonial, já que o que importa é o valor.

A gestão de pessoas precisa contribuir com o desenvolvimento e a valorização do capital humano, compreendendo as competências individuais, as relações de trabalho, valores e crenças, modelo de liderança e a troca de saberes. Quanto melhor o capital humano, maior será a produtividade e lucratividade, seja no presente e/ou no futuro.

Sendo assim, é fundamental potencializar ao extremo o capital humano da organização para garantir o sucesso, porém há casos em que não são considerados

prioridade. Por isso, Dutra (2004), relata que para esse alcance é de suma importância algumas medidas, tais como:

- Identificar o capital humano que gere valor intelectual para a organização. E criar um banco de talentos em que contenha no mapeamento as competências dos colaboradores, para assim facilitar o gerenciamento.

- Potencializar as competências dos colaboradores, por meio de um sistema de identificação e alocação de talentos, contribuindo para o colaborador exercer atividades relacionadas as suas competências.

- Compartilhar as competências entre os colaboradores. Desenvolvendo o valor da troca de experiências e saberes entre a equipe.

Segundo Chiavenato (2003), o capital financeiro está sendo substituído pelo capital intelectual, deixando de ser o principal ativo da organização. O autor expõe que o capital intelectual de uma organização é formado por ativos intangíveis como:

a) Capital Interno: envolve a estrutura interna da organização, conceitos, modelos e sistemas administrativos e de computação. A estrutura interna e as pessoas constituem juntas, o que geralmente chamamos de organização.

b) Capital Externo: envolve a estrutura externa da organização, ou seja, as relações com clientes e fornecedores, bem como marcas, marcas registradas, patentes e a reputação ou imagem da empresa.

c) Capital Humano: é o capital de gente, de talentos e de competências. A competência de uma pessoa envolve a capacidade de agir em diversas situações, tanto para criar ativos tangíveis como intangíveis (CHIAVENATO, 2003, p. 186).

Investir em treinamento constrói conhecimento, sabedoria e informação para os colaboradores fazendo com que seja possível através destes apresentar boas contribuições para a organização. Sendo fundamental para o diferencial competitivo da organização ter colaboradores capacitados e comprometidos com a mesma, por isto, é importante nas políticas organizacionais, a valorização do colaborador, para assim, ter uma gestão de qualidade.

## **2.2 A cultura e o clima organizacional no processo de valorização das pessoas**

A cultura envolve estabilidade, enfatiza demonstrações conceituais, ajuda como fator de união para levar os membros do grupo em direção ao consenso, implica

dinâmica e padronização, conforme afirma Pires e Macêdo (2006). Assim, a cultura pode ser caracterizada pela capacidade de aprendizagem, compartilhamento e pelo inter-relacionamento das esferas. A cultura está em constante evolução, pois é possível mudar o jeito de pensar e de agir.

Ricardo Luz (2003), afirma que cultura organizacional trata-se do conjunto de atributos físicos e psicossociais de uma organização que caracteriza seu modo de ser e determina sua identidade. Desta forma, ao falar da cultura organizacional, estamos falando das normas, regras, valores, da missão e da visão da empresa. Assim como define as políticas organizacionais, a forma de gerenciar e como se tomam as decisões.

Para Chiavenato (2014), o conjunto de hábitos, crenças, normas, valores, atitudes e expectativas compartilhadas pelos membros da organização forma a cultura organizacional. Do mesmo modo, a arquitetura da empresa, os vestuários e o comportamento dos colaboradores também expressam a cultura. A gestão de pessoas também representa a cultura da empresa e demonstram, nas ações, seus propósitos. A cultura organizacional pode ser um ponto crucial para a diferenciação do sucesso ou fracasso de uma empresa. Segundo Luz (2003), o clima organizacional é o reflexo do estado de ânimo ou do grau de satisfação dos colaboradores de uma empresa, em um momento. No ambiente corporativo pode-se dizer que o clima indica a satisfação do colaborador com a empresa onde trabalha em todos os seus aspectos.

Dessa forma, o clima organizacional é o ambiente humano no qual os colaboradores de uma organização realizam os seus trabalhos, constituindo a qualidade do ambiente organizacional que é vivenciada pelos colaboradores da empresa e que influencia o comportamento destes.

Conforme Luz (2003), existem três formas de o clima se revelar: bom (favorável), prejudicado (desfavorável), ruim (neutro). Desta forma, bom é quando há motivação, entusiasmo por parte de todos os colaboradores. No prejudicado, existem comportamentos e situações que são considerados de forma negativa, influenciam o entusiasmo das pessoas; e já no clima ruim, o colaborador não demonstra interesse ou motivação, afetando a sua produtividade.

De acordo com Chiavenato, Luz e entre outros autores, determinados comportamentos dentro da organização podem indicar problemas relacionados ao clima organizacional. Sendo estes: rotatividade de pessoal, absenteísmo, greves,

indisciplina generalizada, conflitos interpessoais, desperdícios e reclamações diversas.

Assim, é importante saber o que os colaboradores pensam a respeito da organização. Suas necessidades e opiniões precisam ser consideradas para o alcance de melhores resultados organizacionais. Existe formas de se fazer essa investigação, a pesquisa de clima organizacional se destaca como uma das mais importantes ferramentas de gestão para esse processo. Algumas ações auxiliam no conhecimento das expectativas dos colaboradores, como reuniões de área, entrevistas de desligamento, que fornecem importantes informações para serem analisadas, entre outras.

Segundo Avona (2015), o ambiente organizacional também pode ser considerado como o resultado das relações interpessoais entre os integrantes da organização. Para tal, é necessário que a organização disponha de lideranças capacitadas para administrar as diferenças individuais e os conflitos. Considerando que as diferenças proporcionam ganhos para ambas as partes, enriquecendo as relações.

O clima organizacional é influenciado diretamente pela cultura organizacional, por as pessoas, em suas inter-relações, principalmente quando considerado as diferenças entre cada pessoa. Por isso, é fundamental gerir as pessoas buscando as melhores condições para a realização das tarefas, bem como a valorização das diferenças.

### **3 METODOLOGIA**

Para obter os objetivos citados nesse artigo, houve a necessidade de obter informações em pesquisas bibliográficas, livros e sites, buscando características verídicas fornecidas pelos autores e pesquisadores, com a coleta desses dados de análise e usufruindo das orientações acadêmicas foi possível alcançá-los e comprovar os benefícios oferecidos pela gestão de pessoas. Através dessas informações tornou-se possível realizar a leitura, interpretar e lançar o propósito da criação e uso da gestão de pessoas.

O desenvolvimento desse estudo foi para discutir o diferencial que a gestão de pessoas pode oferecer diante da atualidade nas organizações, para atingir os seus objetivos, bem como a valorização das pessoas no ambiente de trabalho. Neste

sentido, compreender a funcionalidade e a relevância oferecida pelo processo da gestão de pessoas na agregação de valor é a principal essência da organização.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados nesse artigo referente a importância de gerir, valorizar e investir no capital humano, pois esses fatores são de fundamental importância para o sucesso das organizações. As organizações precisam considerar que a nova vantagem competitiva, se dá através de uma boa qualificação pessoal, de motivação e do engajamento do colaborador/a.

Desse modo, conclui-se que é essencial a organização valorizar cada colaborador, logo que são eles que contribuem com o crescimento e resultados para a organização. Quando esta prioriza valorizar os colaboradores, melhoram os seus resultados, além de conquistar colaboradores comprometidos, envolvidos, respeitosos e satisfeitos com o seu trabalho.

Para manter um ambiente organizacional saudável, é necessário manter uma organização fortalecida e baseada nos devidos valores. Há valores que trazem impactos na organização, e quando existe confiança entre os líderes e os liderados, a equipe se torna mais engajada, valorizada e comprometida com os objetivos da organização, o respeito e comprometimento precisam estar alinhados aos valores organizacionais para que o clima organizacional seja agradável de se conviver.

Portanto, torna-se primordial valorizar cada potencial no ambiente de trabalho, considerando que sem pessoas para produzir, inovar, gerar produtividade e resultados não há organização.

#### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. G.; LEITE, N. P. (2011). Gestão estratégica de pessoas, comprometimento e contrato psicológico: o caso Vale. **R. Adm.**, São Paulo, v.46, n.1, p. 19-31.

AVONA, Marcia Eloisa. **Gestão de pessoas**. Londrina: Editora e distribuidora educacional S.A., 2015.

BARBIERI, U. F. **Gestão de pessoas nas organizações: conceitos básicos e aplicações**. São Paulo: Atlas, 2016.

BERGAMINI, C. W. **Liderança**: administração do sentido. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4. ed. Barueri: Manole, 2014.

DUTRA, J. S. (Org.). **Gestão por competências**: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas. 3. ed. São Paulo: Gente, 2001.

DUTRA, J. S. **Competências**: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na organização moderna. São Paulo: Atlas, 2004.

DAVEL, E.; VERGARA, S. C. **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2009

GIL, A. C. **Gestão de pessoas**: enfoque nos papéis profissionais. São Paulo: Atlas, 2011.

KASPAROV, Garry. **Xeque Mate**: A vida é um jogo de xadrez. 1. ed. Brochura, 2007, p.288.

KNAPIK, J. **Gestão de pessoas e talentos**. Curitiba: Ibpex, 2011.

MARQUES, W. L. **Ciências Empresariais**. Paraná: Gráfica e Editora Bacon Ltda, 2011.

MAYO, Andrew. **O valor humano da empresa**. Tradução de Júlia Maria Pereira Torres. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

SANTOS, V. A. **Evolução da gestão de pessoas nas organizações do rígido ao flexível**. Disponível em:>  
<https://administradores.com.br/artigos/evolu%C3%A7%C3%A3o-da-gest%C3%A3o-de-pessoas-nas-organiza%C3%A7%C3%B5es-do-r%C3%ADgido-ao-flex%C3%ADvel-1>. Acesso em: 03 mar. 2022. Acesso em: 21 jun. 2022.

TAJRA, S. F. **Planejamento e liderança**: conceitos, estratégias e comportamento humano. 1ª. ed. São Paulo: Érica, 2014.

**Capítulo 11**  
**REFLEXÃO ACERCA DO SUICÍDIO: O AMBIENTE  
ESCOLAR E FAMILIAR FRENTE A FORMAÇÃO DAS  
EMOÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**  
*Valéria Amorim Torres*  
*Sileide Mendes da Silva*  
*Hudmilla de Sousa Aragão*

## REFLEXÃO ACERCA DO SUICÍDIO: O AMBIENTE ESCOLAR E FAMILIAR FRENTE A FORMAÇÃO DAS EMOÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

**Valéria Amorim Torres**

*Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser, Remanso Bahia.*

*E-mail: [valeriaamorimtorrespedagogia@gmail.com](mailto:valeriaamorimtorrespedagogia@gmail.com)*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br);*

*[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)*

**Hudmilla de Sousa Aragão**

*Coordenadora Acadêmica e Professora da Faculdade Alfredo Nasser de Remanso Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0035-9561>. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) - Universidade de Pernambuco- [hudmilla.aragao@upe.edu.br](mailto:hudmilla.aragao@upe.edu.br)*

### RESUMO

O referido trabalho foi construído fundamentado em uma pesquisa bibliográfica, acerca de concepções e reflexões de alguns autores que apresentam análises amplas da temática evidenciada. Com isso, pode-se afirmar que tais posicionamentos contribuíram de forma positiva para a realização e concretização do objetivo geral do projeto, sendo o de obter o levantamento real dos casos de suicídio que ocorrem no Brasil e destacar a atuação da família juntamente com a escola, a fim de estabelecer uma comunicação eficaz para priorizar a saúde mental das crianças e adolescentes através de estratégias que visem valorizar essa temática que é tão importante nos dias atuais. Considerando que o referido trabalho parte do intuito de valorizar a vida, é válido salientar que a adequação das políticas públicas é essencial nesse processo e merece ser discutida constantemente pelos órgãos competentes e sinalizadas em ações que priorizem temáticas como essas em espaços sociais, como por exemplo

nas escolas. E para isso, o professor deve exercer uma postura condizente com a de um bom educador sendo aquele que transmite além do conhecimento e que possui amor pela prática e pelo aprender, assim como cuidar do bem-estar de seus alunos. **Palavras-chave:** Suicídio. Emoções. Família. Escola.

## 1 INTRODUÇÃO

Falar sobre o Suicídio, infelizmente, é algo que ainda gera desconforto e uma certa resistência, isso porque a morte é assustadora, ainda mais quando acontece intencionalmente. As pessoas adiam falar sobre a morte, ainda que essa seja uma certeza, e quando por exemplo, alguém se suicida, é um impacto muito forte, muitos questionamentos surgem, são muitos por quês, muitas indagações, e o medo de falar sobre o assunto começa a surgir.

Fica evidente, portanto, que nossa sociedade precisa quebrar tabus e romper as barreiras que dificultam essa comunicação, é preciso estabelecer uma ponte de empatia e conexão entre as pessoas, e por que não começar com um olhar solidário com o próximo? As pessoas precisam ser ouvidas e entendidas, pois a necessidade de externar o que sentem é muito grande, e às vezes o que falta é o suporte, um olhar fraterno e cuidadoso para com o outro vale mais que tudo, é preciso, portanto se atentar aos sinais.

São tantos dados e reflexões, muitos questionamentos, e ainda assim não se chega a uma conclusão precisa do que leva uma pessoa a querer desistir de tudo propositalmente. Em meio a tantas inquietações, como os pais lidam com tudo isso? Como os profissionais da saúde costumam encarar essas situações? Qual o papel da escola no que se refere a formação de emoções em crianças a adolescentes? Como buscar subsídios e quebrar tabus em uma sociedade que ainda se omite em falar sobre o suicídio? Como mostrar ao outro que a vida dele importa e merece ser preservada? É importante refletir sobre essas questões.

Compreendendo, portanto a importância em se conhecer, a reflexão a ser feita é a seguinte: Como despertar nas crianças e nos jovens o gosto por se conhecer e se aceitar? Como a família e a escola pode atuar em parceria em prol da aquisição dessas habilidades? São perguntas que precisam de respostas e comprometimento.

A escola juntamente com a família precisa atuar em favor de uma nova postura das crianças e dos jovens. Trabalhar as emoções é tão importante quanto trabalhar o

abecedário, por exemplo. Desenvolver a inteligência emocional em sala de aula para o professor é um desafio, visto que, a sala de aula é heterogênea e o mesmo precisa se redobrar para dá atenção a todos de modo geral, mas não é uma tarefa impossível, com paciência, diálogo e comprometimento tudo vai se ajustando.

O objetivo geral do referente trabalho é apresentar dados relacionados ao número de suicídios que ocorrem no Brasil frequentemente, frisando a importância de priorizar ações que devem ser adotadas pela escola em parceria com a família como forma de valorizar a saúde mental de crianças e jovens. Dessa forma, com o intuito de valorizar a vida, o trabalho elucida possíveis atuações que o professor pode aderir em suas práticas pedagógicas a fim de alcançar estabilidade emocional em seus alunos, levando em consideração que se torna importante apresentar o papel da família nesse cenário de formação de identidade e de identificação de possíveis problemas psíquicos ou emocionais, assim como também os direitos sociais oriundos constitucionalmente que todo cidadão deve gozar. Por fim, o trabalho realizado foca na busca pelo autoconhecimento desde a infância como forma de preparar o indivíduo psicologicamente para exercer seu papel na sociedade e dominar suas emoções.

## **COMPORTAMENTO SUICIDA**

A expressão “suicídio”, sem dúvidas é impactante e apavorante, principalmente na fase da adolescência. É um assunto delicado, mas analisando essa fase de transição da adolescência para a vida adulta, toda responsabilidade que esse novo processo de maturação exige, seja por ser marcado por preocupações em relação ao futuro, escolhas, traumas, medo do novo, a negação à maturidade e responsabilidades, é perfeitamente compreensível que esse misto de emoções causem transtornos na mente dos jovens, principalmente se este já possui algum histórico marcado por ansiedade, depressão ou crises existenciais.

Para tanto, é válido conceituar o suicídio para compreender, ou pelo menos, tentar compreender que tipo de emoção e sofrimento passa na mente de uma pessoa com pensamentos suicidas. O Sociólogo Francês Émile Durkheim (1887) escreveu um livro chamado “O SUICÍDIO”, e em um trecho marcante ele conceitua muito bem o que viria a ser o suicídio. De forma simplificada, Durkheim relata que todo ser humano é dotado de um equilíbrio, sendo, que esse equilíbrio está ligado às razões

da nossa existência, no apego a si, logo, fica claro que o suicídio está intimamente ligado no desapego à vida, naquela famosa frase clichê “Minha vida não faz mais sentido”.

Nessa perspectiva, é como o estupendo filósofo e professor Mário Sérgio Cortella (2016) faz uma referência do verbo “Importar”, que significa trazer para dentro, chega-se, portanto, a incógnita da questão, isto é, aquele que vive apenas a exportação, aquele que só coloca para fora, este entra em um ciclo vicioso no qual não encontrará razões para fazer sua existência valer, criando a possibilidade de se desapegar e perder o seu equilíbrio.

Nossa vida, portanto, está ligada ao apego, apego a si, às pessoas que fazem nossa jornada valer, aos sonhos, metas, desejos, visões de futuro, são as razões da nossa existência, e uma vez que isso é perdido o ser humano deixa de fazer uso de o verbo importar.

É compreensível dizer e acreditar na hipótese de que quem cometeu suicídio não queria de fato se matar, mas eliminar a dor que estava sentindo, e a única alternativa que encontra é provocando seu próprio fim. E partindo desse ponto, vale salientar e compreender o nível de sofrimento que uma pessoa chega para querer se ausentar da vida de forma banal. Alguns estudiosos associam o suicídio a transtornos mentais, exemplo disso, a depressão, esquizofrenia e o alcoolismo.

Diante disso, surge um questionamento “A que nível de dor e sofrimento uma pessoa se encontra para querer tirar a vida com as próprias mãos”? A Psicanálise se posiciona frente a isso partindo do ponto que o ser humano se encontra numa busca constante de preencher seu vazio existencial. Isso revela que todo ser humano tem um vazio que precisa ser preenchido, por isso a busca incessante por coisas, sonhos, metas, bens materiais, isto é, o ser humano tenta se refugiar em conquistas que fazem bem para seu ego, e ir atrás dos seus sonhos, daquilo que acredita são formas de fazer a vida valer e fazer pulsar vida no seu interior.

E às vezes, nessa busca idealizadora, o ser humano não está preparado psicologicamente para aceitar o erro e o possível fracasso, e no primeiro insucesso o homem pode está sujeito a se deprimir porque se cobrou demais. A Psicanálise denomina e chama esse comportamento de depressão, que está intimamente ligada a perdas, insucessos, desilusões, etc.

Observa-se que fatores ligados às emoções no que se refere a ansiedade, depressão, medos, traumas e crises existenciais são problemas reais e enfrentados

pela maioria dos jovens hoje. A saúde mental dos jovens pede socorro, é uma realidade que precisa ser atendida e compreendida pelas pessoas. É um desafio, isso porque falar em emoções, principalmente as que afetam o psicológico perpassa por muitos estudos abrangentes que busquem compreender a mente das pessoas. Mas é preciso falar sobre a importância de se conhecer e entender as próprias emoções, o ser humano necessita disso. E é por ser extremamente importante, que a aquisição da Inteligência Emocional nas pessoas precisa ser uma realidade, e para isso acontecer, o ser humano precisa se encontrar apto para lidar com suas próprias emoções (GOLEMAN,1995).

O suicídio nesse contexto, se conceitua como uma forma de escape daquele que sente a necessidade de se livrar do sentimento de derrota, de incapacidade, porque ele não se sente suficiente. A depressão em jovens é uma doença que precisa ser tratada, é preciso cuidar do psicológico dos jovens, pois de fato a mente é a arma mais poderosa do corpo humano. De acordo com uma pesquisa do CNN Brasil, dados relataram que durante a pandemia da COVID 19 os sintomas de depressão e ansiedade vem aumentando drasticamente, principalmente nos jovens. O que fica evidente, portanto, é que esse cenário novo propiciou de certa forma na alteração dos fatores emocionais, talvez por romper as relações sociais e os vínculos afetivos, sem contar que o isolamento social afeta muito o psicológico porque as emoções afloram com a preocupação depositada na família e o medo resultando na falta de concentração e ansiedade ao extremo.

Assim, é válido dizer que o correto não é tentar compreender a mente de um suicida, a melhor alternativa é compreender o sofrimento que está por trás daquele rosto, as emoções que persistem na vítima porque seu sofrimento tem muito a dizer, como Alves (1991) define:

A morte do suicida é diferente. Pois ela não é coisa que venha de fora, mas gesto que nasce de dentro. O seu cadáver é o seu último acorde, término de uma melodia que vinha sendo preparada no silêncio do seu ser, mas no corpo do suicida encontra-se uma melodia para ser ouvida. Ele deseja ser ouvido. Para ele valem as palavras de César Vallejo: "su cadáver estava lleno de mundo". O seu silêncio é um pedido para que ouçamos uma história cujo acorde necessário e final é aquele mesmo, um corpo sem vida (ALVES, 1991, p. 12, apud FERREIRA JUNIOR, 2015, p. 25).

É preciso identificar os sinais, seja numa fala ou num comportamento retraído, é preciso oferecer apoio emocional ao outro. E para isso, é preciso acompanhamento, isto é, uma equipe comprometida nesse processo com profissionais dispostos a atuar

com excelência. Família e amigos são a base, visto que é o primeiro contato social que todo ser humano tem, a escola é o complemento, e por isso é importante trabalhar desde cedo com as crianças questões relacionadas à vida, liberdade de expressão, felicidade, fraternidade e desenvolver laços afetivos.

É preciso identificar os sinais, seja numa fala ou num comportamento retraído, é preciso oferecer apoio emocional ao outro. E para isso, é preciso acompanhamento, isto é, uma equipe comprometida nesse processo com profissionais dispostos a atuar com excelência. Família e amigos são a base, visto que é o primeiro contato social que todo ser humano tem, a escola é o complemento, e por isso é importante trabalhar desde cedo com as crianças questões relacionadas à vida, liberdade de expressão, felicidade, fraternidade e desenvolver laços afetivos.

Trabalhar esses temas em sala de aula é de extrema importância, visto que, as mesmas precisam ser instigadas desde pequenas e é importante desenvolver essas percepções de gerenciamento de emoções o mais cedo possível, estreitar os laços entre educadores e educando é fundamental, pois a afetividade em sala de aula é uma aliada nesse processo. E para reforçar, diálogos, conversas construtivas, ouvir o outro com empatia, oferecer apoio emocional, e se for caso, posteriormente acionar um profissional de saúde mental são atitudes que precisam ser tomadas por pessoas que tem contato de forma direta ou indireta com jovens nessa situação.

Acreditar que vidas importam e que merece ser valorizada e compartilhada faz toda a diferença, e mais ainda para quem não acredita mais nas razões de sua própria existência. Ter quem acredite e estenda a mão é uma atitude de força e coragem que essa pessoa precisa.

Trata-se de uma questão de empatia, colocar-se no lugar do outro e está disposto a ajudar, através de uma conversa, de incentivo. Oferecer um ombro amigo em situações desse tipo faz toda diferença. Às vezes, essa pessoa só precisa ouvir uma palavra de conforto, que você a entende e está disposto a ajudá-la.

Ouvir a dor do outro sem ter a pretensão de julgar é fundamental levando em consideração que mesmo que o ouvinte não compactue do mesmo pensamento, é importante tomar cuidado com as palavras, não questionar a dor alheia, pois não há como entender ou sentir a dor do outro, mas é importante respeitar. Trata-se de uma questão ética. Obviamente, se a conversa der a entender que há pensamentos suicidas por trás, a melhor alternativa é acionar alguém da família, ou um profissional para dá suporte necessário.

## TRANSTORNOS MENTAIS GRAVES

Hoje em dia, é notório que muitas pessoas são vítimas de crises existenciais, depressão, ansiedade e tantos outros transtornos que interferem e alteram todas as funções psicológicas do cérebro humano. A ansiedade, por exemplo, é um problema que afeta cerca de 264 milhões de pessoas no mundo segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde).

A ansiedade está associada à vários fatores, entre eles, a preocupação, nervosismo e o medo. Ou seja, um misto de sensações que se não forem controladas podem virar um distúrbio e ocasionar problemas sérios que afetará a rotina e as atividades da pessoa que sofre desse mal. Levando em consideração que é preciso diferenciar uma ansiedade normal, como por exemplo, está ansioso para o primeiro dia de trabalho ou algo importante que vai acontecer de um transtorno de ansiedade, este sim que é nocivo na vida daquele que o enfrenta.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), os transtornos mentais mais graves incluem a Depressão, o transtorno bipolar e os distúrbios psicóticos. O termo utilizado mais comum são Transtornos Graves e Persistentes. Essa terminologia faz uma assimilação precisa, na qual considera a duração do problema, o nível de sofrimento emocional, o grau da dificuldade que compromete as relações interpessoais e o quadro de diagnóstico do paciente.

É importante considerar que a maioria desses distúrbios estão relacionados a áreas particulares do cérebro humano. Além dos transtornos mencionados anteriormente, outros que fazem parte dessa análise e podem ser citados compreendem: O TOC (Transtorno Obsessivo-Compulsivo), sendo considerado um distúrbio descrito por pensamentos recorrentes nervosos e acelerados, seguido de rituais compulsivos que não podem ser controlados (ALINE SABINO, 2021).

Outro exemplo, é a Dislexia que é caracterizada por afetar diretamente o rendimento do desenvolvimento intelectual e a aprendizagem, pois o indivíduo que enfrenta esse distúrbio apresenta sérios problemas ligados ao domínio da leitura e escrita. Nessa linha, outro exemplo é o Mutismo Seletivo que causa timidez social e intimidação no que se refere a expor opiniões e se expressar, o que afeta diretamente nas relações interpessoais. A esquizofrenia também faz parte dessa lista, por interferir

nos processos cognitivos e alterar a capacidade de noção e percepção do contexto do dia a dia e das situações vivenciadas (MATOS, 2003).

Por fim, vale destacar a autoagressão/ suicídio, no qual faz com que o indivíduo se agrida com as próprias mãos, essa pessoa pode fazer isso se automutilando, ou ainda tentando tirar a própria vida. A automutilação é definida como as lesões físicas ocasionadas no próprio corpo intencionalmente. Infelizmente essa prática acontece e afeta jovens e adolescentes, sendo que, esse acontecimento pode ocorrer seguido de suicídio ou objetivando somente chamar atenção.

É típico de toda pessoa se fechar quando algo a aborrece ou entristece, e em caso de sintomas depressivos isso é ainda mais recorrente. Por isso, cada vez mais é gritante a necessidade de conversar com as pessoas, principalmente aquelas que fazem parte do convívio. Ao identificar uma zona de tristeza que se caracterize com a depressão não se pode negligenciar ou abafar e sim procurar ajuda de profissionais e oferecer apoio psicológico. Infelizmente o ser humano ainda evita falar sobre temáticas como essa, e isso reforça a seguinte ideia: “Preocupamo-nos com a destruição provocada pelos outros, mas evitamos falar sobre autodestruição”. (EDWIN SCHNEIDMAN, 2009).

Fica claro que falar sobre depressão e as formas de trata-la é uma necessidade que exige a compreensão de fatores biológicos, psicológicos e as relações estabelecidas ao longo da vida.

## **POLÍTICAS PÚBLICAS NO COMBATE AO SUÍCIDIO**

A abordagem da temática de prevenção ao suicídio no Brasil é pouco discutida e possui como embasamento histórico alguns exemplos de atuações executadas em isolamento no que se refere somente a medicações e sugestões de acompanhamento e tratamento psicológico ou psiquiátrico. Um avanço que pode ser considerado nessa perspectiva foi a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1990 que contribuiu para atender e priorizar a execução de políticas públicas de cunho facilitador na preservação da saúde mental.

As políticas públicas de saúde mental foram construídas e incentivadas mediante alguns projetos que incluíam a cobrança de direitos e investimentos estatais na perspectiva da saúde da política de saúde mental, sendo iniciada desde a década de 1980. Um marco nessa trajetória foi quando a OMS (Organização Mundial de

Saúde) lançou o Suicide Prevention Program (SUPRE), na qual foi considerada o primeiro posicionamento a nível mundial na preservação ao suicídio.

Esse programa trazia embasamentos de elaboração e orientação com o objetivo de prevenir o suicídio e orientar a sociedade acerca do tema. O interessante é que esse guia era prescrito por profissionais qualificados que apresentavam de maneira sucinta a abordagem correta de atuação das pessoas em situações desafiadoras como essa.

No ano de 2006, foi publicado o documento “Prevenção ao suicídio: Um recurso para conselheiros”. Esse documento tinha como público alvo os indivíduos que apresentavam algum indício de comportamento suicida. Trazia também dúvidas pertinentes em relação ao tema. Não se pode deixar de destacar a importância da OMS que tem caráter teórico, fazendo uma referência exclusivamente ao tratamento de pacientes desse grupo de risco. A mesma vai atuar partindo dos embasamentos e laudos psiquiátricos e priorizando a capacitação dos profissionais, que são os responsáveis por identificar os fatores de risco e procurar caminhos para atenuar tais problemas. Levando em consideração que esse assunto é algo muito amplo que exige a atuação de muitas políticas públicas e a oferta de diversos serviços.

Outro avanço nessa perspectiva foi a criação do CVV (Centro de valorização a vida) que oferece atendimento de apoio emocional, há uma equipe voluntária que atua e por meio do número 188 é possível ter acesso a esse suporte. O CVV divulgou que são realizadas mais de um milhão de atendimentos anualmente. Isso responde a grande demanda de uma sociedade afetada psicologicamente.

Além das políticas e programas citados, há outros exemplos de projetos e ações, um exemplo é o setembro amarelo que diz respeito à conscientização das pessoas abordando a complexidade e desafios da temática, sendo que tais eventos podem ser promovidos em parceria com escolas, os órgãos competentes de cada município e as divulgações em redes sociais.

Mediante a especificação da OMS em relação a prevenção ao suicídio, uma de suas atribuições institui e defende a ideia de que cada país deve criar mecanismos que viabilizem uma conduta condizente com o que é definido em forma legal, e foi nessa linha que no ano de 2019 foi sancionada a lei nº 13.819/2019, considerando a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio no Brasil (PNPAS), foi criada na perspectiva de um documento com regulamentações e de caráter normativo podendo agir através de decretos dentro do território nacional (BRASIL, 2019).

O artigo 3º da lei especifica e detalha a abordagem correta em relação ao comportamento das pessoas com ideação suicida, destacando:

[...] garantir o acesso à atenção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, especialmente daquelas com histórico de ideação suicida, automutilações e tentativa de suicídio; abordar adequadamente os familiares e as pessoas próximas das vítimas de suicídio e garantir-lhes assistência psicossocial; [...]

Oportunizar esse apoio psicossocial a esse público com histórico ameaçador é garantido por lei e deve ser efetivado na prática. Portanto, é compreendido que todo esse processo de construção de políticas foi lento e elaborado acerca de muitos discursões e até o presente momento apesar de alguns avanços ainda há muito para avançar e principalmente desconstruir tabus e preconceitos enraizados na sociedade.

## **PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DAS EMOÇÕES**

Hoje em dia, as adversidades da vida exigem cada vez mais do ser humano força, disciplina e domínio sobre suas emoções, e esse controle emocional, na verdade, essa capacidade de gerenciar as próprias emoções, a Psicologia vai usar a expressão Inteligência Emocional. É importante conhecer a si mesmo, como Farvardin Daliri (Doutor em Educação) afirma: “Qualquer um que consegue compreender o que está dentro de si, é capaz de se relacionar com o mundo afora de maneira mais produtiva e construtiva”. Partindo dessa afirmação, é como o Sociólogo Karl Max (1997), aborda a concepção do sujeito alienado, sendo aquele que não pertence a si mesmo, e essa ideia reforça o quão importante é a arte de se conhecer e compreender cada sentimento interior.

Diante desse cenário, sobre o quão importante é se conhecer e se entender, sabendo gerenciar as próprias emoções, a escola exerce um papel fundamental, e através da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) isso foi consolidado, pois sua atualização de 2020, incluiu nos currículos educacionais das instituições de ensino as competências socioemocionais para propiciar ao aluno a administração adequada de suas emoções e sentimentos. Essa gestão de emoções é crucial, uma vez que, a criança e os adolescentes precisam ter essa oportunidade de entender o misto de sentimentos que é oriunda de cada fase de suas vidas.

É um trabalho árduo, principalmente para o professor que precisa ser um suporte para seus alunos, e o primeiro passo para se alcançar objetivos é estar

motivado, isso significa que o professor precisa constantemente está disposto a buscar o melhor para seus alunos, pois ele é o mediador desse processo e sua atuação é indispensável. Para isso, é importante conhecer muito bem cada aluno, levando em consideração que cada mente é um mundo. Desse modo, o docente precisa partir dos conhecimentos prévios para atuar de forma coerente no incentivo e gerenciamento de emoções (SANTOS, 2000).

Para isso, uma ponte precisa ser criada e isso é construído através do diálogo. A criança precisa encontrar segurança e apoio emocional nesse profissional para que possa expressar seus sentimentos. E o professor pode oportunizar isso através de uma prática educativa envolvendo atividades lúdicas, rodas de conversa com o intuito de despertar nas crianças confiança em seu trabalho, visto que, essa rotina no ambiente educativo contribui demais para aquisição de habilidades comunicativas e sociais, o que é considerado um ponto positivo.

A escola é um ambiente de transformação social e a aprendizagem deve englobar as competências que cada aluno necessita adquirir, ao ponto que temas voltados às questões sociais e valores humanos devem fazer parte de sua proposta pedagógica.

Estreitar essas relações entre educador e educando é essencial, e para isso, o professor também precisa se encontrar bem psicologicamente e, portanto, não se pode deixar de estimular o desenvolvimento das emoções dos profissionais da educação. É válido salientar que o ser humano em si é sensível e precisa ser alimentado emocionalmente constantemente, como afirma Seeburger:

Tornar-se emocionalmente educado e aprender como sentir isso implica aprender duas coisas inter-relacionadas. Aprender a sentir em primeiro lugar é desenvolver a capacidade de sentir a ampla extensão das emoções humanas; sentir todas as emoções livre e profundamente, e aprender o que sentir é desenvolver respostas emocionais que são apropriadas a uma situação atual ajustadas no tipo e na intensidade (SEEBURGER, 1999, p.31).

Essa ideia reforça a busca incessante que o homem tem de ter domínio sobre si para lidar melhor com o outro e com o mundo Socrátes (1972), a teoria de Jean Piaget evidencia exatamente isso, a noção de troca entre o sujeito e o meio que ele está inserido, pois é através desse processo de interação social que a aprendizagem vai se consolidando. Logo, isso reafirma que trabalhar as emoções no contexto educacional precisa ser uma realidade.

O papel do professor, sendo assim precisa acontecer democraticamente para o alcance das metas propostas, e assim conclui-se que não se trata apenas em abordar conceitos e métodos, ou manusear sua disciplina com excelência, mas também efetivar a parceria entre aluno e educador, como Cury (2003, p.65) cita:

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

Fica claro que a arte de ensinar perpassa por diversos fatores que influenciam na capacidade de desenvolvimento do indivíduo, e dessa forma a atuação do professor vai muito além da transmissão de informações.

Quando é colocada essa questão do papel do professor, vale salientar também a atuação da escola, pois são nas práticas pedagógicas que o trabalho se sustenta, é o alicerce. Desse modo, um currículo que priorize e se fundamente tanto no desenvolvimento intelectual quanto emocional do educando é fundamental.

A escola é um ambiente de transformação social e a aprendizagem deve acontecer em todos os níveis, englobando todas as competências que cada aluno necessita adquirir, ao ponto que, temas voltados às questões sociais e valores humanos devem fazer parte de sua proposta pedagógica.

A Educação é a chave para a mudança, já dizia o patrono da educação brasileira (FREIRE, 2004). A educação é um bem social e é a ferramenta essencial para a tão sonhada transformação da sociedade, ou seja, a mesma tem o poder de transformar as pessoas, abrir a mente, e essas são capazes de transformar a sociedade que fazem parte. Quem tem conhecimento tem poder e autonomia.

E para de fato formar cidadãos críticos e com uma mentalidade forte, a relação entre família e escola deve ser priorizada e estabelecida. É preciso criar esse elo e fortalecer esse vínculo dia após dia. Na família, a criança desperta noções básicas e fundamentais em relação à vida, e na escola essas questões são consolidadas, ou seja, é um complemento. A escola e a família exercem um papel fundamental na construção da identidade das crianças.

## **METODOLOGIA**

O referido trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, na qual contribuiu de forma positiva com ideias, fundamentações e posicionamentos de autores como o estupendo professor e filósofo Mário Sérgio Cortella (2016), o sociólogo Émile Durkheim, o Patrono da Educação Brasileira Paulo Freire (2004), normas legais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), além de fundamentar os direitos sociais estabelecidos constitucionalmente.

A pesquisa bibliográfica objetiva abordar diferentes concepções científicas acerca de um tema e buscar a resolução de um problema identificado. Desse modo, partindo dos conhecimentos prévios do assunto em foco, a busca por informações de cunho científico são pautadas em artigos, livros, jornais, revistas, dentre outros. Portanto, é uma investigação minuciosa na busca por conhecimento para a realização da pesquisa científica evidenciada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Visto que o dia 10 de setembro é considerado o dia mundial de prevenção ao suicídio, o intuito é conscientizar a sociedade sobre a complexidade do problema de saúde pública que é o suicídio. Com isso, apresentar maneiras de como pode-se evitar que um fenômeno como esse ocorra e afete mais pessoas do que o normal são promovidas nesse dia. Isso é necessário e é uma ótima iniciativa, porém que deve ser incentivada diariamente e fazer parte de discussões na sociedade, principalmente nas esferas educativas e de saúde pública. Abraçar essa causa deve ser papel da sociedade como um todo. Medidas de prevenção e conscientização partindo de documentos dirigidos e diretrizes voltadas a temática por parte dos órgãos competentes e conversas, apoio emocional.

A morte ainda é um tabu na sociedade moderna. O suicídio afeta a sociedade de forma geral, portanto não se pode mencionar o termo de forma isolada. Partindo desse ponto, discutir maneiras de acolhimento e um olhar mais humano para com o outros são ações que devem acontecer. A morte é uma certeza, mas a mesma quando ocorre de maneira intencional acentua-se como um ato de socorro e desespero.

A sociedade influencia, e portanto há a necessidade de desconstruir os preceitos de omissão e paradoxos, resgatando o amor e a empatia para com o outro. Sem dúvidas, a família e a escola representam um passo essencial nesse processo e há a necessidade de trazer para esses contextos questões desse nível, valorizando as emoções e a saúde mental das crianças e adolescentes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Vigência. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 26 abr. 2019. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006**. Institui as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, Brasília, 14 ago. 2006.

CANCIAN, Renato. **Suicídio (1)** - Émile Durkheim foi pioneiro no estudo do suicídio. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/suicidio-1-emile-durkheim-foi-pioneiro-no-estudo-do-suicidio.html>> Acesso em: 20 jun. 2022.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Por que fazemos o que fazemos?:** aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização. 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESCOLAS EXPONENCIAIS. **Qual a importância da escola na formação emocional dos alunos?** Disponível em: <<https://escolasexponenciais.com.br/desafios-contemporaneos/aprendizagem-socioemocional-dos-alunos/>> Acesso em: 23 jun. 2022.

FERREIRA JUNIOR, A. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v.2, n.1, p. 15-28, 2015. Disponível em: Acesso em: 13 jun. de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GALLARDO, Cláudia Pardas. **Inteligência emocional segundo Daniel Goleman**. Disponível em: <<https://br.psicologia-online.com/inteligencia-emocional-segundo-daniel-goleman-54.html>>. Acesso em: 20 jun.2022.

LOPES, Léo; ROCHA, Lucas. **Pandemia de Covid-19 provoca aumento global em distúrbios de ansiedade e depressão**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-de-covid-19-provoca-aumento-global-em-disturbios-de-ansiedade-e-depressao/>. Acesso em: 10 maio. 2022.

LUCHESE, Alexandre. **ANDREW SOLOMON**: "o oposto da depressão não é felicidade, mas vitalidade". Disponível: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2014/08/andrew-solomon-o-oposto-da-depressao-nao-e-felicidade-mas-vitalidade-cjvzac9f501ir01petum1jlht.html>>. Acesso em: 10 jun. 2022

MATOS, MB, BRAGANÇA, M& SOUSA, R. **Esquizofrenia de A à Z**. 1ª ed. Lisboa: Climepsi Editores, 2003.

MINHA VIDA. **Transtorno obsessivo compulsivo**. Disponível em: <<https://www.minhavidade.com.br/saude/temas/transtorno-obsessivo-compulsivo>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação Emocional na Escola**: a emoção na sala de aula. 2ª Ed. Salvador, 2000.

SEEBURGER, Francis F. **Como educar suas emoções**. São Paulo: Madras, 1999.

SILVA, Josué Cândido. **Conhece-te a ti mesmo** - Sócrates e a nossa relação com o mundo. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/conhece-te-a-ti-mesmo-socrates-e-a-nossa-relacao-com-o-mundo.htm>> Acesso em: jun. 2022.

WIKIPÉDIA. **Alienação** Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aliena%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

**Capítulo 12**  
**EMOÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR: A BUSCA  
PELO AUTOCONHECIMENTO E A INTELIGÊNCIA  
EMOCIONAL COMO ALIADA NESSE PROCESSO**

*Valéria Amorim Torres*  
*Sileide Mendes da Silva*  
*Hudmilla de Sousa Aragão*

## **EMOÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR: A BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO ALIADA NESSE PROCESSO**

**Valéria Amorim Torres**

*Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser, Remanso*

*Bahia. E-mail: [valeriaamorimtorrespedagogia@gmail.com](mailto:valeriaamorimtorrespedagogia@gmail.com)*

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora*

*pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

*<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) –*

*Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br);*

*[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)*

**Hudmilla de Sousa Aragão**

*Coordenadora Acadêmica e Professora da Faculdade Alfredo Nasser de Remanso*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0035-9561>. Mestranda do Programa de Pós-*

*Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) -*

*Universidade de Pernambuco. E-mail: [hudmilla.aragao@upe.edu.br](mailto:hudmilla.aragao@upe.edu.br)*

### **RESUMO**

A cada tempo que passa é mais gritante a necessidade em se conhecer e entender os pensamentos que norteiam a mente, assim como as emoções que surgem e causam várias reações no ser humano, pois o corpo de certo modo reage e joga para fora tudo que é internalizado. Através da pesquisa bibliográfica, os autores abordam que a saúde física depende da saúde mental e emocional e compromete todas as áreas da vida de uma pessoa, seja as alterações sociológicas, imunológicas ou funções cognitivas. As emoções influenciam a vida do indivíduo, por isso um dos pontos mais marcantes do referido projeto é salientar a força de um pensamento e de uma emoção, apresentando mecanismos para lidar com as mesmas, como a busca pelo autoconhecimento desde a infância que é destacado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Nesse sentido, ainda busca apresentar a Inteligência Emocional como uma ferramenta essencial para lidar com as emoções e como adquirir essa

habilidade na prática. Portanto, essa pesquisa se torna relevante por mencionar termos como esses e da realidade da maioria das pessoas, pois lidar com o misto de emoções que surgem constantemente não é uma tarefa fácil. É preciso estar preparado e apto para lidar com as emoções e compreendê-las.

**Palavras-chave:** Emoções. Autoconhecimento. Inteligência Emocional. Cérebro. Neurociência.

## 1 INTRODUÇÃO

Falar em saúde mental e estabilidade emocional nos dias atuais não é uma tarefa fácil, principalmente quando o conceito se relaciona aos jovens, evidentemente é na família que os sujeitos têm o primeiro contato social e dessa forma, é um ambiente que irá contribuir ou não no que se refere à construção dos valores morais, éticos que todo cidadão se molda ao longo da vida. Lidar com as emoções e identificá-las é um pouco complicado porque para isso é necessário reconhecê-las. As emoções fazem parte da vida de qualquer pessoa e moldam os comportamentos, assim como influenciam de maneira positiva ou negativa. Por isso é muito importante saber como usá-las em benefício próprio.

Dessa forma, o referido trabalho traz de forma abrangente como compreender a mente humana e a formação dos processos cognitivos e emocionais, assim como a capacidade que o cérebro humano tem em se reinventar e se desenvolver com constância através de práticas simples, como por exemplo, a Neuróbica que auxilia nesse processo de sair da zona de conforto e expandir a capacidade cerebral. Isso é possível e é uma das habilidades mais estupendas que o cérebro humano tem, pois, o mesmo possui um fenômeno chamado de neuroplasticidade que diz respeito aos neurônios que podem se reinventar sempre que são estimulados.

O cérebro comanda todas as ações do corpo humano e é o órgão mais importante. É comprovado cientificamente que o corpo pode envelhecer, mas o cérebro tem a capacidade de se expandir ainda mais com o passar dos anos e criar novas ondas e novas conexões, se regenerando em decorrência de estímulos e novas atitudes.

Portanto, como expandir a capacidade do cérebro utilizar a inteligência emocional de fato como uma ferramenta essencial para lidar com as emoções?

Com as emoções, nessa abrangência não é diferente. Quando o cérebro recebe comando externos, ele cria as emoções que representam aquele momento,

são as famosas reações emocionais. A emoção é uma resposta química ou até mesmo neural que ocorre quando acontece esse estímulo ou esse impacto, e nesse momento são liberados hormônios que alteram condição física.

São vários hormônios que são responsáveis por cada reação do corpo, por exemplo, o hormônio da serotonina é responsável pela regulação adequada de certas reações como regular a ansiedade, é o famoso hormônio da felicidade. Quando uma pessoa não está bem psicologicamente falando, isso acontece porque houve uma diminuição desse neurotransmissor, ou seja, não está acontecendo a comunicação entre as células nervosas para aumentar o nível de processamento desse hormônio.

É notório, portanto, que um comportamento influencia o outro. Compreendendo esse processo de formação de emoções e da capacidade cerebral, a Inteligência Emocional é caracterizada como um mecanismo muito importante para lidar com as emoções e reconhecer cada uma. E para tal, é preciso compreender que ter inteligência emocional não está relacionado em ser uma pessoa fria, ou não ter emoções, ou ter domínio sobre todas as emoções. Não é isso. Relaciona-se na capacidade de reconhecer suas próprias emoções e as dos outros e aprender a lidar com elas. Isso é muito necessário nos dias de hoje.

Por isso, o trabalho conceitua a mesma e apresenta como sua aquisição pode ser conquistada e aprimorada no dia a dia. Por fim, focando na busca pelo autoconhecimento desde a infância como forma de preparar o indivíduo psicologicamente para exercer seu papel na sociedade e dominar suas emoções.

E assim, o referido projeto tem como objetivo geral a aquisição da inteligência emocional e a importância da busca pelo autoconhecimento desde a infância como aliados essenciais na vida do indivíduo. E nessa perspectiva, ainda se compromete em apresentar como se originam as emoções e os processos cognitivos no cérebro humano e as práticas que podem ser usadas para auxiliar nesse processo de pertencimento e domínio das emoções.

## **O PODER DA MENTE HUMANA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA**

Os pensamentos ocupam a mente do homem 24 horas por dia, agindo de forma positiva ou não, podendo construir ou desconstruir ações. Partindo dessa lógica do poder da mente, pode-se afirmar que os pensamentos têm forte influência sobre a vida humana, já dizia René Descartes (1637) “Penso, logo existo. ”

Essa relação entre cérebro e mente é objeto de estudo no campo da Neurociência e vem sendo discutida constantemente. O cérebro é responsável por todos os comandos que são enviados para o corpo humano e a mente é a responsável pelas ações psíquicas, sejam essas conscientes ou não. Em outras palavras, o cérebro é uma estrutura física que todo indivíduo possui e a mente é o consciente, portanto estão ligados intrinsecamente.

Há uma metáfora que exemplifica isso, quando faz uma associação do cérebro ao hardware e a mente ao software de um computador, ou seja, um computador precisa do hardware e do software para funcionar, e assim o cérebro sem a mente não existe e não funciona. O poder do pensamento estimula o cérebro e o projeta a aprender e desenvolver hábitos saudáveis ou não. É o caso da neuroplasticidade que é uma das virtudes do cérebro que se refere à capacidade que o cérebro tem de modificar-se quando é treinado (ROQUE, 2016).

O ser humano pode controlar sua realidade e aprender a se autogerenciar, não vivendo a critério dos fatores externos, e para isso, é importante conhecer a estruturação da mente especificamente as ondas cerebrais que são definidas como a linguagem do cérebro.

Elas são classificadas em 5 diferentes ondas que são responsáveis por atribuições específicas. A onda Beta que é a responsável pelos aspectos cognitivos, como raciocínio, concentração e atenção, ou seja, está relacionada à lógica e aos aspectos negativos que incluem estados emocionais como o estresse, fadiga e ansiedade. Ao estimular essa área da consciência e estimulá-la, pode-se desenvolver o grande potencial para controlar o estresse e ainda liberar novas ondas que contribuirão para facilitar a compreensão nos estudos, a oralidade, uma fala em público e a concentração. A onda Alpha é caracterizada por incluir e destacar a técnica de meditação, sendo importantíssima por ajudar a melhorar o foco e o desempenho nas atividades, estando ligada a disciplina e ao planejamento. E isso pode ser feito através de práticas de relaxamento para reprogramar a mente e organizar as ideias (FONTOURA, 2017).

A onda Theta perpassa as ondas cerebrais que ajudam a expandir a memória e a criatividade, sendo destacada por incluir o treino do subconsciente, pois ao mesmo tempo que expande a criatividade quando acessada permite ainda a reprogramação mental. Por exemplo, uma pessoa que deseja reprogramar as atividades diárias e

almeja novos propósitos, ou ainda deseja uma cura física e emocional, acessando essa onda será possível criar uma nova realidade (FONTOURA, 2017).

Algumas pessoas são intuitivas e pensam que é algo comum ou oriundo da personalidade, porém, é resultado da onda Delta, que é a mais difícil de ser acessada por ter forte relação com o inconsciente, esse é mais um poder da mente humana. Por último, a onda Gama é caracterizada como a frequência mais rápida, pois possui atribuições diferenciadas com altos índices de processamentos de informações.

É perceptível que cada ser humano é único em suas habilidades, e é preciso ter consciência do poder da mente e das ondas cerebrais, sendo importante também saber como acessá-las e transformá-las aliadas para construção de um novo eu. E para isso, é fundamental modificar o modo consciência. Algumas sugestões são a técnica da meditação, a yoga e a PNL (Programação Neurolinguística). A música é outro mecanismo que estimula muito esse acesso e reprogramação das ondas cerebrais.

Para obter sucesso nesse processo de reprogramação mental, torna-se necessário compreender que todas as ondas cerebrais possuem atribuições diferentes e essenciais por estarem atuando em conformidade com cada estado mental. Não há uma melhor ou mais importante que a outra.

Como citado anteriormente, existem algumas técnicas que contribuem para essa reprogramação e a busca pelo autoconhecimento é uma outra sugestão, pois ao compreender melhor as próprias emoções e sentimentos é possível compreender também como o cérebro funciona e organizá-lo melhor. E cada frequência pode ser aproveitada e expandida de acordo com o objetivo que se queira alcançar. A meditação é uma das principais técnicas por contribuir para acalmar os pensamentos e organizar as ideias, alcançando estabilidade emocional.

A mente e todos seus processos de associações são muito complexos e amplos. Não resta dúvidas do potencial psíquico do ser humano, é o que afirma a seguinte frase de Napoleon: “Poderosa e grande é a mente humana! Pode construir e pode destruir”. Napoleon Hill(2019).

Os pensamentos contribuem de forma positiva ou negativa, e quando se chega a essa compreensão de mundo e da força que tem os mecanismos da mente humana e que não há limites para atingir o máximo de potencial, o ser humano chega a um estado pleno de convicção de mundo e desconstrução de empecilhos. E para tal, a

única maneira eficaz para alcançar esse estado pleno é mantendo a mente sempre ativa e em controle de gerenciamento (COSENZA, 2011).

Portanto, reconhecer os próprios pensamentos e filtrá-los, ou seja, buscar extrair perspectivas positivas de qualquer situação ruim que aconteça, enxergando de outra forma e assim desintoxicando e fazendo a limpeza mental fará com que o indivíduo tenha mais controle e exercite sua mente periodicamente.

## **A ARTE DE SE CONHECER: A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO SEGUNDO A BNCC**

O sistema de ensino brasileiro conta com documentos norteadores que definem como a aprendizagem deve acontecer, dentre eles a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que fundamenta de modo geral, como o processo de ensinoaprendizagem terá de se organizar, isto é, as aprendizagens e habilidades essenciais que precisam ser desenvolvidas nos sujeitos, levando em consideração que o caráter normativo do documento é validado tanto para instituições privadas ou públicas.

Isso, portanto reforça a ideia de igualdade em todos os níveis do sistema educacional, e assim contribui para o pleno desenvolvimento dos indivíduos no que se refere à autonomia, à formação integral e conseqüentemente a busca por uma sociedade baseada em princípios justos e igualitários.

A BNCC (BRASIL, 2017), articula 10 competências gerais nas quais nortearão o currículo nas instituições privadas e públicas, habilidades essas que devem ser desenvolvidas nos sujeitos durante o percurso escolar. Dentre essas competências essenciais, o autoconhecimento e o autocuidado se destacam no sentido de objetivar que as crianças e os jovens precisam se conhecer, se priorizar e ter domínio sobre suas emoções. Tal competência de número 8 da BNCC se posiciona da seguinte forma:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (BRASIL, 2017).

É evidente, que cada vez mais, principalmente na sociedade moderna atual é gritante a necessidade de se conhecer para não se corromper, e propiciar essa busca nas escolas é uma necessidade. Estimular o domínio das emoções nos sujeitos para que se entendam e compreendam os outros também.

Para tanto, é importante desenvolver nos estudantes algumas habilidades para o alcance do tão sonhado autoconhecimento, pois não é uma tarefa fácil chegar a esse nível, já que se torna necessário fazer uma autocrítica constante. E se autocriticar, apontando os defeitos e reconhecendo o que precisa melhorar é desafiador. Assim, da mesma maneira que a autocrítica irá se fazer presente nesse processo, outras habilidades como, a autoconsciência, a autoestima e autoconfiança deverão ser trabalhadas. São pontos indissociáveis. O indivíduo precisa chegar à uma condição de mentalidade consciente daquilo que é e representa.

Se conhecer é uma arte e querer mudar mais ainda, desde que essa mudança beneficie a si, como o estimável professor Mário Sérgio Cortella exalta de forma estupenda que o homem deve ser flexível, isto é, mudar quando sentir a necessidade da mudança e achar conveniente tal mudança. Um ser flexível tem foco e comprometimento consigo mesmo e na busca de seus objetivos, diferentemente de um ser volúvel que é aquele que muda facilmente de opinião ou direção, que muda por qualquer coisa, isto é, se deixa influenciar. Por isso, a importância de ser flexível e se dominar.

Alcançar o equilíbrio emocional é um desafio, mas não é impossível. É uma prática que requer momentos de reflexão e orientação, sendo assim, é papel do professor mediar e estimular essa busca em seus alunos. O docente pode começar, por exemplo apresentando conceitos e os principais pontos relacionados à conquista do autoconhecimento, propiciando momentos reflexivos é uma boa sugestão. Instigar os alunos à fazerem uma autoanálise, isso irá contribuir na formação de identidade dos mesmos e fazer com que se reconheçam como cidadãos pertencentes a uma sociedade (CURY, 2003).

A busca pelo autoconhecimento pode começar de uma forma bem simples, mas que faz toda diferença, através de questionamentos, exemplo “Quem eu sou?”, “O que me faz feliz? ”, “Quais os meus talentos? ”. Trazer essas discussões em sala de aula instiga e leva à reflexão. Certamente que, se não forem obtidas respostas satisfatórias é mais um sinal que o autoconhecimento precisa com urgência ser praticado.

A BNCC destaca algumas áreas do conhecimento que irão contribuir e auxiliar o professor em sala de aula para aquisição dessas habilidades, sendo elas, Ciências da Naturezas, Linguagens e Ciências Humanas. Para cada área citada, o professor pode fazer uso de riquíssimas atividades a fim de chegar ao ponto almejado.

Na perspectiva das Ciências Humanas, por exemplo, uma alternativa que pode ser utilizada pelo professor são os debates e as rodas de conversa que podem frisar temas relacionados à construção de identidade, autonomia e reconhecimento. Lembrando que o professor pode iniciar com os questionamentos que foram citados anteriormente. Fazer com que o sujeito se situe, reflita sobre si e o contexto que está inserido são atitudes que contribuem para uma nova postura, talvez até fazendo com que os alunos saiam do comodismo. Reforçando a ideia de compreender seus valores e ideais frente a sociedade que estão inseridos.

Na área de Linguagens, o docente pode articular de forma dinâmica sugerindo atividades que incentivem os alunos a se exporem, ou seja, despertar o lado da sensibilidade e capacidade de expressão, sendo que essas atividades podem ser realizadas de uma maneira muito simples, através de desenhos. A arte é uma forma de expressão e de comunicação.

E na perspectiva das Ciências da Natureza, uma sugestão para o docente é atuar de forma expositiva sobre a importância do autocuidado, por exemplo. Propiciar aos alunos conhecimentos sobre o corpo humano e como é importante cuidar dele. Cuidar do bem-estar físico e emocional. Essa proposta contribuirá para criar noções básicas relacionadas à higiene e ao autocuidado (CHALITA, 2004).

Considerando essas atividades que as instituições de ensino podem desenvolver em suas práticas pedagógicas para desenvolver o autoconhecimento é válido salientar que a base do desenvolvimento intelectual e cognitivo é construída nos primeiros sete anos de vida do indivíduo, por isso tanto se frisa a questão da Educação Infantil ser caracterizada como o alicerce do processo de ensino e aprendizagem.

É notório que as crianças tendem a reproduzir aquilo que presenciam, seja em casa ou na escola. Isso revela que as pessoas que as cercam são reflexos e exemplos a serem seguidos, como Bordieu (1984), considera que a jornada da família social na formação do sujeito, em parceria com a escola é a responsável pela construção dos valores morais. E para que de fato esse objetivo seja alcançado é necessário criar vínculos.

A família representa o porto seguro e deve oferecer todo suporte em contribuição da evolução das crianças. Vale lembrar que amor, incentivo, construção de identidade e valores devem ser o foco da questão. Outro ponto interessante e fundamental a ser considerado é o limite. Os pais precisam impor regras, fazer com

que os filhos entendam que as coisas nem sempre irão acontecer como o esperado. Dar amor e carinho é essencial, mas também é preciso encorajá-los e mostrar o poder do não. O Sim só tem valor para quem conhece o não (TIBA, 2007).

A plena autoridade dos pais em relação aos filhos é construída por meio de uma boa relação harmônica e através do diálogo. É preciso que os pais tenham em mente que cultivar a inteligência e manter uma boa relação com seus filhos é o que facilitará todo esse processo. Ensiná-los a agirem pela razão e a tomarem decisões é um ponto indiscutível e que certamente contribui demais para o desenvolvimento integral desse cidadão.

É responsabilidade dos pais se atentarem em relação a qualquer comportamento e também a se avaliarem, como Cortella (2018), mencionou que a Educação dos filhos é necessária, mas a dos pais também. Isto é, os pais são os verdadeiros educadores e formadores de opinião de seus filhos, e sendo fundamentais nesse processo devem investir também no seu autoconhecimento. Isso porque a responsabilidade de criar um filho apto para lidar com as adversidades da vida requer firmeza, equilíbrio e transmissão de ideais.

Cortella (2019), ainda destaca que os pais não podem em hipótese alguma dizer ou deixar a entender para um filho que aceita tudo simplesmente pelo fato de o amar. É preciso cautela, ou seja, amar um filho é repreendê-lo também quando necessário. Obviamente que tal repreensão deve ser pautada em princípios para não resultar em medo, pois é preciso impor limites para ter autoridade com os filhos. A disciplina é o caminho.

## **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL SEGUNDO A NEUROCIÊNCIA**

Para conceituar e definir de forma clara e objetiva a expressão Inteligência emocional, cabe utilizar a seguinte frase de Peter Drucker (2010) “As pessoas são contratadas pelas suas habilidades técnicas, mas são demitidas pelos seus comportamentos”, isso acaba revelando que a forma como o ser humano se relaciona e se comunica tem forte influência e impacto tanto na sua vida pessoal quanto na sua profissional.

Dessa forma, o conceito da inteligência emocional perpassa por vários fatores, considerando conceitos ligados à autonomia que o indivíduo pode adquirir para lidar com seus próprios sentimentos e emoções, e posteriormente das pessoas que fazem

parte do seu convívio social. É fato que pode ser considerado uma arte se gerenciar e dominar seus próprios pensamentos, já que a sociedade contemporânea exige cada vez mais do ser humano a capacidade de se dominar e preservar sua saúde mental.

A expressão Inteligência Emocional começou a ser introduzida e discutida em meados do século XIX por Charles Darwin, e a partir daí outras concepções foram surgindo e relacionando questões sociais e interpessoais. O que se tem confirmado, entretanto, segundo dados da Revista *Imagination Cognition And Personality* é que o termo foi usado pela primeira vez em 1990 pelos pesquisadores Peter Salovey e John D. Mayer. Em comentários de artigos científicos, os respectivos autores fixaram suas ideias no que se refere ao tema enfatizando como principal atribuição da Inteligência Emocional a habilidade adquirida para se autogerenciar, podendo ser considerada como uma ferramenta essencial que serve como guia na vida de qualquer cidadão.

É como o psicólogo Goleman (1995), ainda define que a inteligência emocional está relacionada aos diferentes traços da personalidade humana que integra a motivação, e que vai aflorar de cada pessoa no que se refere à capacidade de agir com firmeza e razão em determinados momentos da vida, assim como se encontrar em um estado de espírito constante de evolução interna, se achar conveniente tal mudança, obviamente. Esse olhar para dentro requer busca e reflexão, e isso pressupõe se conhecer por inteiro, ser consciente de suas atitudes, poderia considerar da seguinte forma: Possuir solidez em suas atitudes e valores, sendo que isso só é possível quando o ser humano de fato e de verdade pertence a si.

De forma resumida, o especialista Daniel Goleman (1996), define a Inteligência Emocional como a capacidade de identificar os próprios sentimentos e de outras pessoas, isto é, a aquisição dessa habilidade oportuniza ao indivíduo autoconhecimento e a condição de fazer uma autoanálise constantemente, sendo, que o mesmo poderá avaliar seus próprios comportamentos e posicionamentos, elevação do grau de empatia para com o outro, além de contribuir ativamente nas relações interpessoais.

As emoções, sem dúvidas regem o comportamento humano, não é em vão que seu significado em latim significa mover. Trata-se de um movimento interno e externo que se relacionam de acordo com o estado de espírito de cada momento. Segundo a Neurociência, as emoções estão vinculadas à vários aspectos, sobretudo sentimentos negativos e positivos que surgem gradativamente, e ainda podem ser classificadas em três categorias- Emoções Primárias que se caracterizam essencialmente por ser

peculiar de cada indivíduo, representando sentimentos como a alegria, o medo, a tristeza, angústia, ou seja, são indissociáveis.

Em contrapartida, surgem as Emoções Secundárias que pertencem a uma categoria mais complexa e abrangente, por estar associada aos aspectos sociais e culturais, e assim o corpo responde aos estímulos do meio através de um comportamento de tensão, vergonha, susto. Por fim, a terceira categoria que compõem o quadro psicológico se denominam Emoções de Fundo que dizem respeito à condição de bem-estar ou mal-estar psíquico do sujeito. É evidente, portanto que é basicamente o resultado da junção dos estímulos provenientes do grupo primário e secundário (DAMASIO, 2000)

O cérebro humano é o órgão essencial para o bom funcionamento do corpo humano, pois ele comanda todos os comportamentos voluntários e involuntários, os estímulos, capacidade de aprendizagem e garante que os demais órgãos funcionem bem. Fazendo uma correlação de sua estrutura física, é no hemisfério direito que as emoções são identificadas, e o hemisfério esquerdo é caracterizado pela capacidade de agir pela razão (DAMASIO, 2000).

Os dois hemisférios são indispensáveis, pois enquanto um diz respeito à criatividade e gerenciamento de sentimentos que está intimamente ligado à memória, o outro sugere a habilidade de racionalidade, da expressão e comunicação, e, portanto, é preciso dosar. Primeiramente é conveniente descobrir qual hemisfério é predominante para equilibrar e estimular as outras áreas, e isso pode ser realizado através de técnicas específicas. Assim como o corpo humano exige exercícios físicos, o cérebro humano também precisa ser estimulado com frequência e exercitado.

É fácil identificar qual hemisfério é predominante, basta analisar as áreas que se tem mais facilidade, por exemplo, se o indivíduo tem facilidade com números, raciocínio lógico isso remete que ele possui traços de atenção em sua personalidade, e, portanto, se lado predominante é o esquerdo (KATZ; MANNING, 2010)

Os exercícios são muito simples, dizem respeito às mudanças e é justamente partindo desse ponto que a mágica acontece, por exemplo, a rotina do dia a dia leva o indivíduo a fazer certas atividades e não se recordar, é o famoso modo automático.

Muitas pessoas realizam atividades simples e não se recordam, como por exemplo, onde guardaram as chaves, se fecharam as portas e isso, é normal porque viver no automático faz isso com as pessoas, não se trata da rotina em si que é enfadonha e o indivíduo esquece as atividades que executou, mas do monótono,

Cortella (2016), fala sobre isso em uma de suas obras “Por que fazemos o que fazemos?”, ele define que rotina não é monotonia, ou seja, a rotina está ligada ao conjunto de atividades e procedimentos que são realizados em uma sequência lógica, mas a partir do momento que essas ações são executadas no modo automático vira algo enfadonho e monótono, e é onde mora o perigo, não se pode deixar acontecer, é preciso ressignificar e não se prender no cárcere das rotinas, e isso pode ser realizado através da Neuróbica (KATZ; MANNING, 2010).

Os exercícios são considerados atividades que fujam dessas rotinas corridas, um exemplo básico que estimula muito o cérebro é trocar de mão ao escovar os dentes, parece besteira, mas é algo que desafia e contraria a rotina, desenvolvendo novos comandos e atuações cerebrais. Se o indivíduo é canhoto, uma sugestão é se desafiar e começar a praticar a escrita com a mão direita e vice-versa, é um outro desafio que foge da rotina e expande a capacidade neuronal.

Mudar o caminho que se transita, explorando novos espaços, observar os mínimos detalhes, se vestir de olhos fechados, a fim de estimular os outros sentidos são ricas atividades. Estimular o paladar, o tato, a audição são mecanismos que influenciam diretamente na criação de novos neurônios. É evidente, portanto, que são atividades simples, mas com uma dimensão incrível do potencial de expansão, e se o indivíduo se encontra em um estado monótono, em sua zona de conforto e não de desafio, ele pode começar a introduzir gradativamente essas atividades em sua rotina que os resultados serão notórios.

Inverter a ordem de atividades comuns da realidade fugindo da rotina é o que caracteriza a prática da Neuróbica, e isso pode ser executado através dos cinco sentidos (visão, olfato, paladar, tato e audição). De acordo com a Neurociência, o cérebro humano possui uma capacidade incrível de expansão, e mesmo envelhecendo é possível estabelecer conexões e aumentar seu potencial sem atrofiá-lo.

A prática da Neuróbica é e deve ser indicada tanto para crianças quanto para adultos e idosos. Para crianças, por exemplo, a prática exerce influência direta na conquista de novas habilidades como a concentração e a paciência, e jovens, adultos e idosos a realidade se encaixa no contexto de atividades rotineiras que na maioria das vezes ativam o famoso “modo automático” e roubam a atenção e o foco desencadeando possíveis complicações futuramente, então visando manter o cérebro sempre ativo e em constante desenvolvimento, incorporar a Neuróbica como um

mecanismo facilitador de fuga da rotina e expansão do cérebro é uma excelente opção (KATZ; MANNING, 2010).

Como citado anteriormente, as atividades sugeridas pela Neuróbica são muito comuns e podem ser usadas como subsídios de escape da rotina, o importante é se desafiar. Por exemplo, ao pegar um livro de cabeça para baixo e se propor a lê-lo é uma atividade diferenciada que desafia a mente e ao mesmo tempo estimula diversas áreas do cérebro, criando novos circuitos e o surgimento de novos neurônios. Outra sugestão positiva é a meditação, que tem a pretensão de propor ao corpo um momento de relaxamento e organização de ideias e por consequência desenvolver habilidades referentes à concentração, foco, e controle da ansiedade ou do estresse (KATZ; MANNING, 2010).

Propõe-se assim que, para o indivíduo se considerar consciente de suas ações e atitudes o desenvolvimento de habilidades como a inteligência emocional e o autogerenciamento através de práticas da Neuróbica englobando momentos de meditação e concentração nas atividades rotineiras sejam elaboradas e definidas como um exemplo a ser seguido, assim como nas escolas, aplicar também atividades que fujam da rotina e desafiem os alunos são sugestões para o professor.

## **METODOLOGIA**

O referido trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, na qual contribuiu de forma positiva para a realização do mesmo.

A pesquisa bibliográfica objetiva abordar diferentes concepções científicas acerca de um tema e buscar a resolução de um problema identificado. Desse modo, partindo dos conhecimentos prévios do assunto em foco, a busca por informações de cunho científico são pautadas em artigos, livros, jornais, revistas, dentre outros. Portanto, é uma investigação minuciosa na busca por conhecimento para a realização da pesquisa científica evidenciada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É compreensível que as emoções fazem parte da vida de qualquer cidadão, e portanto, não podem ser descartadas ou ignoradas. É importante compreendê-las, e na escola por exemplo não é admissível que essas venham a ser ignoradas, por isso o referido trabalho aborda a competência de número 8 da BNCC que frisa a

importância do autoconhecimento e o autocuidado desde a infância nas instituições de ensino. A necessidade de o educando aprender a cuidar de sua saúde física e também emocional, compreender suas emoções e também das pessoas que o cercam. Isso é extremamente necessário nos dias atuais, pois o homem é um ser completo que possui a habilidade da comunicação, da cognição, dos movimentos e dos fatores emocionais.

Assim, trazendo temas como a Inteligência Emocional é uma das sugestões para aquisição de compreensão dos sentimentos que surgem, e na verdade abordando alguns mecanismos para melhor lidar com tais emoções. Visto que, ter inteligência emocional não está relacionado em ser uma pessoa fria, ou não possuir emoções, ou simplesmente dominar todas as emoções, mas é sobre chegar em um nível de reconhecimento e pertencimento. Reconhecendo as emoções que já fazem parte da realidade é muito mais fácil lidar com elas diariamente, por isso é muito necessário essa busca incessante para adquirir tal competência. Não é fácil, mas não é impossível e é preciso constância para possuí-la.

Portanto, o referido trabalho também conceitua e exemplifica como ocorre esse processo de formação de emoções e de cognição no cérebro humano, partindo do ponto que o mesmo é um fenômeno estupendo e quando explorado da forma correta e estimulado, pode ser uma ferramenta poderosa nesse processo de desenvolvimento. Por isso, a prática da Neuróbica não pôde ficar de fora, já que consiste em estimular o cérebro e criar novas ondas de processamento através da inversão das atividades de rotina.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Lucas. **Antônio Damásio, o neurocientista das emoções**. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/antonio-damasio-o-neurocientista-das-emocoes/> Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Por que fazemos o que fazemos?:** aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização. 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 12º Ed. São Paulo: gente, 2004.

COSENZA, R.; GUERRA, L. M e GUERRA. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAMÁSIO, António R. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si;** tradução: Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORAES, Antonio Carlos. **As pessoas são contratadas por suas habilidades.** Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/pessoas-s%25C3%25A3o-contratadas-por-suas-habilidades-t%25C3%25A9cnicas-moraes>>. Acesso em: 21 jun. 2022

FONTOURA, I. **Tudo Sobre Neurociências Das Ondas Cerebrais,** 2017. Disponível em: <<https://hipnosecomneurociencias.com/neurociencias-das-ondascerebrais/>> Acesso em: 20 jun. 2022.

GOLEMAN, D. P. **Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ for character, health and lifelong achievement.** New York: Bantam Books, 1995.

GOLEMAN, D. **Emotional intelligence, why it can matter more than IQ.** Bloomsbury Publishing, London, 1996.

KATZ, Lawrence; RUBIN, M Manning. **Mantenha seu cérebro vivo.** São Paulo. Editora Sextante. 2010.

ROQUE, B. S. et al. **Neuroplasticidade – Uma Abordagem Teórica.** Revista UNINGÁ Maringá, v.47, p.65-72, 2016.

TIBA, Içami. **Quem ama educa.** São Paulo: Intregare, 2007.

**Capítulo 13**  
**ATUAÇÃO DOS TRADUTORES INTÉRPRETES DE**  
**LIBRAS EDUCACIONAL NO COLÉGIO MUNICIPAL**  
**RUY BARBOSA, NA CIDADE DE REMANSO BAHIA**  
*Zayne Nunes da Silva Lima de Almeida*  
*Sileide Mendes da Silva*

## ATUAÇÃO DOS TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS EDUCACIONAL NO COLÉGIO MUNICIPAL RUY BARBOSA, NA CIDADE DE REMANSO BAHIA

**Zayne Nunes da Silva Lima de Almeida**

*Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail:*

[professorazaynenunes@gmail.com](mailto:professorazaynenunes@gmail.com)

**Sileide Mendes da Silva**

*Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid:*

<https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. *Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPP) –*

*Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br):*

[sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

### RESUMO

O tradutor intérprete de Libras é um dos profissionais de maior relevância na educação dos surdos em uma escola inclusiva, pois é através dele que os surdos terão acesso às informações, conteúdos e comunicação com a comunidade escolar. Mas somente inserir o tradutor intérprete de Libras em sala de aula não é suficiente, tendo em vista que a presença desse profissional é importante, mas não basta para uma inclusão de qualidade. Com isso, o estudo busca refletir sobre as necessidades dos alunos surdos e dos intérpretes de Libras no contexto escolar, através de questionário ao Tradutor Intérprete de Libras de Sinais (TILS), que atuam em uma escola municipal, na cidade de Remanso-Ba. Com a análise dos dados coletados, foi possível verificar que a parceria entre o professor e o TILS é de extrema importância para que o aluno se aproprie dos conhecimentos pedagógicos, e para que o trabalho do TILS ocorra com maior qualidade, pois o mesmo busca junto ao professor, estratégias interpretativas que facilitem a compreensão do conteúdo. Os resultados apontam que o trabalho com os alunos surdos no contexto escolar deve ser visto como algo coletivo, com toda comunidade escolar envolvida, não se restringindo apenas ao intérprete, pois esses alunos permeiam por toda a escola, com isso, faz-se necessário que todos da escola saibam ao menos o básico de Libras para se comunicarem com esse aluno.

**Palavras-chave:** Tradutor Intérprete de Libras (TILS). Inclusão escolar. Aluno surdo. Parceria professor e TILS.

## 1 INTRODUÇÃO

O intérprete de libras é o profissional responsável por mediar a comunicação entre os ouvintes e surdos. Apesar de ser uma profissão antiga, só foi regulamentada recentemente com a lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que respalda a atuação do profissional no mercado de trabalho, garantindo maior segurança a profissão. Com a regulamentação da lei, foi possível definir melhorias para a profissão, como melhores salários, horas de trabalho justa, tipo de formação profissional ideal para a atuação, número de profissionais para cada tipo de evento, código de ética da profissão, entre outras melhorias.

Ao analisarmos a história, observamos que os primeiros intérpretes de Libras geralmente era alguém próximo ao surdo, com algum vínculo afetivo, alguém da família ou amigos, com intuito de ajudar os surdos, não era algo visto como profissão, nem remunerado, muitos não tinham nem formação, nem qualificação profissional para atuação. Porém, conseguiam manter uma comunicação com os surdos, às vezes misturando língua de sinais, com sinais caseiros. Observa-se que a atuação desses profissionais surgiu principalmente nos ambientes religiosos, e posteriormente nas escolas após o movimento de inclusão na escola.

O intérprete de Libras educacional é um profissional de grande importância na educação dos surdos, pois é ele o principal elo entre a língua de sinais e a língua oral no contexto escolar, favorecendo a comunicação e inclusão do aluno surdo com a comunidade escolar. É relevante pesquisar, conhecer e compreender a função social e profissional do intérprete, o que compete ao mesmo em sua atuação, assim como se a oferta de intérprete é compatível com a demanda de surdos na escola, se os mesmos possuem formação, como também conhecer os desafios enfrentados por esses profissionais na escola.

Libras é uma língua bastante difundida no Brasil, mas ainda permeiam muitas dúvidas na sociedade sobre ela. A profissão de intérprete de Libras exige formação e experiência junto à comunidade surda, mas se observa uma limitação na oferta de formação para intérpretes, principalmente presencial, e em cidades de menor porte. Essa falta de acesso a formação adequada dificulta que mais intérpretes sejam inseridos no mercado de trabalho, fazendo com que o acesso do surdo a ambientes culturais, educacionais, religiosos, de saúde e lazer fiquem limitadas, por falta de profissionais qualificados. Democratizar, disponibilizar, e facilitar o acesso a

formações para essa profissão, é um caminho para melhorar a inclusão social e acessibilidade da pessoa com surdez.

O papel do intérprete educacional ainda é algo considerado confuso para alguns profissionais, com isso, levanta-se o questionamento: Em que consiste a atuação dos tradutores intérpretes de Libras educacional no Colégio Municipal Ruy Barbosa, no município de Remanso Bahia. A escolha da temática se deu através do interesse da pesquisadora em registrar a realidade de seu município, tendo em vista que é uma cidade de pequeno porte, assim como o interesse em produzir dados sólidos referentes a temática que possam embasar futuras pesquisas sobre o tema, onde outros acadêmicos terão a oportunidade de comparar dados temporal, e referencia-se na pesquisa.

São inúmeros profissionais no ambiente escolar responsável por fazer com que a educação aconteça, cada profissional tem sua função específica, e os alunos se reportam aos mesmo de acordo suas necessidades. No caso do aluno surdo, essa comunicação é ineficiente, desde que os demais profissionais da escola não sabem libras, assim o intérprete nesse contexto por necessidades comunicativas assume a função de auxiliar o surdo em tudo que ele precisar na escola, além da assimilação do conteúdo em sala de aula, para haja melhor interação do aluno surdo com a escola.

O trabalho apresenta como objetivo geral pesquisar a atuação do intérprete de Libras educacional no Colégio Municipal Ruy Barbosa no município de Remanso Bahia, suas funções e atribuições no contexto escolar, tendo em vista a singularidade de cada aluno surdo. Especificamente, refletir a importância do intérprete de Libras junto à comunidade surda, analisar as atribuições do intérprete de Libras educacional e avaliar a eficácia da inclusão do aluno surdo no ensino regular.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 PROFISSIONAL TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS (TILS)**

Um importante avanço para comunidade surda que refletiu na profissão de intérprete de Libras, foi com a aprovação da lei de Libras, lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que garantiu direito legal aos seus usuários de se comunicarem utilizando a língua de sinais, assim como lutar por melhoria na qualidade de vida através da acessibilidade linguística.

Uma importante lei regulamentada, e de grande conquista para os Tils (Tradutores Intérpretes de Libras) foi a lei de nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta o exercício da profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. A lei dispõe ainda sobre as formações adequadas para o exercício da profissão, as principais atribuições do tradutor intérprete de Libras, público atendido por esse profissional, perfil ético que o profissional intérprete deve adotar, e outras providências relacionadas a profissão. As providências desta lei contribuíram ainda mais para o reconhecimento e valorização da profissão.

Conforme descrito na lei, a formação de tradutor intérprete de Libras, em nível médio, pode ser realizada através de cursos de extensão universitária, cursos profissionalizantes e cursos de formação continuada, desde que seja credenciada as secretarias de educação. Além das modalidades de cursos citadas, a lei também permite que realize cursos organizados pela sociedade civil que representem a comunidade surda brasileira, que tenham convalidação por instituições credenciadas à secretaria de educação.

## **2.2 Desafios no papel do tradutor intérprete de libras na sala de aula**

Lacerda (2009), ressalta os inúmeros os desafios enfrentados por tradutores e intérpretes de Libras em sala de aula, desde a própria compreensão de sua função, ao entendimento do professor regente e do aluno surdo, de qual a função desse profissional em sala. Percebe-se que existe um conflito no entendimento dos professores, de quem realmente é o aluno, delegando obrigações ao intérprete que não cabe ao mesmo.

Conforme Mantoan (2011), o cotidiano da sala de aula, o contexto escolar, exige do professor uma capacidade de organização da aprendizagem, levando em consideração as singularidades de seus alunos. Em conformidade com a autora, a pluralidade social e cultural atualmente em sala de aula é muito vasta, e se levar em consideração que em uma sala de aula com alunos surdos, coexistiram duas culturas e duas línguas, de fato o professor necessita dessa organização aprimorada.

Segundo Quadros (2004), o intérprete de Libras educacional é aquele que atua na educação. O mesmo deve possuir conhecimento sobre a área da educação, pois será responsável por intermediar a aprendizagem, as relações na escola, entre

professores e o aluno surdo, e entre os colegas com aluno surdo, assim como toda comunidade escolar. Nesse contexto, o ato interpretativo vai muito além da tradução entre línguas, pois, o contato com as relações é muito próximo, assim como o intérprete deve desenvolver estratégias de tradução para que o aluno tenha acesso ao conteúdo da melhor forma possível.

Em concordância com Quadros (2004), é importante que o intérprete de Libras educacional esteja sempre se atualizando, e que tenha no mínimo um conhecimento básico dos saberes pedagógicos, pois em sala de aula os conteúdos, e as dinâmicas são muito diversificados. E o mesmo deve ter a consciência de seu conhecimento em relação a série a ser trabalhada, pois o intérprete não precisa dominar todos os conteúdos, mas deve entender o que está sendo explicado.

Segundo Oliveira e Lima (2019), a educação e a inclusão do aluno surdo no ensino regular, muitas vezes é resumida a simples inserção do intérprete de Libras em sala de aula, ignorando os processos educacionais necessários a verdadeira inclusão. Sabe-se que a inclusão vai muito além do intérprete, começa pelo reconhecimento que naquela sala duas línguas vão coexistir, que o surdo aprende por processos diferentes, com a aceitação da singularidade do surdo e de sua língua.

Lacerda (2009), corrobora com a temática, sobre o intérprete em sala de aula, de acordo o autor, a sala de aula é entendida como um espaço onde a figura do professor é de ensinar, e a figura do aluno é aprender. Com a inserção do Intérprete em sala, automaticamente um terceiro elemento entra em cena, cuja função não é apenas interpretativa, mas também de mediar as relações no contexto escolar. Esse profissional muitas vezes é visto como cuidador do surdo, como principal responsável pelo aluno surdo, o que em tese não é verdade.

Para Lacerda (2006), é necessário definir melhor a função do intérprete educacional, tendo em vista que ainda é uma figura desconhecida, relativamente nova, que se faz preciso um delineamento mais adequado em relação aos seus direitos e deveres, assim como os limites da interpretação, orientação sobre a divisão do papel de intérprete e de professor da sala de aula regular, como também a relação do intérprete com alunos surdo e ouvintes em sala de aula, entre outros). Segundo o autor citado, tudo isso poderia favorecer um melhor aproveitamento deste profissional no espaço escolar, sanando alguns embates na atuação.

Dentre os processos educacionais do aluno surdo, a família também é de grande relevância. Conforme Quadros (2005), ao tempo em que a criança surda tiver

a possibilidade de no início do seu desenvolvimento poder contar com pais que se dediquem ao estudo da língua de sinais, além do contato com adultos com surdez, e vivenciar essa língua de sinais em no contexto escolar e social, as dimensões da aprendizagem se ampliam de forma significativa.

Lacerda et al. (2011), afirmam a que a prática do intérprete de língua de sinais está diretamente ligada a atuação do professor, sua postura, que tem o dever como educador, auxiliar a prática do intérprete. Se essa atuação não favorece a língua de sinais, a comunicação visual, a compreensão e aprendizagem do aluno surdo será comprometida. A parceria entre professor e intérprete, facilita a compreensão dos conteúdos por parte do aluno surdo, pois o intérprete pode ajudar o professor na seleção de materiais acessíveis, assim como se preparar melhor para a interpretação, e se o professor tiver noções básicas de libras, de fato consolidara-se a inclusão (QUADROS, 2004).

### **3 METODOLOGIA**

O presente estudo consiste em uma pesquisa de campo, fundamentada no âmbito teórico. A pesquisa foi realizada com tradutores intérpretes de Libras, que atuam no Colégio Municipal Ruy Barbosa, no município de Remanso Bahia, através de um questionário direcionado a esses profissionais quanto a suas experiências, vivências e observações no ambiente escolar.

Duas TILS responderam o questionário, as mesmas atuam em duas salas e séries diferentes do ensino fundamental anos finais, cada profissional acompanha dois alunos surdos em sala. A perguntas direcionadas aos intérpretes, foram sobre sua atuação juntamente aos alunos surdos, parcerias na escola, seus desafios e dificuldades no contexto escolar.

Segundo Marconi e Lakatos (2002) O questionário que pode ser utilizado em uma pesquisa, é um instrumento de coleta de dados, onde constitui-se por uma série de perguntas. Os profissionais participantes da pesquisa foram informados do que se trata a pesquisa, assim como foi enviado um termo de autorização para direção da escola, autorizando o nome da escola na pesquisa.

Em concordância com Gil (2006), o estudo coletivo tem o propósito de estudar características de uma população, a escolha do objeto de estudo é por acredita que por meio deles os conhecimentos acerca do universo ao qual pertencem podem ser

aprimorados. Com isso, conclui-se que o presente artigo é um estudo coletivo, por envolver as profissionais.

### 3.1 Análise e discussão de dados

O presente estudo tem a finalidade de refletir a importância do TILS educacional e a inclusão adequada do aluno surdo. Para a pesquisa, buscou-se compreender a atuação do TILS educacional no contexto escolar, seus limites, possibilidades, atribuições e desafios, na prática profissional junto ao aluno surdo.

A pesquisa foi realizada com duas TILS que atuam na mesma escola, nesse sentido segue dados relevantes sobre a TILS de interesse da pesquisa, seguidos das respostas das perguntas realizadas.

O quadro abaixo apresenta os dados de cada uma das TILS em relação a sua formação, assim como o tempo de atuação:

<b>Intérpretes de Libras</b>	<b>Formação profissional</b>	<b>Tempo de atuação como TILS</b>
1	Graduada Letras/Português, graduanda em Letras/ Libras e pedagogia, pós-graduanda em Libras, com capacitação para Tradutora Intérprete de Libras.	5 anos
2	Graduanda em pedagogia, cursando tecnólogo em Libras, com capacitação para tradutora intérprete de Libras.	4 anos

Conforme os dados acima, as intérpretes de Libras possuem formação na área de Libras para atuar, além da experiência no tempo de atuação, as mesmas participam ativamente da comunidade surda, com amigos surdos e trabalhos voluntários de interpretação.

Segundo a TILS 1, o intérprete é importante por promover acessibilidade linguística para o surdo, e em se tratando do contexto escolar, acesso a conhecimentos pedagógicos necessários para vida em sociedade. Para a TILS 2, o tradutor intérprete pode ser considerado um portal de acesso que o surdo usuário de Libras se utiliza para ter acesso aos conteúdos curriculares, e assim como o meio escolar.

A escola pesquisada possui 3 alunos surdos e um aluno deficiente auditivo, dois alunos no 6º ano do ensino fundamental anos finais atendidos por a intérprete 1 e dois alunos do 8º ano do ensino fundamental anos finais atendidos pela intérprete 2.

Quando questionadas sobre a carga horária, as intérpretes disseram que a carga horária dependendo do dia é um pouco cansativa, pois no dia são 6 aulas, se 4 professores usarem a aula toda explicando, no fim do expediente o intérprete já está com o psicológico fragilizado, tendo em vista que é apenas um intérprete por sala.

Sobre as dificuldades na atuação, segundo a TILS 1 a sua maior dificuldade, é em relação a proficiência dos alunos surdos em Libras, pois uma das alunas surdas está recebendo acompanhamento de intérprete em sala pela primeira vez, não é alfabetizada, e não conhece muitos sinais, e não tem muito contato com a comunidade surda por morar na zona rural, e o outro aluno surdo além da surdez, também tem déficit intelectual, não se apropriando de conhecimentos da série que estuda. Já conforme a TILS 2 a defasagem na aquisição de Libras por parte do aluno dificulta o trabalho do intérprete, pois não consegue acompanhar os conteúdos. Assim como a falta de compreensão de alguns professores sobre a necessidade de adaptar as atividades e provas do aluno.

Neste sentido Strobel (2008), pontua que as crianças surdas quando têm a oportunidade de ter acesso a cultura surda em tempo hábil, tem mais confiança e segurança no uso de sua Língua e identidade, mas quando isso não acontece ficam um pouco isolados, em meio a comunidade ouvinte. Assim, percebemos que alunos que tiveram contato tardio com a língua possuem mais dificuldade de progredir na escola, pois primeiro vão aprender a língua, para depois se apropriar dos conteúdos. Os professores por não entender o processo vão passando o aluno sem ambos conhecimentos.

Sobre os desafios, conforme a TILS 1, o maior desafio na sua atuação é o de conscientização das pessoas em relação ao aluno surdo, explicando em momentos oportunos os termos corretos sobre surdez e libras, falando as dificuldades, limites e possibilidades do aluno surdo, além de tentar fazer com que as pessoas vejam o surdo como alguém com autonomia de opinião. E que é possível que aprendam com as adaptações necessárias. Segundo a TILS 2, os principais desafios são frutos da aprendizagem de Libras tardia pelo surdo, além de uma certa desvalorização do

profissional intérprete, como a romantização do cargo, sem a devida compreensão do papel do intérprete.

Lopes e Menezes (2009, p.9-10) também corroboram com essa discussão ressaltando que:

Os alunos surdos vivenciam diariamente as dificuldades apresentadas pelos professores, que afirmam não saber como trabalhar com eles. As justificativas dadas pelas escolas para tais condições é que os alunos pelo simples fato de estarem na escola com ouvintes estão se socializando e tendo outras experiências de crescimento.

Infelizmente o surdo ainda é visto como incapaz por algumas pessoas, que acham que simplesmente eles devem existir na escola, e pouco importa se estão aprendendo ou não, e mesmo os que querem que os surdos aprendam, não buscam práticas que favoreçam esse aprendizado. Segundo as intérpretes os alunos encontram-se com uma defasagem na aprendizagem, por não estarem alfabetizados, e não possuírem fluência em Libras, apropriando-se parcialmente dos conteúdos.

É comum em escolas acontecerem atos discriminatórios pelas discrepâncias de culturas, mas felizmente aparentemente nessa escola os surdos são acolhidos. A TILS 1, disse que não percebeu ato discriminatório, os professores são educados e gentis com ela e com os surdos, assim como os alunos que são prestativos em ajudar os colegas surdos. Porém, os professores sempre se dirigem a ela e não aos surdos, o que incomoda um pouco, pois anula os direitos do surdo como aluno com autonomia. A TILS 2, não recordou de nenhum acontecimento, e não soube responder.

Sobre essa temática, Strobel (2008), considera uma questão preocupante a falta de compreensão da cultura surda por parte dos ouvintes, o que muitas vezes negligência o surdo, mas, os surdos têm lutado pela sua valorização e representatividade. Os professores precisam compreender que devem dirigir-se ao surdo, e não ao intérprete, quando esse entendimento acontece, a comunicação flui de forma mais natural.

Como ainda permeiam muitas dúvidas sobre a atuação do intérprete, as TILS foram questionadas se seu papel é confundido nesse contexto. Segundo a TILS 1, sempre acontece pedidos aparentemente simples, mas que não compete a ela, como professor sair da sala e pedir que ela observasse a turma toda, também já aconteceu de professor deixar recado para o aluno surdo, pedir que explique o assunto da aula passada em que o outro aluno surdo faltou, pedir que ensine como fazer a atividade,

o professor fica esperando que a TILS reclame com o surdo pela bagunça, entre outras coisas, eles ver o surdo como responsabilidade do TILS. Conforme a TILS 2, até mesmo os familiares dos surdos pedem favores, assim como na escola que muitas vezes solicitam algo que não compete ao intérprete, como se o intérprete fosse responsável pela vida dos surdos em vários aspectos.

Neste contexto, faz-se necessário um entendimento da comunidade escolar quanto a atuação do intérprete como aponta Lacerda (2011, p.18), é necessária uma mudança de comportamento, principalmente pelo professor que tem o dever como educador, contribuir com a prática do intérprete de Libras.

Em relação a frustração profissional, o que não significa não gostar da profissão, mas ter desafios que causam desconfortos, as intérpretes foram questionadas sobre as principais causas nesse contexto. A TILS 1 disse que gostaria que os surdos conseguissem ter um desempenho melhor na aprendizagem, que tivessem mais oportunidades de aprender em sua língua, e que os professores fizessem mais seleções de estratégias mais concretos, com recursos visuais e atividades para que os surdos tivessem mais autonomia.

Já segundo a TILS 2 é desesperador perceber que o aluno não tem condições de compreender o conteúdo da série que estuda, pois, seu repertório em Libras está empobrecido. Mas a cobrança por resultados sobre caí no intérprete, como se dependesse inteiramente dele. “Se o professor não assumir práticas que favoreçam a atuação do intérprete da Língua de Sinais, conseqüentemente, a compreensão do aluno surdo ficará comprometida” (LACERDA, 2011, p.18).

Sabe-se que o intérprete é apenas uma peça desse enorme quebra cabeça na educação dos surdos, o tempo que o intérprete tem em sala com o aluno surdo é pequeno demais para que ele ajude o surdo a aprender outros conceitos de séries anteriores, além de não fazer parte de sua função, o professor pode avaliar a situação do aluno e cobrar o conteúdo dentro das possibilidades do aluno, para que nem o aluno, nem o intérprete fique frustrado.

As intérpretes foram unânimes em responder que os alunos surdos são queridos por todos os alunos, e que interagem através de mímicas, sinais em libras e escrita ou desenhos. Para as intérpretes, os profissionais da escola têm boa vontade em aprender e se comunicar com os surdos, mas ainda falta uma formação dentro da escola, que oportunize ao menos os conhecimentos básicos para uma comunicação mais efetiva.

Quando interrogadas sobre disponibilidades de recursos em libras, as intérpretes foram unânimes em dizer que não, que a escola não dispõe de materiais em libras. Mas a escola tem internet o que possibilita pesquisar algumas coisas pelo celular.

Através da pesquisa, foi possível constatar, que a escola não é apenas um espaço para aprendizagem de conteúdo, mas um ambiente de múltiplas relações sociais e trocas, onde o surdo tem a oportunidade de mostrar sua cultura, aprimorar sua identidade e conhecer as múltiplas identidades dentro da escola, por isso se faz tão importante as adaptações necessárias ao seu pleno desenvolvimento estudantil.

No contexto educacional, é indispensável a presença do tradutor intérprete de Libras, desde que o mesmo é o principal canal de comunicação entre os surdos e os ouvintes, é através desse profissional que o aluno surdo vai expressar aos seus colegas, professores e demais profissionais da escola, suas opiniões, aprendizagens, dúvidas, questionamentos, queixas e experiências assim como receber as informações em sua língua materna.

Por meio das pesquisas, leituras, e entrevista ficou ainda mais evidente a importância do tradutor intérprete de Libras educacional, e importância desse profissional ser capacitado e empático com o aluno surdo, desde que nem sempre os alunos surdos vão possuir fluência em Libras, ou terá concluído o processo de alfabetização, tendo ainda mais dificuldades na escola.

Nota-se um desconhecimento por parte da comunidade escolar para receber esse aluno surdo, e um TILS em sala de aula, demonstrando até mesmo resistência na parceria com esse profissional que beneficiária a aprendizagem do aluno surdo, de modo que os conteúdos previamente selecionados, facilitaria o entendimento do aluno surdo, conseqüentemente seu conhecimento. Portanto, é indiscutível que o trabalho com o aluno surdo, é construído por muitas mãos, mãos que trabalham em prol do acesso, permanência e aprendizagem do aluno surdo, fazendo trocas de conhecimentos e experiências junto ao aluno surdo adaptando todo o contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: Acesso em 14 de abr. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Dispõe sobre a regulamentação da profissão de tradutor e intérprete de Libras - Libras e dá outras providências. Acesso em 14 de abr. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 3.198, de 6 de julho de 1957.** Dispõe sobre a denominação do instituto nacional de surdos-mudos, que passou a denomina-se instituto nacional de educação de surdos. Acesso em 14 de abr. de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **A Inclusão escolar de alunos surdos:** O que dizem alunos, professores e interpretes sobre esta experiência. Caderno cedes, v. 26, n. 69, maio/ago. Campinas: 2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa.; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos.** In: Coleção UAB – UFSCar. Língua de sinais Brasileira: uma introdução. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica da USFCar, 2011.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **Intérprete de Libras:** em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LOPES, Maura Corcini; MENEZES, Eliana da Costa de. Inclusão de alunos surdos na escola regular: aspectos linguísticos e pedagógicos. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. **Anais [...].** Caxambu: ANPED, 2009. p. 1-16. Disponível em: <https://bit.ly/2GdNAzV>. Acesso em: 26 de JUN de 2022.

MANTOAN, Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** (organizadora). 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa.** 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Luciana Figueredo de; LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. As concepções da surdez na voz dos intérpretes de LIBRAS. **Revista Educação Especial**, 32, e96/1-21, 2019, Santa Maria – RS. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38515/pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília, DF: MEC, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos In: Surdez e bilingüismo.** 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, v.1, 2005.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos:** Vestígios Culturais não Registrados na História. 2008a. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008a.

### Questionário

1. Na sua opinião qual a importância do tradutor intérprete de Libras no contexto escolar?
2. Atualmente quantos alunos surdos e quais as séries são atendidas por você?
3. Você considera a carga horária de trabalho adequada para sua função?
4. Quais as maiores dificuldades encontradas na sua atuação como TILS educacional?
5. Você considera o trabalho do TILS educacional desafiador, quais desafios você enfrenta no contexto escolar?
6. Os surdos conseguem acompanhar todos os conteúdos propostos, quais conteúdos os surdos têm maior dificuldade em compreender, e qual o motivo dessa dificuldade?
7. Você já percebeu algum ato discriminatório quanto a sua atuação como TILS ou com o surdo em sala?
8. Já recebeu alguma solicitação para que fizesse algo pelo surdo que não faz parte de sua função?
9. Sente-se frustrada por algum motivo atuando como TILS educacional?
10. Os alunos ouvintes interagem com o aluno surdo?
11. Os profissionais da escola buscam interagir com o aluno surdo?
12. É disponibilizado algum recurso para auxiliar sua atuação profissional em sala?

# AUTORES

**Anderson Liberato Gomes**

Estudante do curso em Ciências Contábeis da Faculdade Alfredo Nasser – Remanso – Bahia. E-mail: [andersonliberato236@gmail.com](mailto:andersonliberato236@gmail.com)

**Aucileia da Costa Santos**

Acadêmica do curso de Pedagogia, Faculdade Alfredo Nasser – Remanso Bahia. E-mail: [leiacosta029@gmail.com](mailto:leiacosta029@gmail.com)

**Cícera Maria de Melo Silva**

Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: [ciceramelo.rso@hotmail.com](mailto:ciceramelo.rso@hotmail.com)

**Hudmilla de Sousa Aragão**

Coordenadora Acadêmica e Professora da Faculdade Alfredo Nasser de Remanso  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0035-9561>. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPP) - Universidade de Pernambuco. E-mail: [hudmilla.aragao@upe.edu.br](mailto:hudmilla.aragao@upe.edu.br)

**Laís dos Santos Ferreira**

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: [ls30122015@gmail.com](mailto:ls30122015@gmail.com)

**Laís Saavedra Santos**

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN – Remanso Bahia). E-mail: [laiissaavedra7@gmail.com](mailto:laiissaavedra7@gmail.com)

**Magnólia de Araújo Muniz**

Acadêmica do curso de Pedagogia, Faculdade Alfredo Nasser – Remanso Bahia. E-mail: [nolia.muniz@outlook.com](mailto:nolia.muniz@outlook.com)

**Milena Brito Alves**

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN, Remanso Bahia. E-mail: [britomilena.rso@gmail.com](mailto:britomilena.rso@gmail.com)

**Otávia Passos Bezerra**

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN.

**Paulina dos Passos Jordão Santana**

Coordenadora do Centro de Atendimento Educacional Especializado CAEE. E-mail: [paulinapassosjordao@gmail.com](mailto:paulinapassosjordao@gmail.com)

**Sileide Mendes da Silva**

Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br); [sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)

**Tayná Santos Araújo Ferreira**

Graduanda em Administração pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: [taynaaraujo16@outlook.com](mailto:taynaaraujo16@outlook.com)

**Valéria Amorim Torres**

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser, Remanso Bahia. E-mail: [valeriaamorimtorrespedagogia@gmail.com](mailto:valeriaamorimtorrespedagogia@gmail.com)

**Zayne Nunes da Silva Lima de Almeida**

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: [professorazaynenunes@gmail.com](mailto:professorazaynenunes@gmail.com)

## **A ORGANIZADORA**

### **SILEIDE MENDES DA SILVA**

Professora da Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN. Professora e coordenadora pedagógica no Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5833-2695>. Mestranda do Curso de Mestrado (Pós-Graduação Em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) (PPGFPPI) – Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [sileide.mendes@upe.br](mailto:sileide.mendes@upe.br); [sileidemendes.uneb@gmail.com](mailto:sileidemendes.uneb@gmail.com)



ISBN 978-658488508-0



9 786584 885080